

PAOLA TEM UMA ESCRITA MARAVILHOSA QUE PRECISA SER DESCOBERTA
POR TODOS QUE GOSTAM DE BOAS HISTÓRIAS - JIM ANOTSU

PAULO DA MAGA JOSEFA

PAOLA SIVIERO



DAME
BLANCHE



"Este livro é uma das melhores obras que li nos últimos tempos. Tudo que você procura em uma boa história está aqui. E, agora, todo mundo vai correr atrás de cada palavra da Paola. Eu sei que eu vou".

Jim Anotsu, autor de "Rani e O Sino da Divisão" e de "A batalha do Acampamonstro".

□
AUTO
DA MAGA
JOSEFA

PAOLA

SIVIERO

**O
AUTO
DA MAGA
JOSEFA**

PAOLA SIVIERO

**1ª Edição
Dame Blanche
Blumenau - SC
2018**

Copyright © 2018, Dame Blanche, Paola Siviero

CAPA Marina Avila

REVISÃO Soraya Coelho

DIAGRAMAÇÃO Samuel Cardeal

Dados de Catalogação na Fonte (CIP)

Si624a Siviero, Paola O auto da maga Josefa/ Blumenau-SC: Editora Dame Blanche, 2018.

1073 Kb; ePub.

ISBN: 978-85-92997-07-6

1. Novela I. Título

CDD: B869.3
CDU: 821.134.3(81)

Todos os direitos reservados

Citações musicais:

“O Bom Filho à Casa Torna” (João do Vale/Eraldo Monteiro)
“Caçador” (Janduhi Finizola)
“Pé de Serra” (Luis Gonzaga - Humberto Teixeira)
“Sobradinho” (Sá/Guarabyra)
“Fogo Pagou” (Sivuca/Humberto Teixeira)
“Encanteria” (Paulo César Pinheiro)

“Pedras que Cantam” (Paulinho Moska)
“Retirante” (Nivaldo Lima/Manoel Pedro)
“A Estrada do Bosque” (Bixio *E.Rusconi* Nise)
“Heavy Metal do Senhor” (Zeca Baleiro)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[1 — O DIA DA CAÇA](#)

[2 — FORRÓ, SANGUE E CACHAÇA](#)

[3 — A MALDIÇÃO DA CASA GRANDE](#)

[4 - O MISTÉRIO DO AÇUDE ORÓS](#)

[5 — CÉU EM CHAMAS](#)

[6 — A LUZ QUE ME ALUMIA](#)

[7 — CORAÇÃO DE PEDRA](#)

[8 — O OLHAR DA ESCURIDÃO](#)

[9 — LUAS PASSADAS](#)

[10 — O REPENTE DO INFERNO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

Prólogo

*Essa água dos meus óio
Algum dia vai parar
O bom filho volta à casa
Por isto eu vou voltar
Eu já vi ditado certo*

Pr'aprender tem que apanhar

João do Vale, “O bom filho à casa torna”

Havia um fantasma no quarto de Toninho.

O garoto não o via, já que não havia nascido com dons mediúnicos, mas desde pequeno aprendera a identificar os sinais. Apesar do bafo cálido que soprava pela janela aberta, um arrepio percorreu sua espinha. Toninho esquadrinhou o cômodo com a certeza desconcertante de que alguém o observava.

Havia um fantasma no quarto de Toninho. Ele sabia disso, assim como sabia que as estrelas brilhavam, pálidas, no céu sem nuvens do lado de fora.

Então fez o que qualquer criança como ele faria: sentou-se no colchão fino de fibras, fez o sinal da cruz por força do hábito e atravessou o quarto até o armário na parede oposta. A lua estava cheia e banhava o ambiente; dava para ver as ripas entre o barro nas paredes e os troncos compridos que sustentavam as telhas lá em cima. A sensação do chão de terra batida sob os pés descalços era reconfortante. Toninho estava em casa, ao contrário da alma penada que havia vindo lhe assombrar.

Abriu a porta do armário devagar para que ela não rangesse. De uma das prateleiras, pegou um crucifixo, um saquinho de chita pesado de sal e um vidrinho com água benta.

A água, passou na testa, em forma de cruz — *para lhe dar forças*, ouvia a voz do pai repetida na mente. O sal, jogou aos pés, formando um círculo, para garantir proteção. Por fim, segurou a cruz à frente com as duas mãos. Alma, escudo e espada.

Iniciou o Pai Nosso e o ar pareceu ficar espesso feito mingau frio. Era o espírito resistindo, querendo ficar. Seu pai havia explicado que o caminho para o além andava meio congestionado, por causa das milhares de mortes diárias advindas da guerra no mundo. Todas as noites, depois do jantar, a família se ajuntava ao redor do rádio para ouvir as notícias. No dia anterior, o locutor anunciara que a Itália havia invadido a França. De países distantes Toninho pouco entendia, mas morte e rituais de despacho eram tão parte de sua rotina quanto farinha era de suas refeições.

— Ô, diacho, segue logo a tal da luz — Toninho ordenou, num sussurro, sem querer acordar os pais.

O pai ou a mãe resolveriam o assunto em um minuto, pois eram os melhores caçadores de demônios de toda a Paraíba. Mas já haviam ensinado o filho a lidar com assombração, a desfazer vodu e a espantar chupa-cabras. Era a primeira oportunidade que Toninho tinha de provar que conseguiria seguir os passos deles e não a deixaria escapar.

Apertou o crucifixo nas mãos, respirou fundo e retomou a reza. A assombração resistia e o garoto, de alguma forma, sabia que o desencarnado tinha algo a dizer.

Com um misto de apreensão e empolgação, Toninho se decidiu e parou o ritual. Levantou o colchonete e puxou dali de baixo um segredo: um tabuleiro ouija, daqueles para conversar com os mortos, que o garoto adquirira — em troca de uma galinha preta, um fio de cabelo de viúva e uma pedra de sal de rocha — de uma necromante amiga da família.

O pai não achava certo lançar mão daqueles artifícios para conversar com seres do além. *Invenção do sete-pele*, dizia ele. Talvez por isso mesmo tivesse sido tão irresistível comprá-lo.

Toninho pegou o copo que estava na mesinha de cabeceira e verteu goela adentro o resto d'água. Quando estava vazio, pousou-o de cabeça para baixo sobre o tabuleiro.

— Que é que tu quer, encosto? — o garoto perguntou, com ambas as mãos sobre o copo. — Desembuche logo, que eu tô com pressa!

O objeto começou a ser arrastado e ele não conseguiu conter um engasgo de surpresa; era a primeira vez que utilizava o artefato mágico.

Acompanhou com os olhos enquanto o copo se movia em direção a cada letra do tabuleiro. Repetia mentalmente as sílabas conforme eram formadas.

Dona Branca com a faca na sala de estar.

Toninho teve a suspeita de que aquilo se tratava da pista de um crime. E, como se o morto assassinado desse seu último suspiro revelador, o copo formou mais uma palavra: *Juazeirinho*.

O vilarejo ficava a meio dia de viagem. Decidiu que iria até lá na mula encantada no dia seguinte, pela estrada de terra que o seu Getúlio tinha mandado abrir na região.

— Pode deixar que eu resolvo esse engodo, seu morto. — Então escondeu o tabuleiro de novo embaixo do colchão e retomou o ritual de mandar alma penada para o além. — Pai nosso, que estais no céu...

O fantasma retirou-se, rudemente, antes mesmo do amém.

Toninho sorriu para si mesmo, sentindo-se meio metido a besta; havia conseguido despachar o desencarnado e ainda por cima tinha nas mãos a informação para desvendar um crime. Estava se saindo um caçador melhor que a encomenda. Por um breve momento, perguntou-se para onde o espírito havia ido e se ele estava bem.

Enfiou seus materiais de trabalho de volta no armário e se virou para voltar a dormir. Então viu, projetada no solo, a sombra de uma criatura maligna iluminada pelo luar.

— Ahhhh! — O grito quebrou o silêncio da noite e fez berrarem as cabras lá fora. — Cr'em Deus pai!

Seu pai chegou em segundos, correndo com os cabelos escuros desgrenhados, vestido apenas de calções e a peixeira em punho, desembainhada. Pronto para o combate.

Mas estacou feito uma mula assim que avistou também a criatura. Só uma pessoa poderia ajudá-los.

— Maria, acode aqui!

A mãe apareceu sem demora com rosto franzido em brabeza, uma adaga em cada mão, touca na cabeça e camisola comprida.

— Cadê? — ela indagou, vasculhando o quarto à procura do inimigo. — Demônio? Zumbi de cangaceiro? Gigante da chapada?

— Pior, muito pior! — o marido respondeu, apontando para a janela. — Um barbeiro!

A mulher fitou os dois, apoiou os punhos na cintura — sem soltar as adagas — e balançou a cabeça.

— Todo esse escarcéu por causa da porcaria de um barbeiro? Cambada de homem frouxo!

Maria arrancou o chinelo, dirigiu-se meio manca até a janela e acabou com o infelizinho de uma vez, numa tacada só.

Toninho e Francisco finalmente soltaram o ar. A mulher caminhou até eles e apontou a chinela em suas fuças.

— Por terem me acordado por causa disso — ela disse, enfática, virando a sola para mostrar o cadáver esmagado do inseto —, da próxima vez que uma macumba der bode, vocês dois vão mandar os demônios de volta pros quintos dos infernos sozinhos!

— Mas Maria, tu é a melhor de exorcizar demôni...

— Sem “mas Maria”! — ela repreendeu.

Pai e filho calaram-se, amuados. Um sopro morno veio da janela e os três, em sincronia, se contorceram em um arrepio.

— Passou um espírito aqui — Francisco concluiu.

Toninho não conseguiu conter o sorriso.

— Passou, painho, mas já mandei ele pro além.

Maria pousou a mão no coração e deixou o queixo cair. Os olhos de Francisco ficaram rasos de lágrimas.

— Oxe, se meu filho não tá virando homem! — a mãe disse, arrochando o menino nos braços.

— Tá virando é caçador, isso sim! — Francisco reforçou, a voz embargada, dando-lhe tapinhas no ombro. — Tua primeira missão, Toninho, e tu nem precisou de ajuda.

O sorriso do menino se alargou e seu peito se inflou. Depois, lembrou-se do que cruzara sua mente logo após do ritual.

— Tava aqui pensando — ele começou —, pra onde é que eles vão quando a gente faz o despacho?

Os pais arquearam as sobrancelhas.

— Depende da vida que o cabra levou, meu filho — Maria respondeu. — Tem gente que vai pro céu, quem se desviou um pouco vai pro purgatório. E quem se perdeu de vez, tu já sabe...

— Mas como é que a gente sabe? — Toninho perguntou, com a pulga atrás da orelha. — Como é que eu sei se vou pro céu no final?

— Pois é claro que tu vai pro céu, que pergunta besta!

— Chico, ele não é mais criança — Maria disse, pousando a mão sobre o ombro do marido. Depois virou-se para o filho: — Toninho, tu vai saber. Todo mundo tem um bichinho na cabeça chamado consciência que avisa se estamos fazendo o que é certo. Ouça o seu bichinho e vai ficar tudo bem.

— Vou ouvir, mainha — ele prometeu. — Vou ouvir sempre.

Maria sorriu. Francisco virou a peixeira na mão e estendeu o cabo de madeira ao filho.

— Toma, meu filho. Se tu não é mais criança, precisa de uma boa arma.

A boca de Toninho se abriu. Ele esticou o braço devagar e, quando seus dedos tocaram a arma, anjos cantaram e trovões ribombaram — ou pelo menos era assim que Toninho gostava de se lembrar do momento.

— Tu tem que cuidar muito bem dela — o pai explicou. — Manter afiada, polida, abençoada, envenenada e enfeitiçada. Nunca se sabe que criatura vai aparecer no dia seguinte.

— Ela é linda. E pesada — o garoto disse ao balançar a peixeira de um lado para o outro.

Francisco concordou com a cabeça e depois deu um suspiro sofrido.

— Ah, meu filho, o peso da peixeira na mão nem se compara ao que um caçador carrega nos ombros. É o peso das mortes, da vida, do equilíbrio do mundo. — Os três se entreolharam. Toninho pensou no irmão, que deixara a casa meses antes para começar sua jornada. — Em breve tu vai entender.

O garoto fitou a imensidão lá fora: o terreiro árido, o poço d'água lá no meio, o pé de umburana com seus braços nus e a cerca de estacas. Mesmo sem enxergá-la, sabia que além da propriedade, serpenteava a estrada. O galo cantou; o sol não tardava a nascer.

E junto com ele, raiava em Toninho a vontade por grandes caçadas.

1 – O dia da caça

*Foi pro certo um caçador
De caçar não se cansou
Mas, se assim continuar
Só resta pra matar
Atirar na solidão.*

Luiz Gonzaga, “Caçador”

Já fazia tempos que Toninho percorria o agreste e o sertão sozinho, caatinga adentro, caçando de tudo. Havia resolvido casos de urubu comedor de gente viva no norte de Minas, chácaras infestadas por duendes no interior do Sergipe e até mesmo mortos que se recusavam a permanecer na tumba no Ceará. Demônios também, aos montes, tanto dos que vinham encarnados em pele de monstros, quanto dos possuidores de pessoas.

Mas nenhuma caçada assemelhava-se àquela.

O suor lhe escorria da testa aos baldes e pingava do queixo; era preciso uma força danada para segurar a possuída. Dentro da pequena casa de um cômodo, ele e o padre prendiam-na à rede, enquanto a mulher gritava palavras em língua desconhecida, fazia caretas e se contorcia. No chão de terra batida, o caçador havia desenhado a giz a complexa Chave de Salomão para prender o demônio quando ele deixasse o corpo.

O clérigo proferia, em alto e bom som, as palavras sagradas para o exorcismo. Quando finalmente terminou, ouviu-se um grito final. A pobre coitada ergueu o tronco e abriu a boca, vomitando uma névoa escura e densa. A coisa moldou-se no ar, aos poucos tomando uma forma imaterial de criança. Toninho franziu o nariz quando a catinga de enxofre lhe chegou às ventas.

— Hi hi hi — o ser dos infernos riu, com sua voz irritantemente infantil. — Tu não me pega, tu não me pega!

Em seguida, a criatura correu pelos ares, deu um tapa na orelha de Toninho e saiu pela janela aberta.

— Ah, demônio da moléstia! — o caçador praguejou, punhos ao ar.

Aquele caso parecia não ter fim. Toninho e o padre seguiam o rastro do desgraçado desde Venturosa, no agreste pernambucano.

O maior ponto turístico do município, a Pedra Furada, era na verdade um portal pelo qual chegavam espíritos e criaturas de outros mundos.

Não havia como impedir a passagem ou tapar o rasgo entre realidades paralelas, mas, normalmente, alguém dava cabo dos seres antes que eles se tornassem um estorvo: um caçador, um padre, um santo, um orixá, um preto-velho ou qualquer outro com poderes divinos e dois dedos de paciência. Porém, com o demônio-criança a situação era diferente; aquele era o quinto exorcismo que Toninho e Padre José conduziam com sucesso, e a quinta vez que o filho de uma égua escapava. A Chave de Salomão nunca deixara Toninho na mão, mas dessa vez não estava funcionando. Algo estava errado.

A ex-possuída começou a soluçar assim que o mal deixou seu corpo. O caçador deveria tentar acalmá-la, explicar sobre o mundo sobrenatural, mas estava exausto demais para isso. Apenas tirou o gibão de couro, verteu água da jarra em uma bacia de barro e enxaguou o rosto, tentando lavar a frustração.

— Homem, tu é o pior caçador de demônio da história — Padre José disse, enquanto colocava uma compressa fresca na testa da pobre coitada.

— Oxe, e que culpa eu tenho se esse demônio consegue passar pela chave? E o desenho tá certinho, que eu conferi nos livros — o caçador garantiu, indicador levantado e tudo. — Mas tenho um plano, padre, podemos consultar uma cigana...

— Aqui é meu ponto final, meu filho — ele interrompeu, sacudindo a batina para tentar espantar o calor. — De agora em diante, essa estrada é só sua.

— Tu vai me abandonar?! — Toninho indagou. — E como é que eu vou exorcizar o demônio sozinho?

O clérigo respirou fundo e balançou a cabeça.

— Toninho, não é por mal, mas preciso voltar para minha paróquia — ele explicou, de braços abertos. — Recebi uma asa-branca-correio dizendo

que uma gárgula apareceu na torre do sino. Se eu não cuidar disso agora, a igreja vai ficar infestada.

A notícia foi um balde de água quente — já que um de água fria naquele calor seria muito bem-vindo. Toninho sabia que não adiantava insistir, então apenas assentiu. Os dois despediram-se rapidamente e Toninho decidiu seguir viagem. Atravessou a porta capenga da casa, arrastou-se pela rua poeirenta e viu sua mula encantada ao longe, descansando sob a sombra de um juazeiro. O sol recém-nascido já sapecava a pele, com a promessa de mais um dia escaldante.

— Agora somos só eu e tu, Véia.

A mula relinchou um protesto.

— Eu sei que a culpa é minha — Toninho respondeu, mal-humorado, prendendo à cela já lotada os apetrechos que havia utilizado no ritual. Num dos bolsos, guardou os talos de giz. — Mas apontar dedos ou cascos não resolve o problema, preciso da sua ajuda. Temos que achar o demônio de novo e alguém que saiba me dizer por que diabos a Chave de Salomão não está funcionando.

O caçador pôs o chapéu de couro, apoiou o pé no estribo e num impulso acomodou-se no lombo do animal. Véia entendia o que ele dizia, por isso não eram necessárias esporas, nem mesmo um toque de calcanhar; Toninho esquecera-se disso apenas uma vez e foi lançado longe. Além disso, tinha um faro apurado para seguir o rastro de criaturas mágicas, amarrações e monstros da noite. Na maioria das vezes, era a própria mula que encontrava as missões. Então Toninho apenas deu a ordem: — Pra dentro da caatinga, Véia.



A monotonia seca açoitava a paisagem: uma estrada de terra vermelha ladeada por xique-xiques cheios de braços, caroás espinhosos e angicos sem folhas. Era mês de janeiro e não chovia no Vale do Ipojuca há meses. Até os animais pareciam abobados pelo calor; o único som esporádico era o de um lagarto-das-rochas atravessando a estrada ou o assovio melodioso de um curió.

Depois de boas horas na estrada, Toninho avistou entre morros um vilarejo no horizonte. Quase uma hora mais tarde adentrava o local, com

suas casinhas coloridas, uma capela amarela e a agitação de uma feira livre.

Desmontou para que Véia pudesse descansar e caminhou entre o aglomerado de pessoas. Logo descobriu que estava em Riacho das Almas. Nas barraquinhas da feira vendiam-se tecidos, santos de madeira, louças de cerâmica, macaxeira, galinhas e cabras raquíticas, laranjas e abacaxis que deviam vir de Caruaru, dentre outras iguarias. Na frente de uma casa simples, ao final da rua, uma senhora anunciava os pratos do dia. A comida borbulhava em panelas de ferro sobre um fogão a lenha, e Toninho apontou para a do meio.

— Me veja um sarapatel, faz favor — pediu, com água na boca. — Com bastante farinha.

— Tome lá, meu filho — ela respondeu, oferecendo-lhe a cumbuca e tomando as moedas de cruzeiro que o caçador estendia.

Depois de comer, passou a observar as pessoas; havia aprendido que há muito a se dizer de alguém por suas compras. A maioria parecia normal, mas uma análise minuciosa revelava aqueles que de alguma maneira envolviam-se com o sobrenatural. Um homem ali insistia em levar apenas galinhas pretas, uma mulher de olhos esbugalhados comprava o estoque inteiro de alecrim de uma barraca, mas foram sussurros apressados que chamaram a atenção dos ouvidos bem treinados do caçador.

— Tu tem preá?

— Tenho — o açougueiro respondeu, baixinho. — E tá limpinho.

Comer ratos não era lá muito bem visto, mas tampouco era indício de atividade macabra. Toninho fingia observar as peças de charque e os baldes de banha onde eram conservadas as carnes mais frescas, enquanto escutava.

Já havia se decidido que a mulher era apenas uma apreciadora de carnes exóticas quando a estranheza voltou à negociação.

— Eu queria com o couro — ela explicou. — Não tem um aí sem limpar? Ou vivo mesmo, também serve.

— Ó, dona, eu guardei o couro. Se tu quiser, lhe vendo a carne e o couro por um bom preço.

— O couro ainda tá com os pelos?

— Tá. Eu só esfolei e pus pra secar.

— Então vou levar. Mas só o couro, a carne não — ela disse, ao ver que o cabra já havia puxado de um dos baldes o bichinho desencapado. — Que ideia de jerico essa de comer ratos.

O açougueiro engoliu o desaforo, mas fez um preço bastante salgado pela pequena peça de couro que ainda nem estava curtida. A mulher enfiou-se entre as ruazinhas da vila e Toninho a seguiu. Viu quando ela jogou fora o couro numa esquina vazia.

— Tava precisando de pelo de rato pras tuas bruxarias?

A mulher virou-se num supetão e Toninho a encarou pela primeira vez. Tinha traços fortes: sobrancelhas grossas, lábios fartos, maxilar bem marcado. Parecia jovem e ao mesmo tempo exalava um ar sábio. Seus longos cabelos negros ondulavam num brilho intenso e seus olhos cor de terra lhe conferiam um ar sobrenatural. Havia algo de macabro e luminoso sobre aquela figura.

— Sentiu meu perfume e veio atrás de mim, caçador?

Além de bruxa, a bicha era adivinha.

— Mais ou menos isso. — O mérito do faro mágico era de Véia.

— Tu vai tentar me matar aqui mesmo? — ela perguntou, com um sorriso maquiavélico. — Ou quer ir pra um lugar mais reservado?

Naquele momento, Toninho deu-se conta do problema. Ele tinha vindo pedir ajuda, não matar ninguém. Mas se a mulher achava que ele achava que devia matá-la, era porque a danada achava que tinha razões para ser caçada. E, no meio de tanta achisse, o caçador passou a achar também.

Sacou a peixeira, pois não tinha certeza de que tipo de criatura se tratava. Sua lâmina tinha poderes diversos: era de prata, para dar conta de lobisomens; benzida, para enviar demônios de volta ao inferno; amaldiçoada, caso enfrentasse anjos caídos; banhada em veneno de cobra, se tivesse que acabar com chupa-cabras ou mulas sem-cabeça, e bem afiada, para dar cabo de cabras safados.

Na rua vazia, o vermelho do chão confundia-se com o dos muros das casas de barro. Toninho posicionou-se para o duelo. O sol estava alto e impiedoso; não havia sombras, nem dúvidas. A terra seca logo beberia o sangue de um dos dois.

— Se tu quiser confessar seus pecados, a hora é agora — ele avisou.

A mulher misteriosa riu.

— Tu não sabe nem mesmo o que eu sou, não é mesmo, caçador? — ela perguntou. — Gente como eu não reza, nem pede perdão.

Ela gesticulou as mãos de uma forma complexa e a peixeira de Toninho voou longe, atirada pelo impacto de ar. Aquilo era magia pura, de sangue, sem truques. Aquela mulher só podia ser uma coisa: — Maga — o caçador concluiu, desarmado e desavisado.

Sem o preparo necessário, ele não tinha nenhuma chance contra a filha do capeta. Bruxos eram humanos que se metiam com receitas macabras, mas magos eram a cria de uma mulher com o próprio sete-pele, que vinha lá de baixo deitar-se com as coitadas. Eram coisa rara e perigosa; seu poder demoníaco era visceral e a intensidade variava de acordo com a idade. E, dada aquela demonstração, não se tratava de uma jovem donzela. Toninho só não estava morto ainda porque a maga parecia apreciar a tortura da espera.

— Tu tem sorte que hoje eu tô de bom humor — ela disse, dando de ombros. Depois o enxotou com a mão, como se faz com uma mosca. — Vá-se embora logo, antes que eu mude de ideia.

Toninho, de tão aturdido, não se moveu. Já tinha levado a mão à cruz sob a camisa e começado a pedir perdão pelos últimos pecados.

— Tu não vai me matar?

— Bom, se tu perguntar de novo, eu vou — ela respondeu. — Tu é burro ou corajoso além da conta? Toca a mula, caçador.

Mula. Se Véia o levava até lá, era porque sabia que a maga poderia ajudar. Se a sorte estava ao seu lado, talvez Toninho pudesse abusar.

— Tô atrás de um dos seus irmãos, que resolveu possuir o agreste pernambucano inteiro.

Ela apontou um dedo na direção de Toninho, que se encolheu todo, esperando uma magia mortal das brabas.

— Ah! Então é tu que tá fazendo esse furdunço todo? — a mulher meio que perguntou, meio que concluiu. — Toda vez que eu tô no rastro dele, vem alguém e exorciza o danado.

— Bem, eu e o padre... tava tudo certo, mas ele escapou da Chave de Salomão...

— Uma Chave de Salomão comum não prende esse demônio, não, querido.

— Pois é, isso eu já percebi. E vim até aqui procurar ajuda, não sei mais o que fazer pra acabar com o desgraçado.

A maga o encarou por uma eternidade, mordeu o lábio e suspirou de um jeito desacreditado.

— O sol deve ter fritado os meus miolos — ela sussurrou, mais para si mesma do que para o caçador. — E se juntarmos forças e o caçarmos juntos?

— Eu e tu?

— Não, *eu* e tu — ela explicou com veemência, apontando pra si. — Eu dou as ordens.

— E por que tu?

— Porque eu quero — a maga respondeu, entredentes. Talvez a sorte do caçador estivesse começando a rarear.

— Ah, explicando assim bem explicadinho, tudo bem.

Ela cuspiu na mão e a estendeu ao caçador.

— Josefa — ela disse, apresentando-se.

Toninho sabia que aquela era uma forma mágica de impedir que um traísse o outro.

— Pacto de cuspe? — ele questionou, franzindo o nariz, sem muita vontade de colar sua mão à dela. — Achava que seu povo gostava mesmo é de pacto de sangue.

— Para roubar almas, sim — Josefa respondeu, com um sorriso maligno.

O caçador arregalou os olhos, cuspiu na própria mão mais que depressa e selou o acordo com a filha do diabo.

— Antônio Francisco da Silva Teixeira — ele respondeu, apertando a mão firme da bichinha. — Ou só Toninho, pros inimigos mais íntimos.



— Josefa?

— Que é, Toninho?

— Quem vai fazer o quê?

— Eu desenho a Chave, tu segura e exorciza o safado.

— Por que eu?

Ela inspirou fundo, virou a cabeça lentamente para o caçador e estreitou os olhos terrosos.

— Primeiro, porque tu não sabe fazer a chave certa. Segundo, porque eu tô mandando.

— Falando assim até que faz sentido.

Com a ajuda do faro aguçado de Véia, descobriram que o desgraçado havia possuído um senhor de idade, lá na zona rural do município. Durante horas, prepararam o ataque: Josefa fez um encantamento para que o demônio não percebesse a aproximação de seus capatazes, Toninho se benzeu para dar mais força ao exorcismo e Véia se retirou para descansar.

Madrugada avançada, a dupla estava em frente à casinha azul de janelas vermelhas. O encantamento seria quebrado assim que os dois atravessassem a entrada da casa, e o demônio provavelmente viria para cima com tudo.

— Tá pronto, caçador? — ela perguntou, mão estendida à frente, preparando mais uma magia.

— Nasci pronto.

Com uma explosão, a porta estilhaçou-se, lançando lascas de madeira para todos os lados.

A sala estava iluminada por velas negras, e galinhas e cabras destroçadas jaziam no chão. Diversos símbolos demoníacos tinham sido pintados nas paredes a sangue. O cheiro era podre, de fazer o estômago embrulhar. Mas Toninho teve apenas alguns segundos para absorver a cena toda. Do quarto, veio o velho correndo, bem mais rápido do que seria possível para alguém de sua idade.

Os olhos do homem estavam virados para dentro, seu pescoço pendia em um ângulo estranho, sua boca estava aberta e suas mãos, ao ar. Em resumo, estava prontinho para esganar o primeiro cabra em que pusesse as mãos. Para uma pessoa comum, a cena seria aterrorizante. Toninho, entretanto, sentia no máximo um pouco de gastura por causa daqueles olhos brancos.

Deixadas de lado as frescuras, o caçador atirou-se contra o possuído. Embrulharam-se por alguns segundos, mas o velho tinha uma força descomunal e o arremessou longe.

— Tá lascado — ele anunciou à maga, acariciando o cocuruto. — O velho é mais forte que um troll do agreste!

— E tu é tão útil quanto um balde em açude seco! — Josefa ralhava, gesticulando com as mãos e franzindo o cenho como se fizesse força.

De suas palmas, brotou um fio prateado que logo adquiriu a forma de uma cascavel. O bicho etéreo flutuou e enrolou-se em volta do velhinho. Ele, por sua vez, começou a gritar e balançar a cabeça freneticamente.

— Cara feia pra mim é fome, demônio! — ela repreendeu. — Se aquiete!

— Irmã! — o velho gritou, com aquela voz estridente de criança. — Sou eu, irmãzinha querida, me solte!

— Qual é o seu nome, coisa ruim?

— Asmodeus — ele respondeu, com um sorriso inocente. A voz e expressão infantis na cara enrugada seriam cômicas se não fossem bizarras.

— Já ouvi falar muito de ti, filho de Lúcifer e Lilith. Dizem as más línguas que tu é um dos piores lá de baixo.

— Pois então o povo do agreste não é tão burro quanto eu pensava — Asmodeus respondeu, com um sorriso largo nos lábios.

Toninho se arrepiou todo. De repente pareceu má ideia estar sozinho com uma maga e um demônio num altar de magia negra. Ele havia aceitado a oferta de Josefa sem nem ao menos questionar seus motivos. Havia o pacto de cuspe, mas a maga com certeza conseguiria burlá-lo se assim desejasse.

— Pois é hoje que tu volta pra casa, Asmodeus — Josefa anunciou.

— Não! — O demônio abriu um berreiro. Bateu o pé.

A maga o ignorou e passou a desenhar a chave especial no chão.

— Ande logo com o exorcismo, caçador!

Toninho abriu o caderninho que levava no gibão e começou a recitar as palavras santas em latim: — *Regna terrae, cantate deo, psállite dómينو, tribuite virtutem deo Exorcizamus te...*

Sabia o significado de cada uma, mas recitava-as da maneira automática, da mesma forma como se reza um Pai-Nosso ou uma Ave-Maria.

Josefa precisou de uns bons minutos para terminar o complexo desenho: em vez de cinco pontas, aquela estrela tinha oito, e muitos mais pantáculos que a tradicional Chave de Salomão.

O rosto moreno da maga ficava cada vez mais pálido conforme o ritual avançava. O suor grudava seus cabelos escuros à frente e a serpente que prendia o velho se desvanecia aos poucos. Toninho desconfiava que era necessário um esforço enorme para manter a mágica ativa.

— *Ergo, draco maledicte et omnis legio diabolica, adjuramus te per Deum vivum, per Deum verum, per Deum sanctum...*

“Portanto, dragão amaldiçoado e toda legião diabólica, nós te conjuramos pelo Deus vivo, pelo Deus verdadeiro, pelo Deus santo...”

Josefa soltou um soluço de agonia e fez os últimos símbolos no chão entre gemidos contidos. Assim que terminou, soltou o giz e desfaleceu no chão. Sua respiração estava entrecortada, mas ainda assim a cobra mágica matinha o velho no lugar.

— *Ab insidiis diaboli, libera nos, Domine. Ut Ecclesiam tuam secura tibi facias libertate servire, te rogamus, audi nos. Ut inimicos sanctæ Ecclesiæ humiliare digneris, te rogamus audi nos.*

“Das ciladas do demônio, livrai-nos, Senhor. Que a Tua Igreja possa servir-Te em paz e liberdade, nós te pedimos, ouvi-nos. Humildemente vos pedimos, livrai-nos dos inimigos da Santa Igreja, nós Vos suplicamos, ouvi-nos Senhor.”

O caçador recitou as últimas palavras, o cheiro de enxofre subiu e a fumaça preta brotou da boca do velho. Este estatelou-se no chão de quatro e saiu engatinhado, enquanto choramingava baixinho. A fumaça, por sua vez, adquiriu novamente aquela forma quase corpórea, na estatura de um garoto de cinco anos bem alimentado ou um de sete desnutrido.

Josefa pareceu recuperar um pouco das forças e levantou-se.

— Eu não quero ir pro inferno, por favor — o diabinho pediu, a boca torta em um choro. — Lá é mais quente e mais seco que o sertão. Não existe água em lugar nenhum. As pessoas estão sempre vagando com sede e com fome, a garganta fica colada e o estômago, doendo. Tem gente que come terra. Tem gente que *vira* terra, irmã! Alguns se cortam pra beber o próprio sangue. Uns cortam os *outros*, como vampiros. A dor... a dor é intensificada no inferno. Amplificada mil vezes. E enquanto as pessoas choram lágrimas de poeira, Lúcifer ri. A risada dele é sempre o fundo musical da paisagem desértica. Eu... eu só queria poder viver um pouco como ser humano, sentir algo que não fosse dor. Por favor.

Era a primeira vez que Toninho ouvia uma descrição do inferno feita por alguém que tinha estado lá. Seu coração pareceu se partir em mil pedaços. Ninguém merecia aquilo. Talvez nem mesmo o demônio merecesse aquilo.

A maga, entretanto, riu.

— Se eu fosse uns duzentos anos mais nova, talvez até caísse na sua lábia, Asmodeus. Mas hoje tu volta pro inferno — Josefa anunciou, sem

nenhum pingo de misericórdia na voz. — E do jeito que vou te expulsar, tu não volta tão cedo.

Da bolsa a tiracolo, a maga começou a sacar alguns ingredientes. Um punhado dos pelos de preá, folhas secas de maracujá, um vidrinho com um líquido escarlate, uns retalhos de tecido, linha e agulha, uma garrafa de cachaça, uma caixa de fósforos...

— Oxe, essa bolsa não tem fundo, não? — o caçador questionou, ignorando o demônio que esperneava sobre o desenho de giz.

— Tem, lá no armário de casa — ela respondeu, com naturalidade, enfiando o braço inteiro que fisicamente não deveria caber na bolsinha de couro.

O retalho de chita já estava cortado na forma de uma pessoa.

— Tu vai fazer um boneco de vodu?!

— Vou. Vodu de demônio, foi meu projeto de doutorado — ela explicou. Então começou a estufar o tecido com os pelos de preá e as folhas de maracujá. Por fim, costurou a parte aberta. — Pelo de rato é um ingrediente ótimo, sempre cheio de sujeira.

— E as folhas de maracujá?

— É só para disfarçar o cheiro.

— E esse sangue que tu tá pingando aí, é de quê?

— De corno. A brabeza fortalece a magia que é uma beleza — ela disse, usando aquele tiquinho de sangue para fazer umas runas sobre o tecido. — Mas acabou. Tu me dá um pouco do seu?

— Sai pra lá que eu nunca fui corno não, abestada!

Josefa riu e continuou o processo. Falou algumas palavras em uma língua que não devia ser de Deus, enquanto o demônio continuava suplicando.

— Irmãzinha, nós somos família...

— Ah, Asmodeus, disso eu sei muito bem. E tudo o que desejo pra minha família é que ela vá arder nos quintos dos infernos.

Josefa encharcou o boneco de cachaça, riscou um fósforo e pôs fogo no vodu.

Ao mesmo tempo, o demônio incendiou-se, berrando e xingando, prometendo vingança. O fogo queimava verde, e logo subiu um cheiro insuportável de...

— Josefa — Toninho começou, cobrindo a cara com um lenço —, QUE CHEIRO DE MERDA!

Ela riu pela segunda vez naquele dia.

— É o cheiro do inferno, caçador, tu esperava o quê? — a maga explicou, como quem não pode fazer nada. — Mas e as folhas de maracujá, não amenizaram um pouco?

Toninho caiu na besteira de dar uma boa fungada. Correu para fora da casa, para devolver o sarapatel do meio-dia.

Já havia amanhecido. Depois que o velho já estava mais calmo, os dois deixaram a casinha, mas antes de ir Josefa pegou o boneco de vodu semicarbonizado e o enfiou na bolsa.

— Tu vai guardar isso? — Toninho perguntou.

— Vou — ela respondeu. Pela primeira vez parecia meio sem jeito. — Eu gosto de levar lembranças das minhas caçadas.

Toninho deu de ombros. *Cada um com suas esquisitices*. Tinha perguntas mais importantes a fazer e mal sabia por onde começar.

— O que era aquela lambança que o demônio fez com o sangue dos animais?

— Era um ritual de apoderamento carnal, pra ficar no corpo do velho pra sempre. Asmodeus disse que queria viver como um ser humano, lembra?

— Pois já tenho muitos anos de caça e nunca vi demônio nenhum fazer isso! — Toninho exclamou.

— Acontece que esse não era um demônio qualquer. Ele é um dos filhos de Lúcifer.

— E não é tudo parente lá embaixo?

— Mais ou menos. A maioria é tipo primo e tio distante. Mas Asmodeus é filho direto do Tinhoso e de Lilith: carne, sangue e sombra. Um demônio de primeiro grau.

Toninho matutou sobre o assunto mais um pouco antes de continuar.

— Por isso o desgraçado não ficava dentro da Chave de Salomão comum.

— Na mosca — Josefa confirmou.

— E tu pode me ensinar a desenhar essa chave cheia de firulas?

— Ensinar, até posso, se tu vai conseguir aprender é outra coisa — ela alfinetou e depois pareceu hesitar. — Mas e se... o sol tava realmente forte hoje... e se continuássemos caçando juntos por mais um tempo?

Toninho franziu as sobrancelhas.

— Eu e tu? Ou tu e eu — Toninho apressou-se em corrigir. — Confesso que pra mim seria útil, tu parece saber muita coisa e eu poderia aprender bastante. Mas que vantagem tem pra tu nessa história toda?

Josefa enrubesceu.

— Oxente, não posso estar só querendo ajudar?

Toninho não acreditava muito naquela enxurrada de bondade. A verdade é que o caçador tinha sentimentos mistos em relação à proposta. Por mais que a dupla tivesse se mostrado bastante efetiva, trabalhar em conjunto com a maga como fruto do acaso era uma coisa — já havia resolvido casos com ciganos, espíritos e até mesmo com um gigante uma vez —, mas aliar-se a ela era bem diferente.

Ante ao olhar desconfiado, a maga suspirou.

— Tudo bem. É que tem coisa que não consigo fazer sozinha — ela revelou, com a cara amarrada. — Não consigo conduzir exorcismos. As palavras santas... eu tenho sangue de demônio correndo nas veias, entende?

Toninho sentiu-se culpado, provavelmente a havia feito sofrer durante o ritual. Aquilo fazia sentido, mas ainda havia um mistério.

— E por que diabos tu tá caçando os da sua laia?

Josefa estreitou os olhos e apertou os lábios. Quando ela abriu a boca, Toninho achou que um feitiço de morte fosse ser proferido.

— Vocês, caçadores, se acham os únicos seres iluminados da Terra. Vocês acham que nasceram pra isso, que são predestinados, bondosos por natureza. E desprezam qualquer outra criatura — ela disse. — Se for pra ficar questionando meus motivos, vá pra baixa da égua e me deixe em paz. Adeus.

Josefa já havia lhe dado às costas.

— Desculpe! — ele gritou. — Talvez nós sejamos mesmo um pouco arrogantes... É só que eu nunca tinha visto uma maga caçando antes, só fiquei encucado — confessou. — Mas eu quero, sim, caçar contigo. Só que tem que ser eu e tu, tu e eu, autoridade e direitos iguais.

— Sessenta por cento eu, quarenta por cento tu e dê-se por satisfeito — Josefa corrigiu, com um dedo perigosamente mágico apontado para o caçador. — Na autoridade e no lucro, já que a maior parte do trabalho vai acabar sobrando pra mim.

— Tu é uma lazarenta. Mas como tenho bom coração, vou aceitar!

Toninho cuspiu na mão e a estendeu à maga. Ela contorceu a cara e meneou a cabeça.

— Já basta de pactos por hoje.

Toninho limpou a mão nas calças enquanto caminhavam em direção à entrada da cidade. Encontraram Véia pastando perto do riacho que dava nome ao vilarejo. Mais à frente, algumas mulheres já haviam tomado suas posições às margens com bacias repletas de roupas sujas. Sabão de banha, esfregadeiras de madeira e muita força nos braços eram suas ferramentas de trabalho. Dentro do rio, as crianças se banhavam e jogavam água para cima, formando no ar cristais que resplandeciam ao sol da manhã. As mães faziam de conta ralar por conta dos respingos, mas a bem da verdade se refrescavam na brincadeira.

Toninho observou a cena de longe com um sorriso nos lábios, recordando-se da própria infância e abençoando a ignorância e a pureza de coração. Deu dois tapinhas no lombo da mula e se acomodou na cela. Depois, ofereceu a mão para que a maga pudesse subir.

— Não se preocupe, Véia é uma mula encantada, pode cavalgar por semanas a fio e carregar muito peso. — Toninho se gabou. Véia relinchou em protesto. — Não que eu faça isso, porque essa aqui é braba que só vendo.

Josefa riu com certo desprezo.

— Tenho um meio de transporte muito melhor. Com todo respeito — Josefa se apressou em dizer, quando Véia bateu os cascos traseiros no chão.

Dito isso, a maga abriu novamente a bolsa, enfiou-se até os ombros e veio puxando algo de dentro. Era um galho de cajueiro, com galhos finos na ponta, folhas verdes e dois cajus pendurados, ainda amarelos. Ela passou uma perna por cima, deu um impulso no chão e alçou voo.

Toninho encarou a visão por alguns instantes, perguntando-se mais uma vez pelos motivos secretos da mulher. *Painho me diria que isso fede a enrascada*, pensou. Mas Toninho nem sempre escutara o pai, era por natureza mais ousado. E, afinal, poderia aprender muito com a maga, se tornar um caçador de demônios ainda melhor com a ajuda dela. Que mal poderia haver?

Josefa virou-se lá do alto na direção dele, cabelos negros ondulando ao vento.

— Tá esperando o que, caçador? Dá-lhe estrada, que a seca tá longe de ser a única maldição do agreste!

2 – Forró, sangue e cachaça

*Ai, que saudades tenho
Eu vou voltar pro meu sertão
No meu roçado trabalhava todo dia
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira.*
Carmélia Alves, “Pé de serra”

— **Buchada** — Toninho respondeu, afastando as moscas com a mão, quando o dono da hospedagem veio tirar o pedido do almoço.

— Buchada? — Josefa repetiu, encarando-o com as sobrancelhas arqueadas e uma irritante expressão de reprovação. — Buchada de bode?

— E tu já viu alguém comer buchada que não é de bode, mulher? — o caçador perguntou, mas melhorou o tom assim que a expressão da filha do capeta mudou de irritante para irritada. — Qual é o problema, tu não gosta de buchada?

— Claro que gosto — ela respondeu. — Mas vai saber o que fizeram com o bode quando estava vivo.

— Ô Dona, calme lá! Eu mesmo crio meus bodes no terreiro aqui de trás! — o dono do estabelecimento retrucou. — Tudo bicho bem criado e limpinho.

Dado o estado do avental imundo que ele usava, o homem não passava lá muita confiança.

Josefa revirou os olhos, mas deu-se por vencida.

— O outro prato é frango com quiabo, não é?

— É.

— De que cor era a galinha?

O homem piscou várias vezes, cruzou os braços sobre a barriga avantajada e a mirou.

— De que cor... era a galinha...?

— Uma buchada e um frango com quiabo, faz favor — Toninho apressou-se em dizer, antes que a discussão esquisita continuasse. Esperou o sujeito se afastar antes de voltar-se para a maga. — Josefa, que furdunço é esse com os bodes e as galinhas?

— Não é furdunço, só não quero comer bicho usado em ritual de magia negra! Dá uma dor de barriga danada — ela explicou. — Mas agora deixe de papo-fiado e vamos aos negócios.

A notícia das mortes espalhara-se como fogo em palha seca. Três homens haviam sido assassinados no vilarejo de Livramento, na Paraíba, não muito longe da fronteira com Pernambuco. Os defuntos tinham sido encontrados em bibocas escuras ao amanhecer, mas não era a violência em si que havia chocado a população, e sim o estado dos cadáveres.

Secos como o solo do sertão. Quase sem sangue.

O pai da segunda vítima era um fazendeiro de posses, descendente de um dos fundadores da vila e acreditador de monstros e encostos. Ele pediu ajuda a um conhecido, que falou com um primo de terceiro grau, e este por sua vez contou para a mulher, que mandou dizer ao cunhado do genro — um vidente, desses que acerta até previsão de pedra nos rins — que entrasse em contato com algum caçador de demônios. O homem enviou um sussurro ao vento pedindo ajuda e prometendo uma boa recompensa.

Toninho e Josefa atenderam o chamado sem demora; era o primeiro caso oficial da dupla. Durante a viagem de oito dias até Livramento, um novo assassinato ocorrera, e os dois passaram a noite inteira recolhendo relatos e estendendo lenços aos amigos e parentes.

— Que é que tu acha, Toninho?

— Pra mim é um chupa-cabra que tomou gosto por sangue de gente.

Josefa ficou em silêncio por alguns segundos.

— Sei não, caçador. — Ela o encarou com os olhos terrosos, que pareciam mais escuros sob a sombra da preocupação. — Chupa-cabras fazem uma lambança danada quando atacam e não havia nem respingo de sangue na roupa dos pobres coitados. — Sua expressão ficou vaga e seu olhar, longínquo. — Já vi algo assim, mas faz tantos séculos...

— O quê? — Toninho questionou, a ansiedade para ouvir histórias antigas escorrendo na voz. — Desembuche logo.

— Vampiros.

O silêncio ficou pesado no ar, interrompido apenas pelo zumbido das moscas. Então a risada de Toninho rasgou o restaurante; uma daquelas gargalhadas de doer o bucho.

— Essa foi ótima, maga, tu quase me pegou.

Josefa estreitou os olhos.

— Tá achando que eu tenho cara de palhaça, pra ficar te divertindo?

Toninho se engasgou no riso e se aprumou na cadeira de madeira.

— Tu... tu tá falando sério? — ele questionou, com cuidado, deixando de lado qualquer vestígio de divertimento. — Isso é coisa de época colonial, eles estão extintos no Brasil. E além disso, vampiros na *Paraíba*?!

Vampiros eram seres de origem europeia e haviam chegado ao Brasil junto com as primeiras levas de imigrantes portugueses. O mais poderoso deles, conhecido como Manoel-Dentes-de-Mel, mordera e transformara membros da corte, estabelecendo um clã baseado na capital da época, Salvador. Mas é de conhecimento popular que vampiros não suportam o calor, que dirá o verão da Bahia. Muitos pegaram navios de volta para a Europa e outros seguiram por terra para a Argentina. Se alguém dissesse que havia um deles no Rio Grande do Sul, Toninho poderia até acreditar, mas vampiros no agreste era um desatino tão grande quanto Iara nadar em águas salgadas.

— É improvável — Josefa assumiu —, mas não impossível.

Comeram em silêncio, queimando os miolos enquanto digeriam a ideia. Toninho enfiaria a mão na gordura quente por sua teoria do chupacabra, mas ele e a maga eram um time. E ela era braba. Não podia descartar de primeira a hipótese sem pé nem cabeça de Josefa.

Continuaram a peregrinação por informações na tarde suada de Livramento, até chegarem à casa do primeiro defunto.

— Aquele estrupício teve o que mereceu! — a viúva bradou.

Toninho tirou alguns segundos para refletir sobre a beleza do amor.

— Por quê? — Josefa questionou. — O que o falecido fez?

A expressão raivosa da mulher se desfez e ela logo começou a se debulhar em lágrimas. Pegou um lenço sujo e assoou o nariz antes de continuar.

— Eu amava meu Carlinho, sabe? Mas ele nunca me mereceu — a viúva explicou, sentando-se numa cadeira com encosto de palha. — O

safado escapulia no meio da noite e ia pro forró. Voltava *torto* de cachaça! — As lágrimas secaram e ela encarou o chão, os olhos semicerrados. — Ah, mas quando eu chegar no inferno, vou descer a vassoura em tu, Carlos Augusto!

Aquela se mostrou uma pista bastante importante. Conversando com outras pessoas, descobriram que o paradeiro de todas as vítimas fora o mesmo na noite do crime: o *Forró Nas Coxa*, risca-faca que acontecia toda quinta no vilarejo.

Esperariam então mais alguns dias, misturando-se aos habitantes do local. Fingiriam ser comerciantes, esperando um carregamento de charque que vinha de Campina Grande, enquanto aguardavam para poder espreitar o assassino dos inocentes — ou nem tanto — de Livramento.



Toninho quase se engasgou ao ver a maga sair do quarto da hospedaria com uma sandália de couro trançada, um vestido rodado de chita e as madeixas escuras presas em uma trança bem-feita.

— Tá olhando o quê, lazarento?

O caçador percebeu que sua boca pendia aberta e apressou-se em fechá-la.

— Só me impressionei, não sabia que tu era tão boa de disfarce — ele respondeu. — Já te disse que eu sou arretado no arrasta-pé?

Josefa riu — de forma genuína, não maléfica — e Toninho estufou o peito.

Chegaram no forró, brindaram com uma dose de cachaça, jogaram um tiquinho no chão para o santo e passaram a se arrastar pelo salão aberto junto aos outros casais. Vira e mexe trocavam de par, conforme a tradição pedia, mas juntavam-se de novo a cada uma ou duas músicas para cochicharem. E durante boa parte da festa, nada avistaram de suspeito.

O músico tocava “Forró no Escuro” quando uma mulher estonteante adentrou o local.

O candeeiro se apagou O sanfoneiro cochilou A sanfona não parou E o forró continuou Logo uma fila de pretendentes para dançar se formou diante dela. Seus olhos e cabelos eram escuros como a noite, mas reluziam um brilho de lua. A pele negra parecia suave feito veludo. Toninho nunca vira nada igual.

— Vamp...

O caçador não terminou a frase. Josefa tascou-lhe um beijo na boca, de uma maneira tão inesperada que Toninho não soube como reagir. Sua mão estava pousada no baixo das costas da maga e, instintivamente, ele pressionou a mulher em seus braços ainda mais junto a si.

Ela descolou seus beijos dos dele e o encarou com olhos em chama.

De raiva, não de paixão.

— Não diga nada, Toninho — ela sussurrou, de uma forma forçosamente melosa. — Vamos deixar a música nos levar.

O caçador acenou com a cabeça, entendendo o recado, e passaram a dançar percorrendo toda a extensão do salão, sem nunca desgrudar os olhos da mulher misteriosa.

A estranha, por sua vez, trocava de par a cada música e sempre havia alguém para conduzi-la no próximo xote. Ela já havia batido as coxas com todos os homens do forró, quando passou a dançar com o cabra mais manguaçado do local, que mal se sustentava sobre as próprias pernas.

Quando a música acabou, Toninho notou que a mulher sussurrou algo ao pé do ouvido do bebum. Ele arregalou os olhos e assentiu com a cabeça. Ela educadamente recusou as outras mãos estendidas em convite para a próxima música e saiu do forró.

Não demorou muito para o bêbado cambalear para fora atrás dela.

Josefa aguardou alguns segundos, enfiou seu braço no de Toninho, como se fossem um casal, e o puxou para saída.

Percorreram as ruas escuras, arregalando os olhos a cada beco estreito, procurando por vestígios do homem. Sempre que Toninho abria a boca para fazer um comentário ou uma pergunta, ela o silenciava com a mão e balançava a cabeça em negativa.

Procuraram por muito tempo nos arredores, a preocupação e a frustração crescendo no peito. Horas depois, os primeiros raios de sol mancharam o céu de amarelo queimado.

— Vampira filha de uma égua sem dente! — Josefa gritou.

Toninho se assustou ao ouvir a voz dela depois de tanto silêncio.

— Achei que a gente não podia falar disso — ele reclamou.

— Agora pode, a maldita deve estar dormindo o sono dos mortos em algum lugar escuro por aí — Josefa explicou. — Não vai ouvir nada que os vivos falam.

Vasculharam a vila toda, mas quem achou o corpo do homem foi o padre. Atrás da Capela de Nossa Senhora do Livramento.

— Parece uma piada de mau gosto, matar alguém em lugar santo — Toninho disse. — Tu acha que ela fez isso pra nos provocar?

— Não — Josefa afirmou. — Se ela tivesse percebido que foi desmascarada, teria rapado fora sem pestanejar. Vampiros são ariscos, é quase impossível encurralar um.

— E como vamos capturá-la então?

Josefa sorriu. Era um daqueles sorrisos que tinha herdado do sete-pele, maligno e insano.

— Eu tenho um plano.



— Josefa?

— Que é, Toninho?

— Não tô gostando desse plano.

— Confia em mim, eu sei o que tô fazendo — Josefa garantiu, enquanto o ajudava a fechar os botões da camisa. Quando terminou, contemplou-o, orgulhosa, como se o tivesse moldado com as próprias mãos e gostasse do resultado. — Tu até que tá bem apessoado, caçador.

Ele teria gostado do elogio em outra ocasião. Mas não quando estava prestes a servir de isca.

— E agora, o que eu faço?

— Agora come água, Toninho.

Durante aquela semana inteira os dois haviam colhido mais relatos e descoberto algo peculiar: os homens assassinados eram sempre os mais bêbados do forró. E isso significava que Toninho deveria encher a cara se quisesse ser o *escolhido* da semana.

— Mas como é que eu vou matar a desgraçada nesse estado?

— Já discutimos isso, pare de me aperrear. — Josefa começava a mostrar sinais de irritação. — Eu é que vou matar a morta-viva.

Toninho havia aprendido mais sobre vampiros durante aqueles sete dias de preparação do que com todas as lições de seu pai. Esses seres haviam desaparecido do Brasil séculos antes, e as informações disponíveis haviam sido passadas de geração em geração nas famílias de caçadores de demônios. Contudo, com Josefa era diferente; ela havia convivido

diretamente com alguns deles. Pelos relatos, Toninho estimava que a maga devia ter mais de seiscentos anos de idade — obviamente não ousara perguntar.

Ela explicou que não se matava vampiros com uma estaca no coração. “*O coração deles não bate, abestado, que diferença faria?*”. A única maneira de fazê-lo era tostá-los à luz do sol feito churrasquinho.

Teriam que capturá-la e deixar o alvorecer fazer seu papel. Mas não se segura um vampiro a pulso. “*A bicha pode até parecer fraca, mas tem a força de trinta homens.*”. Era preciso utilizar algum artefato mágico. Então a maga passou a semana toda encantando uma corda, com a qual pretendia enlaçar a inimiga.

Foi preciso dez cabeças de alho, sangue de duas galinhas pretas, um fio de cabelo do último defunto, runas mágicas, cânticos demoníacos e um punhado de sal de rocha para completar a magia. Josefa também insistiu que Toninho cantasse “Boi da Cara Preta” e girasse o laço ao entardecer, alegando que a música infantil era na verdade uma invocação do deus bovino. Mas depois de ver a maga se envergando de rir, o caçador desconfiou que aquela etapa não era realmente necessária.

Deixaram então a hospedaria em direção ao forró. No caminho, Toninho já havia entornado meia garrafa de cachaça e Josefa dava as últimas instruções.

— Vou ficar do lado de fora. Quando saírem, vou seguir vocês dos céus, no meu galho de cajueiro — ela repetiu, pelo que parecia ser a milésima vez. — Mas tu tem que sair pela porta da frente, não dos fundos, pelo amor de Nossa Senhora do Livramento!

Toninho fez uma careta, como vinha fazendo nas últimas semanas sempre que ouvia nomes santos pronunciados pelos lábios que julgava amaldiçoados — lindos, mas ainda assim amaldiçoados — de Josefa.

— Tá bom, mulher, tu tá parecendo uma matraca velha repetindo isso! — ele a enfrentou, sua coragem aumentando exponencialmente a cada gole.

Em represália, a companheira enfiou algo em sua boca. Toninho tentou cuspir, mas, com um movimento rápido das mãos, a maga fez um encanto para selar seus lábios.

— Mastiga e engole logo.

— Hum mhum mum um mu?! — ele questionou, irado.

— É rapadura, para te dar energia para dançar. Deixe de ser tihoso — ela insistiu. — Tu é um homem ou um gnomo de açude?

Gnomos eram tão covardes que às vezes caíam durinhos, mortos de medo, ao serem capturados. Eram ótimos para decoração.

Toninho não aceitaria o desaforo. Bateu no peito e mastigou o doce como um cabra-macho de verdade.

— Agora vá lá e levante poeira até a desgramada chegar.

Toninho caminhou decididamente, cambaleando para lá e para cá, e atravessou a cortina de contas que marcava a entrada do lugar.

O calor estava infernal, então ele abriu alguns botões da camisa de algodão. O chão de terra parecia oscilar para frente e para trás, e de cada dois passos que o caçador dava, três eram em falso. Ouvia as pessoas rirem ao seu redor e ria junto, tudo parecia mais engraçado. Estranhamente, todos os seus convites para tirar donzelas para dançar foram recusados.

Minutos depois, a vampira chegou. Queria tirá-la para dançar o próximo xote, mas suas pernas estavam pesadas e ele foi lento demais; um outro cabra chegou primeiro. Toninho bufou, mas sabia que teria outra oportunidade. Assistiu a mulher sendo conduzida e rodopiada, o que levantava seu vestido branco rodado e revelava mais pedaços das coxas bem torneadas. Ela dançava com os olhos fechados, perfeito para que qualquer um pudesse observá-la à vontade, e sorria de leve em contentamento.

O caçador estava não hipnotizado que perdeu também a próxima dança. E a próxima. E mais uma. Viu a mulher ser passada de mãos em mãos, como uma santa de ébano que todos queriam tocar, numa procissão musical com fiéis em fila. Toninho queria tanto que chegasse sua vez...

Bebericava a garrafa quase vazia como se pudesse afogar a vontade avassaladora de tomá-la em seus braços e fungar seu pescoço. Será que ela teria aroma de cacau? De terra molhada? Ou talvez de café recém passado, aquele para o fim da tarde.

Seus devaneios deram lugar a uma agitação infantil quando conseguiu finalmente aproximar-se de sua musa. Ela já tinha passado pelas mãos do estabelecimento inteiro, mas não se importava; naquele momento era só dele. Os dois avançavam pelo salão, arrastando as sandálias de couro e levantando a poeira seca, formando uma névoa sertaneja que parecia protegê-los do olhar alheio.

Era como se estivessem a sós. Toninho permitiu-se respirar seu perfume: era adocicado e cítrico, como manga madura e folha de limoeiro. Sua pele negra cintilava à luz dos candeeiros, as gotículas de suor resplandecendo como o céu da noite cheio de estrelas.

O caçador estava embriagado, não pela bebida, e sim pela caça. Tinha uma leve consciência do fato, como se estivesse sonhando. Decididamente, não queria acordar.

Mas a música acabou. O contato físico se desfez. O sonho terminou. Toninho sentiu um vazio crescer dentro de si, uma necessidade repentina de algo que não sabia bem o que era.

— Te espero lá fora — ela sussurrou em seu ouvido. — Conte até cem depois que eu sair e então me siga, pela porta dos fundos.

O coração do caçador pulou como tambor em dia de festa de bumba meu boi. Ele contou mentalmente: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, 29, 31, 37, 41, 43, 47, 53, 59, 61, 67, 71, 73, 79, 83, 89, 97.

Fazia pouco mais de vinte segundos que a mulher havia saído do forró quando Toninho atravessou a cortina de contas de trás e chegou à rua escura. Foi guiado por algum instinto primitivo — podia jurar que havia sentido seu cheiro — até um beco a cem metros dali.

Não a viu chegar, apenas a sentiu sobre si, de repente, pressionando-o contra a parede. No fundo, o caçador sabia que havia algo errado, que deveria dar no pé. Mas na superfície, sentia-se dominado por aquela mulher, acorrentado ao chão pela simples vontade de permanecer onde estava.

Ela aproximou os lábios do pescoço dele e lhe deu um cheiro, emitindo um gemido de prazer.

— O que bebeste, homem?

— Cachaça — Toninho sussurrou. — *Diaba do Sertão*.

Ela riu.

— Adoro *Diaba do Sertão*.

O caçador sentiu uma dor aguda no pescoço, que logo foi substituída por uma sensação fresca e agradável, como um banho de mar nas praias de Boa Viagem. Estava leve, calmo, quase anestesiado.

A tontura da bebida foi substituída por uma tontura de fraqueza. Toninho queria dormir. Então fechou os olhos, seu corpo mole sendo segurado com firmeza por sua musa. Estava quase sonhando quando foi acordado por um susto.

Um grito. O caçador foi largado e caiu no chão feito jaca podre.

— Ahhhhh! — a mulher bonita gritou novamente, presas expostas como uma besta selvagem. — O que é isso? Pelo amor do Diabo, o que é isso?! Me solte, desgraçada!

A corda encantada de Josefa formava um círculo no chão, ao redor da criatura. A maga gargalhou teatralmente.

— Te peguei, sanguessuga dos infernos!

A vampira abriu a boca para responder, mas se deteve e respirou fundo, como se sentisse respostas no ar.

— Tu... tu tem sangue de capeta!

Josefa revirou os olhos cor de terra, entediada com a constatação.

— Sim, e daí?

— O que que tu quer comigo, mulher? — A voz da vampira soou mais calma, embargada pelo peso da própria língua. — Precisa de algum ingrediente especial pras tuas magias? Fio de cabelo eu até cedo voluntariamente, mas se tentar arrancar uma das minhas presas, corto a mordidas esses seus dedos ossudos!

— Quero saber que diachos uma vampira tá fazendo no meio dessa quentura.

— Me solte e eu te conto.

— Me conte e eu te solto.

A vampira arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Tu é dessas magas estudiosas que querem saber de tudo, não é? — a mulher perguntou. — Então vamos acabar logo com isso. Pois bem, tudo começou quando mainha foi pro sul procurar emprego e fugir da seca; eu ainda era moleca. Mas a vida lá foi pior ainda do que aqui. Ficamos vivendo nas ruas e um dia fui mordida por um vampiro uruguaio. E mulher, tenho que te dizer, se isso não fosse uma maldição, eu chamaria de benção. Ser vampira é maravilhoso. — Ela se empolgava, estava falando e parecia conversar com uma velha amiga. — Mas aí esses tempos bateu uma saudade da minha terrinha e decidi tirar umas férias. O calor é terrível, mas vale a pena. Se não pelo sangue, pelo forró....

A vampira rodopiou, querendo mostrar seus passos, mas se desequilibrou e teria caído para fora da corda se não fosse pela barreira invisível que a mágica havia criado.

— Tu tá bêbada?! — Josefa indagou, a surpresa e a indignação igualmente presentes na voz. — É por isso que tá caçando os bebuns? Pra

se embebedar?

Toninho tinha certeza que a vampira teria corado se tivesse algum sangue circulando nas veias.

— Veja bem, não é bem assim, prima. O álcool é... eles são presas mais fáceis... — a mulher se enrolava cada vez mais. — No começo era porque eles são mais desatentos, mas aí me acostumei ao sabor. E agora, se eu bebo só sangue normal, me dá uma tremedeira.

— Além de vampira, é alcóolatra — Josefa concluiu, meneando a cabeça em reprovação. — Desgraça em dobro pro sertão.

— Opa, pera lá! — A bebum se ofendeu e levantou o dedo indicador em aviso. — Não vou ficar ouvindo desaforo de sangue-ruim, não, tu é tão desgraçada quanto eu! — Mas, lembrando-se que estava em desvantagem, se acalmou. — Diga logo o que tu quer e me deixe sair, não tenho a noite toda.

Josefa a encarou por alguns segundos sem dizer nada. Ajudou Toninho a se levantar e o apoiou na parede de tijolos dos fundos de uma casa. Só então voltou-se para a criatura do mal.

— Tu sabe o que eu quero? Que tu torre no sol e avise meu pai que tô mandando todos os amigos dele pros quintos.

— Cuméquié? — a vampira perguntou, emendando uma palavra na outra por causa da surpresa e da manguaça. — Tu vai me matar? Nunca te fiz nada, bruxa horrorosa!

— Essas bandas já têm problemas demais — Josefa explicou, com a voz cansada. — Tu matou muita gente, agora vai ter que acertar as contas. Eu e o caçador vamos limpar o Nordeste da tua laia.

— Caçador? — a vampira perguntou, mirando a figura quase desmaiada apoiada na parede. — Isso é traição da tua raça, maga, traição do seu sangue.

Josefa virou as costas, caminhou alguns passos pelo beco escuro e deu uma boa olhada no céu. Toninho acompanhou o movimento; o alvorecer chegaria em poucas horas.

A vampira não parava de falar. Brigou, suplicou, vociferou, ameaçou, amaldiçoou — ainda bem que praga de vampiro não pega — chorou, implorou de joelhos, bateu a cabeça na barreira invisível, mostrou as presas, escondeu as presas e pediu com carinho, prometeu procurar o A. A., arrancou os cabelos, tentou conjurar o capeta, mas nada adiantou.

Josefa a ignorou durante todas aquelas horas. A maga deu água a Toninho, o fez comer mais rapadura e ele cochilou entre um berro e outro da sanguessuga.

O céu negro aos poucos evoluiu para um azul profundo. Lá longe, uma mancha amarelada surgiu, indicando que o sol não tardaria em dar as caras. Josefa estalou os dedos perto dos ouvidos.

— Desculpe, o que você estava dizendo? — ela perguntou à vampira.
— Fiz uma mágica tapa-ouvido, não escutei nada.

A mulher mordeu o lábio, como se estivesse se segurando para não perder a calma.

— Por quê? Me diga apenas isso — ela perguntou, fuzilando Josefa, com uma curiosidade genuína. Quando a outra não respondeu, a vampira continuou: — Consigo entender vingança, ciúmes, e até uma boa dose de sadismo de gente da tua raça... Mas esse papo de justiça não me convence. Eu tenho certeza que alguma coisa tu tá tramando!

Josefa deu de ombros.

— Pena que tu não vai estar aqui para conferir, querida.

A morta-viva bufou e perdeu o controle de vez.

— Maga maldita! Tu vai se arrepender!

— Será? — Josefa arqueou as sobrancelhas. — Se isso acontecer, te mando uma cartinha no inferno contando a novidade.

Havia mais ódio nos olhos na vampira que mandacaru na caatinga. Mas então ela sorriu.

— Se tu tá tirando o mal do mundo — a criatura começou, provocativa —, quando é que tu pretende se matar?

A maga pareceu ficar sem palavras por um instante, mas depois sorriu de volta.

— Ainda não tem data marcada, mas te procuro para tomarmos um café assim que eu chegar. Ou uma cachaça, se você preferir.

O primeiro facho de luz correu ligeiro por cima dos telhados vermelhos. Assim que ficou claro o suficiente para que Toninho enxergasse os traços de Josefa, a pele da vampira começou a borbulhar, feito marmelo no tacho. Para não chamar a atenção dos que estavam acordando, a maga fez um feitiço para silenciar os gritos da mulher.

A cena ficou ainda mais terrível com aquele grito mudo, ilustrado por uma face contorcida em dor. Levou apenas alguns segundos. Sobrou só um amontoado de cinzas, o vestido branco e as sandálias de couro.

E uma catinga embriagante de cachaça.

— Toninho? — Josefa murmurou, abaixando-se perto dele. — Tá se sentindo melhor?

— Tô. Acho que já consigo andar.

Josefa recolheu a corda que havia usado para prender a vampira e enfiou na bolsa. *Uma lembrança da caçada*, Toninho pensou. Depois, ela apoiou o caçador por baixo do ombro e o ajudou a se levantar. Ele ainda estava fraco e zozzo, mas uma constatação o deixou sóbrio rapidinho.

— Josefa, eu vou virar vampiro!

— Vai nada.

— Mas fui mordido e sobrevivi — o caçador ressaltou. — Isso também é lenda? Não é assim que se vira vampiro?

— Bem, é... Mas você não vai virar vampiro.

— Como não?

Os dois pararam na praça central e Josefa ajudou Toninho a se sentar em um banco. Ele estava fraco, perdera muito sangue, e não conseguiria andar grandes distâncias.

— A rapadura que te dei era mágica — ela revelou. — Rapadura antitransformação: serve para mordida de vampiro, lobisomem e zumbi.

— Ah, Graças a Deus! — Toninho respirou aliviado. — Por que tu não me disse antes?

— Porque se tu soubesse que ia ser mordido, ia azular.

— Soubesse...? — Toninho a mirou, encafifado. — Ela me mordeu porque eu saí pela porta dos fundos, não foi? Por isso tu chegou tarde demais.

— Na verdade...

O pouco sangue que Toninho ainda tinha nas veias ferveu.

— Na verdade o quê, sua filha do capeta?

Josefa o espiou de lado ante ao comentário, mas não estava brava.

— O único momento em que os vampiros ficam desatentos é quando estão se alimentando. Eu só conseguiria me aproximar se ela estivesse com os dentes cravados. Senão ela me escutaria e ia escapular, e aí...

— Quê que é? — O caçador fuzilou a parceira com os olhos, desejando que ela também virasse cinzas sob o sol. — Tu *deixou* ela me morder?! E se eu tivesse morrido?

— Que exagero, eu tava vigiando lá de cima...

— Por que tu não me contou o plano todo?

— A gente mal se conhece! Tu ainda não confia em mim — ela retrucou. — Se eu te dissesse, tu não ia acreditar que eu te salvaria na hora certa.

— Ah, sim, faz sentido. — Toninho riu-se, furioso. — Para conquistar minha confiança, tu mentiu para mim!

— Toninho...

— Me deixe em paz. — Ele a encarou de baixo, sentado no banco, e vendo que a mulher não se movia, insistiu: — Bota sebo nas canelas, que quero ficar sozinho.

Ela assentiu com a cabeça, mas disse algo antes de ir: — Eu só queria completar a missão. Tô tão acostumada a trabalhar sozinha que não pensei direito. Mas eu nunca deixaria te acontecer nada de mal. — O caçador virou o rosto; não queria mais olhar para a fuça da traidora. — Não vai se repetir, prometo.

Toninho não respondeu e ela finalmente se arrastou de volta para a hospedaria. Ele afundou a cara nas mãos. *Como fui tão ingênuo?* Colocara sua vida nas mãos de alguém que mal conhecia e, mais que isso, de uma potencial inimiga.

A pergunta que a vampira tinha feito à Josefa era a mesma que não saía da mente do caçador nas últimas semanas. Por que Josefa caçava criaturas do mal se ela mesma era uma delas?

Talvez fosse tudo encenação, uma armadilha. Tinha sido uma má ideia juntar-se à maga. Toninho decidiu que chegaria na hospedagem e terminaria a sociedade. Caçadores de demônios são fadados à solidão, assim como demônios são fadados ao inferno.

Lembrou-se do que a vampira dissera logo antes de bater a caçoleta: “*Se tu tá tirando o mal do mundo, quando é que tu pretende se matar?*”

Toninho riu maldosamente. Depois sentiu-se um canalha.

Josefa tinha traído sua confiança, era verdade, mas havia também garantido sua segurança. Se ela quisesse matá-lo, já poderia tê-lo feito dezenas de vezes.

Todo mundo merece uma segunda chance, disse para si. *Até mesmo a própria filha do diabo.*

3 – A maldição da casa grande

*Eu só te peço que volte pra casa
Não fique assim no meio da rua
O teu vestido, o teu chinelo é todo teu
Volte pra casa que essa casa é sua.*

Sebastião do Rojão, “Chorando por alguém”

□ ~~sino tocou~~, o vento quente soprou, a poeira vermelha levantou e a mula relinchou.

— Calma, Véia — Toninho disse à sua montaria, percebendo que ela estava atipicamente agitada.

Depois do último caso, a dupla havia seguido rumo ao norte. Josefa insistira que partissem o quanto antes, dizendo que *quem tem medo, tem pressa*. E, na falta de um novo pedido de ajuda ou oferta de recompensas, decidiram desatar um antigo caso de desaparecimentos.

O caçador e a maga estavam prostrados em frente à casa colonial da famosa Fazenda de Caicó. Não fossem as rachaduras, as paredes brancas encardidas pelo tempo e as janelas e portas azuis caindo aos pedaços, aquela seria uma bela construção. Fora outrora moradia de gente abastada, era agora apenas ninho de preás e aranhas.

— Tanta gente sem um teto sobre a cabeça e essa gente rica deixa uma casa assim ao léu — Josefa repreendeu.

— Pois eu prefiro viver sob as estrelas a ser enterrado numa mansão — Toninho retrucou.

— Então tu acreditou mesmo nessa história de maldição? — ela perguntou.

— Oxe, mulher, todos que entraram nessa casa nunca mais foram vistos. Se isso não é maldição, é o quê?

— Assassinato — Josefa propôs. — Se o coronel realmente escondeu um tesouro aí dentro, alguém pode estar matando os que vêm procurá-lo.

— Então tu acredita mesmo nessa história de tesouro?

— Oxe, homem, e tem motivo melhor pra assassinato?

Os dois se encararam numa competição silenciosa pela razão.

— Nem cá, nem lá — o caçador sugeriu, em tom de negociação. — Vamos tratar o caso como se tivesse maldição e tesouro.

— Tesouro amaldiçoado... — Josefa sussurrou, saboreando a ideia. — Que assim seja. Mas se tem mesmo uma maldição depois do batente, a gente tem que se proteger antes de entrar.

— E o que que tu pretende usar de escudo? Sal?

— Sal é bom pra assombração, mas não segura maldição de morte. Vou fazer um amuleto — ela anunciou.

Enfiou o braço na bolsa de couro, remexeu lá dentro e tirou alguns ingredientes: gengibre bravo, duas velas pretas, carvão e sangue. Mas foi o último objeto que fez o caçador dar dois passos para trás.

— Um olho?! — ele gritou, a voz esganiçada. — Isso é um olho de gente?!

— Claro que não, é de cabra. — Josefa pousou o olho no chão e passou a desenhar runas em volta dele. — Vou fazer um *olho-que-tudo-vê*.

Toninho observou enquanto a maga preparava a magia. Reconheceu uma das runas antigas e seu significado: mal.

— Tu vai fazer magia negra?! — Toninho indagou, com um gosto amargo na boca. — Isso é coisa dos infernos, Josefa.

Ela partiu os lábios para o companheiro de caçadas num sorriso entre o deboche e a maldade. Os cabelos de Toninho se arrepiaram.

— E tu acha que eu sou o quê, caçador?

Demorou a tarde toda para o encantamento ficar pronto. Os ouvidos de Toninho ainda zuniam com os cânticos em língua demoníaca, suas narinas ardiam, impregnadas com o cheiro de enxofre do belzebu que a maga invocara, e, além de tudo, sentia a energia ruim que emanava do objeto na mão de Josefa.

— Não é certo usar magia negra pra combater o mal — Toninho juntou coragem pra dizer, levantando o indicador para reforçar sua razão. — É igual querer matar cobra com aranha: tu acaba se envenenando de um jeito ou de outro.

— Pare de me infernizar.

— Como é que tu pôde fazer isso? Vender tua alma por causa de amuleto besta?! — ele se exaltou, lembrando-se do sorriso do demônio com cabeça de bode.

— A alma é minha. Mas se tu continuar, da próxima te ofereço em sacrifício!

Toninho meneou a cabeça, mas deu-se por vencido.

— Primeiro as damas — ele disse, estendendo a mão em direção à escadinha de poucos degraus que precedia a entrada da casa.

— Seria gentil — Josefa começou, lançando um olhar de desdém ao outro — se eu não desconfiasse que tu tá é azulzinho de medo.

A maga subiu, empurrou a porta de entrada e, assim que a luz adentrou o recinto empoeirado, enormes escaravelhos negros jorraram pelo batente. Toninho conteve um gritinho; nunca fora lá muito chegado a insetos. Josefa, por sua vez, apenas os afastou com as botas.

— Que dramático — ela disse, revirando os olhos, e seguiu em frente sem hesitar.

O local tinha tanto jeito de assombrado que chegava a ser clichê. Um cobertor de poeira cobria o chão, lençóis roídos por traças haviam sido atirados sobre os móveis, teias de aranha enfeitavam os cantos do teto, e as cortinas de veludo pendiam fechadas nas janelas, bloqueando qualquer traço de luminosidade.

Toninho caminhou devagar até um dos cantos e puxou um candeeiro da parede.

— Tu pode acender? — ele pediu, estendendo a antiguidade na direção da maga.

— Tá me achando com cara de dragão, por um acaso?

— Melhor não responder — Toninho disse, mordendo um sorriso.

Josefa estreitou os olhos e o caçador não se espantaria se lhe saísse fumaça das ventas. A maga tomou o candeeiro na mão, estalou os dedos e o pavio se acendeu. A luz iluminava de um jeito pálido, como se a escuridão ali fosse mais espessa que o normal.

— Pra onde, Josefa?

— Pra dentro — ela respondeu. — Pra onde quer que o coronel tenha escondido o maldito tesouro.

Josefa foi na frente, estendendo a mão com o olho de cabra. Saíram da sala e entraram num corredor comprido, cujo fim estava engolido em trevas. Nas paredes, antigos quadros de família pendiam tortos. Toninho

tinha a estranha sensação de que os olhos vidrados das pinturas carcomidas os acompanhavam conforme avançavam.

A madeira antiga rangia sob os pés feito um jegue ferido. A maga estacou em um dado momento e Toninho, que observava os quadros na intenção de pegar um deles em flagrante, trombou nas costas da mulher.

— Parou por quê, Josefa?

— Tô vendo alguma coisa — ela explicou, girando o amuleto para um lado e para o outro, seus próprios olhos fechados, como se tentasse enxergar com o olho de cabra.

A maga então retirou uma bola de gude da bolsa a tiracolo e a rolou no chão. Um assovio cortou o ar. Uma enorme lâmina em formato de sino oscilou de um lado para o outro. Teria fatiado os visitantes ao meio se tivessem continuado. A arma escondeu-se novamente numa fresta na parede, imperceptível, e a maga repetiu o experimento. Novamente a armadilha foi ativada.

— Que diacho — Toninho resmungou. — Como é que vamos passar?

— Quero fazer um último teste — Josefa anunciou.

Pegou mais uma bolinha na bolsa e dessa vez a atirou no ar, corredor adentro, além da posição onde sabiam que se encontrava a lâmina. Nada aconteceu.

— Viu? — ela perguntou e o caçador assentiu. — É só passar sem pisar no chão.

— Então tu me dá uma carona no seu galho de cajueiro?

— Bem que eu gostaria — ela começou —, mas ele é meio arredio, poderia te jogar pra fora.

— E como é que eu vou atravessar? Não sei se tu reparou, mas não tenho asas.

— E quem é que disse que é preciso asas pra voar? — Josefa retrucou, com um sorriso malicioso. — Venha cá.

Toninho não gostou nada, nada, do tom, mas aproximou-se, meio encolhido, como um cão com o rabo entre as pernas. Josefa o virou em direção à armadilha. Com uma das mãos segurou seu colarinho e com a outra, o cós de suas calças.

— Que é que tu pretende...

Toninho sentiu o solo lhe fugir aos pés e com um impulso foi atirado aos ares. Sim, ele estava voando, mas sem um plano claro de aterrissagem.

Fez o que lhe restava: berrou enquanto flutuava no breu e se espatifou de cara sem nem ter antes visto o chão.

Josefa pousou com delicadeza ao seu lado e guardou o galho na bolsa.

— Fez boa viagem?

Toninho lançou um olhar mal-humorado à companheira, se levantou e bateu a poeira da roupa.

Sem mais palavras, os dois voltaram ao percurso. Diversas portas fechadas ladeavam o corredor macabro. A última porta da direita parecia feita de uma madeira mais forte e mais antiga. A maga aproximou o candeeiro da maçaneta e a chama bruxuleou, quase se apagando.

— Tem algo ruim aí dentro — Josefa concluiu e estendeu o olho à frente. — Mas não consigo ver o que é, a porta tá encantada.

Toninho respirou fundo, mão na peixeira, e virou a maçaneta.

— VOCÊ NÃO PODE PASSAR! — uma voz grave ressoou das paredes.

O caçador deu um pulo para trás. A maga pôs as mãos na cintura.

— Ah, não? — Josefa perguntou de volta. — Pois me observe!

Ela remexeu a bolsa e puxou uma luva de couro marrom.

— Tá enfeitiçada pra abrir qualquer porta — Josefa explicou, calçando a luva na mão direita. — Nunca se sabe quando se vai precisar de uma dessas.

A maga meteu a mão na maçaneta e a girou com autoridade.

O cômodo era uma enorme biblioteca, apinhada de livros em todas as paredes, com um andar térreo e um mezanino rodeando a extensão superior — uma arquitetura pouco comum na região, evidência de que o coronel tinha sido um homem viajado. Toninho e Josefa adentram atentos, procurando pela próxima armadilha. O caçador já tinha sacado a peixeira e girou o corpo em todas as direções. A maga guardou a luva e mantinha as duas mãos abertas à frente, pronta para fazer magia.

Um ruído metálico ecoou do teto. Ambos olharam para cima. Um lustre colossais pendia sobre suas cabeças. E sobre ele, uma criatura ainda maior os observava com oito olhos negros e de diferentes tamanhos.

Era uma aranha-armadeira gigante.

O aracnídeo saltou e caiu sobre Josefa. Um raio mágico deixou as palmas das mãos da maga, mas apenas ricocheteou na carapaça dura do animal. Ela foi ao chão, impelida pelo peso da criatura. Toninho temeu pelo pior.

O caçador correu em direção ao centro do ambiente, peixeira na mão. Salvaria sua parceira ou... Ou traria justiça à sua morte.

A aranha percebeu a aproximação e ergueu as quatro patas dianteiras, em posição de ataque. Toninho quase se borrou — nunca gostou muito de aracnídeos —, mas sua coragem foi renovada ao ver a maga rolar para o lado quando a criatura deslocou seu peso. Josefa não se levantou, nem reagiu, e isso só poderia significar que estava ferida.

— Ô, bicha medonha! — ele provocou. — Aposto que tu nunca comeu carne macia igual à de caçador de demônios!

Era difícil saber se a aranha entendia o que ele dizia, mas o fato é que ela esfregou as presas negras uma na outra e partiu para cima de Toninho.

Ele deu no pé e correu em círculos em volta da empoeirada biblioteca. Josefa gemeu; era preciso acabar logo com aquilo. Toninho estacou e virou-se, peixeira apontada para cima, e a armadeira logo voltou a assumir sua posição de ataque sobre as quatro patas traseiras.

O caçador investiu, tentado espetá-la com sua lâmina, e a criatura recuou, apenas para contra-atacar em seguida. Toninho rolou para trás quando as patas tentaram abraçá-lo, o que fez a aranha gigante bater as presas, consternada. Ela avançou de novo e Toninho deu um pulinho para trás quase ao mesmo tempo, num movimento sincronizado. A armadeira emitiu um novo ruído frustrado e repetiu o processo.

Quem visse a cena, poderia muito bem crer que o homem e a aranha estavam dançando uma espécie de xote. Foram mais quatro passos, até o rodópio final.

O monstro avançou, como se tivesse certeza que o Toninho recuaria de novo. Mas o caçador já tinha cada gesto ensaiado na cabeça e em vez disso deu uma cambalhota pra frente, posicionando-se abaixo da criatura.

Levou a peixeira aos céus e correu, abrindo o ventre enorme de cima a baixo. Uma gosma verde espalhou-se pelo chão enquanto o bicho corria, agonizando, até as patas cederem. O corpo mastodôntico foi ao chão com um estrondo.

Normalmente, Toninho tiraria um tempinho para se vangloriar, mas naquele momento havia algo mais importante a fazer.

— Josefa — o caçador sussurrou baixinho, ajoelhando-se ao seu lado.

As pálpebras da maga bateram de leve, ela respirou fundo e soltou o ar com um novo gemido.

— Picada... — Josefa conseguiu dizer. — Na minha bolsa, prateleira do meio, no pote de vidro grande... rapadura antídoto...

Toninho puxou a bolsa de couro, abriu e tentou olhar lá dentro. Só dava para ver a escuridão de um buraco sem fundo. Enfiou a mão na bolsa, não sem receio. Foi colocando uma parte do braço, o cotovelo, e quando deu por si já estava quase com os ombros na entrada da bolsa. Sentiu algo rígido e tateou com cuidado.

— Prateleira do meio... — Josefa sussurrou novamente, sua voz cada vez mais fraca.

Sim, aquilo parecia madeira. Parecia uma estante. Cinco prateleiras. Toninho caminhou com os dedos pela prateleira certa, sentindo tigelas, pequenos frascos, algo que parecia um chifre, algo macio e sedoso...

— Argh! — Ele moveu a mão quando sentiu a coisa peluda se mover e ouviu o som de vidro se quebrando.

Josefa levantou uma sobrancelha — e como a danada conseguiu fazer aquela cara de braba mesmo em meio a tanto sofrimento era um mistério — e foi o suficiente para que Toninho voltasse à busca.

— Achei!

Ele veio puxando o pote e, quando o retirou de vez da bolsa, percebeu que continha quadrados de doce em uma dezena de cores diferentes.

— Uma verde...

E assim ele fez: remexeu o pote, puxou um pedaço pequeno do doce verde e o pousou delicadamente nos lábios da maga, enquanto apoiava a cabeça dela em seu antebraço.

Josefa mastigou a rapadura e respirou fundo. Mexeu as mãos e os pés, sentou-se e em poucos segundos conseguiu se levantar. Ela varreu a poeira do vestido com as mãos e o encarou com impaciência.

— Tá esperando o quê? Vamos.

— Tu devia descansar — Toninho gaguejou. — Achei... achei que tinha chegado sua hora.

— Vaso ruim não quebra fácil.

Ela colocou a bolsa novamente atravessada no colo e pegou o olho de cabra que havia caído no chão. Deu uma *olhada* ao redor da biblioteca com o amuleto, e pareceu se interessar pela outra extremidade do cômodo, onde estava uma enorme prateleira de livros. Aproximou o olho de cabra da parede, passando-o próximo a alguns deles.

— É esse aqui.

A maga retirou um livro grosso de capa vermelha da estante. O chão de madeira antiga reverberou e em seguida ouviu-se o desagradável ranger de pedra sobre pedra. A parede estava se mexendo, abrindo uma passagem até então secreta.

O caçador deixou o queixo cair; sentia-se dentro de um livro de aventuras.

— Valeu a pena enfrentar o monstro cheio de pernas, só para ver isso!

— Toninho disse, com uma alegria infantil.

Josefa o encarou e riu.

— Ah, Toninho, espere então até tu ver minha casa!

Ele sorriu de volta. Gostava de pensar que um dia talvez conhecesse a casa da maga. Que os dois continuariam caçando juntos por muito tempo. Com um estrondo, a porta estacou, completamente aberta.

— Alumia meu caminho, fogo conjurado. Pavio e querosene, candeeiro pendurado — Josefa sussurrou, esfregando as mãos umas nas outras e depois estalando os dedos algumas vezes.

Era a primeira vez que ela pronunciava um encantamento simples em voz alta. Bruxos faziam isso o tempo todo, o que cortava o efeito surpresa de qualquer feitiço. Toninho achava que a maga não precisava de tal artifício por causa de seu poder, mas talvez ela estivesse fraca. Mesmo assim, os candeeiros presos às paredes do túnel acenderam-se um a um. Não era possível ver muito longe; o caminho descia e fazia uma curva acentuada logo à frente.

Os dois entraram sem saber o que esperar, novamente tensos com a expectativa de um possível ataque. O único som era o das botas de couro arrastando-se na pedra áspera e o pingar constante de gotas. O odor era úmido e antigo, como musgo e mofo, bem diferente do ar seco e cálido típico do sertão.

— Que diabos vamos ter que enfrentar agora? — Toninho perguntou, mais para si mesmo do que para a maga.

— Não sei — ela respondeu. — Mas tenho uma gastura danada de lugar apertado.

Desceram alguns minutos em uma espiral, e cada curva aumentava a sensação de que nada de bom os esperaria embaixo da terra.

O chão começou a tremer e os dois entreolharam-se. Toninho já ia abrindo a boca para perguntar o que era aquilo, mas calou-se para ouvir

um som que vinha crescendo segundo a segundo. Era áspero, contínuo, como o som de água correndo sobre o leito de um rio.

O caçador observou o túnel onde estavam mais uma vez, reparando em como a abertura era quase perfeitamente circular.

— Sebo nas canelas, Josefa! — ele berrou, arrastando a maga pelo braço.

O som vinha aumentando atrás deles e nesse ponto Toninho já não tinha mais dúvidas: o que lhes perseguia não era monstro, nem estava vivo. Era algo rolando sobre o próprio eixo, ganhando velocidade a cada curva.

Toninho e Josefa correram por suas vidas e a descida foi ficando cada vez mais íngreme. Deixaram-se levar, inclinados ao máximo, equilibrados apenas pela própria velocidade. Cada vez mais íngreme, tão íngreme que não se podia nem mesmo ver a continuação do chão.

— Ahhhhhhhhhhhh! — Toninho gritou, percebendo tarde demais que o chão simplesmente havia acabado. Gritou enquanto caía no vazio, o vento zunindo em seus ouvidos por aqueles segundos aterrorizantes. Até que... — Quê que é isso, minha Virgem Maria?

Toninho não estava mais caindo como uma pedra, e sim flutuando delicadamente como uma pluma, pra frente e para trás, afundando vagarosamente, até pousar sobre um monte de pedras. A enorme rocha redonda espatifou-se no chão alguns metros adiante, sob um estrondo metálico.

Toninho levantou-se, equilibrando-se sobre um monte de pedrinhas. Pedrinhas lisas e geladas, que cintilavam de leve pela pouca luz que passava pela claraboia no teto, dezenas de metros acima de suas cabeças.

— ESTAMOS RICOS! — Josefa gritou, rindo, enchendo as mãos e lançando as moedas de ouro para cima. Uma delas atingiu dolorosamente a cabeça do caçador, mas ele estava atordoado demais para protestar.

— Isso tudo é ouro... É uma fortuna — ele concluiu, enchendo as mãos para ter certeza de que não sonhava. — Achamos o tesouro, Josefa.

— Sim, e é tudo nosso, Toninho!

Os companheiros riram juntos, em gargalhadas sonoras.

— Não, caros invasores — uma voz formal retrucou. — Isso me pertence. É tudo meu. MEU!

Entre os montes de moedas, uma figura surgiu, andando meio torta, apoiada em uma bengala. Seu corpo era coberto por bandagens

apodrecidas, e seu nariz e boca tinham sido comidos pelo tempo. A única coisa que fazia pensar que a criatura um dia tinha sido humana era seu extenso bigode grisalho e o chapéu bem alinhado.

— Vocês foram previamente avisados, isto não é passível de argumentação. Poderiam ter ido embora, virado as costas para a tentação — a múmia falou. — Agora, contudo, seu único destino é a morte. Sofrerão a maldição do Coronel Marcondes!

Toninho, mesmo tenso, não se aguentou.

— Viu, Josefa? Não falei que tinha maldição?!

— E eu não te disse que tinha tesouro?!

— O tesouro me pertence, ladrões oportunistas — a múmia de coronel repetiu. — Mas a maldição é toda de vocês! Serviçais demoníacos, está chegada a hora do jantar.

Como se tivessem sido conjurados, milhares de escaravelhos negros emergiram por debaixo do ouro reluzente. Toninho não conseguiu conter o pavor ao ver os insetos avançarem em sua direção com uma sincronia fluida. Seria devorado pelos malditos.

Cobriu o corpo com os braços, encolheu-se e fechou os olhos, esperando sentir as presas dos escaravelhos rasgarem sua carne a qualquer momento. Trincou os dentes. Apertou os braços em volta de si ainda mais. O pior era a espera. Aqueles poucos segundos pareciam durar para sempre.

Toninho abriu apenas um olho e deu um grito esganiçado. Estava totalmente cercado pelos insetos, que se agitavam a sua volta, mas não avançavam mais, como se uma barreira invisível os impedisse. O mesmo se passava ao redor de Josefa.

— O que é isto? — a múmia protestou. — Já dei a ordem: matem-nos!

Os escaravelhos pareciam furiosos. Coronel Marcondes bateu sua bengala no chão, injuriado, fazendo o ouro tilintar.

— Será magia? Miragem? Milagre? — a múmia perguntou, mas não esperou resposta. — Não, magia nenhuma poderia protegê-los, eu amarrei tudo direitinho. Tive que sacrificar duas crianças. Nada de mais, filhos de escravos. — Aquilo fez o estômago de Toninho se revirar. Teria esganado aquele coronel assassino se ele já não estivesse morto. — Então por que vocês não morrem? Maldição! Maldi... — Ele deixou a palavra flutuar no ar por alguns instantes. Depois apontou o dedo podre para Josefa. — ...ção. Só uma maldição rebate outra! Vocês são amaldiçoados! E é uma maldição

das fortes, algo ainda pior do que morrerem devorados por demônios escaravelhos.

— Oxe, maga, que maldição é essa que ele tá falando?

— Maga? — A múmia sorriu. — Maga, não contaste para teu namoradinho que quem tem sangue do capeta já nasce amaldiçoado? Que o teu destino é o inferno, que não há neste mundo salvação para ti?

Toninho espiou de lado. Josefa estava com o maxilar trincado e as sobrancelhas franzidas. Furiosa como nunca.

— Minha maldição é problema meu.

— E tu, cavalheiro? — Coronel Marcondes perguntou, olhando para Toninho. — Que outra maldição te protege da minha?

— Opa, opa, opa — Toninho protestou, com os braços abertos. — Já me rogaram muita praga, mas amaldiçoado eu nunca fui, não.

— Ouviram, servos? Tenho que lhes lembrar de nosso trato? Da lenda que gira em torno desta casa? — o coronel perguntou, verborrágico, dirigindo-se aos escaravelhos. Então se empertigou e ajeitou seus trapos, como se fosse um paletó, e começou a recitar o que parecia ser um poema:

— *Na fazenda de Caicó Vivia um grande coronel.*

Suas riquezas eram muitas E a inveja era fel.

Saúde não estava à venda E um dia adoeceu.

Mas decidiu que ninguém herdaria O que por direito era seu.

Abandonado à própria sorte, Fez um pacto com a morte: Ao preço de vidas alheias, Ela lhe permitiria ficar.

A senhora da foice, para manter o encanto, Lhe presenteou com um belo colar.

Do inferno vieram soldados, Para os ambiciosos buscar.

A avareza do homem é a sua maldição.

E só quem não busca o tesouro, encontra salvação.

Ao ouvir a linha final, Toninho abriu um sorriso.

— E aí está sua resposta, lazarento — Josefa concluiu, com gosto. — Ainda tem gente no mundo que vale mais do que todo esse ouro.

Ela então estendeu a mão à frente, palma virada para cima. Fez primeiro um gesto circular e depois fechou os dedos.

— Apareça, objeto encantado. Dou duas gotas de meu sangue, para encontrar algo também amaldiçoado.

Um pequeno corte surgiu no antebraço de Josefa ao mesmo tempo em que se ouviu o som de cerâmica sendo espatifada.

— Não! — a múmia gritou. — Vocês não podem fazer isso!

Era agora ou nunca. Toninho virou-se na direção do som e correu, equilibrando-se nos montes de ouro que se moviam conforme ele avançava. Viu um antigo vaso quebrado e, entre os cacos, uma pedra que reluzia em um brilho arroxeadado. Era um colar de ametista, uma das pedras mais poderosas do país.

Os escaravelhos tentaram impedi-lo; não podiam lhe matar, mas tentaram esconder o objeto, avançando sobre o colar como uma onda e cobrindo-o com seus próprios corpos. Toninho chegou ao local e não teve dúvidas: desceu sua peixeira, polida no sal e banhada em água benta todo mês, sobre os demônios e a peça encantada que mantinha a alma do coronel no corpo apodrecido.

O impacto mágico foi tamanho que o caçador foi lançado metros para trás pela explosão de energia. Caiu de costas dolorosamente sobre as moedas de ouro, os ouvidos zunindo e a cabeça um pouco zozna.

Ainda assim ouviu a múmia gritar pela última vez. Um grito de agonia, um grito de morte definitiva.

Os escaravelhos, por sua vez, explodiram um a um, como aqueles estalinhos de festas de São João que as crianças adoravam. Com estalos secos, todos se transformaram numa fumaça preta e fedorenta.

Toninho se levantou e caminhou meio cambaleante até o local onde a maga estava em pé, observando o que havia sobrado do coronel Marcondes. O esqueleto, o chapéu, a bengala e o bigode.

Josefa se abaixou e pegou o chapéu.

— Mais uma lembrança?

— Bom, algo assim pode ter poder, servir para magias — a maga explicou. — E se não servir, há sempre uso para um belo chapéu.

De repente, Toninho se deu conta de algo importante.

— Tu sabe, maga, se bem entendo de maldições, agora qualquer um pode pegar o tesouro.

— Estamos ricos! — Josefa gritou pela segunda vez, lançando novamente moedas para cima. Depois enfiou a mão na bolsa e tirou alguns sacos de pano de lá de dentro. — Vamos começar logo, vai demorar dias para levar tudo isso para a superfície!

Encheram dois sacos grandes e avaliaram as opções para sair dali. Olharam para o teto, de onde fluía luz pela claraboia. Josefa montou no

seu galho de cajueiro, espremendo-se mais na frente.

— Se acheque, caçador.

— Achei que o seu galho era arredio.

— E desde quando caçador tem medo de cavalo xucro?

Toninho engoliu em seco, apoiou o saco de moedas sobre o ombro esquerdo, passou a perna por cima do galho e segurou firme com a mão direita. Os dois subiram os vinte ou trinta metros voando, mas aquilo mais parecia um verdadeiro rodeio.

O buraco do teto era um poço nos fundos da propriedade. Olhando o poço de fora, era impossível saber que ele terminaria em uma imensa galeria subterrânea recheada de riquezas. Os dois arrodearam a casa, comemorando e rindo. Véia com certeza conseguiria levar pelo menos dez daqueles sacos na cela, e poderiam também colocar mais alguns na bolsa de Josefa — ela garantiu que havia bastante espaço no armazém em sua casa.

— Ah, não... — a maga sussurrou.

Toninho largou o saco de ouro no chão. Haviam chegado à frente da casa e avistaram um grupo de pessoas. As pessoas os observavam com curiosidade. Uma delas vestia uma farda policial.



— A gente devia ter fugido — Toninho reclamou pela milésima vez durante o jantar à luz de estrelas.

— E ter levado chumbo do delegado? — a maga o repreendeu. — Pelo menos a recompensa vai nos deixar tranquilos por alguns meses.

Toninho mirou a bolsinha miúda recheada de moedas de ouro.

— Eu achava que o coronel era um pão-duro por ter amaldiçoado o próprio tesouro — o caçador começou —, mas ele parece até generoso comparado com o lazarento do tataraneto.

— Sempre vai ter alguém para pagar bem pelos nossos serviços, se aquiete.

Toninho comeu uma colher de angu e mordeu um pedaço de charco. Queria conversar sobre o que a múmia havia dito. Se Josefa fosse realmente amaldiçoada, o coronel estava certo: sua alma iria direto para o inferno. Não era justo, afinal a maga estava ali fazendo o mesmo que ele, tirando as criaturas malignas do mundo.

— É por isso que tu caça monstros e demônios, então? — ele perguntou, num tom desinteressado. — Por causa do dinheiro?

A maga levantou uma sobrancelha e fez cara de quem ia dar bronca por causa de perguntas pessoais. Mas pareceu desistir e simplesmente respondeu: — É.

Toninho riu, raspou o restinho de angu da cumbuca.

— Tu finge que é verdade, eu finjo que acredito — ele disse.

— Se tu não parar de me aperrear, eu conjuro os escaravelhos de novo.

Toninho achou graça; aparentemente era mais fácil fazer Coronel Marcondes doar parte do tesouro aos pobres do que convencer a maga a falar. Conformado, o caçador levantou-se e estendeu a esteira de palha ao lado do fogo. Estavam na estrada, naquela noite dormiriam entre a terra seca e o manto de estrelas lá em cima. Não era tão ruim assim.

— Boa noite, Josefa. Boa noite, Véia.

— Boa noite, Toninho.

O vento quente soprou, a mula relinchou e a conversa se acabou.

4 – O mistério do açude Orós

*O sertão vai virar mar,
Dá no coração,
O medo que algum dia
O mar também vire sertão.*
Sá e Guarabyra, “Sobradinho”

Não apenas deuses , orixás, anjos e santos fazem milagre.

Era nisso que Toninho pensava enquanto contemplava o mar que se estendia à frente. Estavam no meio do sertão cearense: no mesmo local onde décadas antes vidas eram perdidas para a seca, pescadores agora lançavam tarrafas em busca de sustento. A construção do açude Orós havia acabado poucos meses antes e aquilo era um milagre dos homens.

— Tu trouxe o traje de banho, Josefa?

— Vá mangando, caçador — a maga rebateu. — Quero só ver se tu vai continuar engraçadinho quando tivermos que entrar pra ver o que se esconde debaixo dessa aguaceira.

Os dois voltaram a observar o açude em silêncio. A superfície espelhada da água reluzia ao sol da manhã e, sob ela, jaziam seus segredos impenetráveis. Os pescadores repetiam o processo incansavelmente: dobavam a rede, arremessavam-na com a habilidade de quem faz daquilo seu viver, e recolhiam para avaliar sua sorte. Algumas vezes, havia peixes. Eles comemoravam, alheios ao perigo.

A melodia predominante eram os miados dos gatos que infestavam o alto dos telhados. Mas a música foi invadida pelo som de chinelas sendo arrastadas e os dois viraram-se para ver quem se aproximava.

— Bom dia, Don’Ana — Josefa cumprimentou.

— Bom dia, pombinhos — a simpática senhora respondeu, com um sorriso, deixando evidente a falta de alguns dentes. Os companheiros haviam explicado no mínimo dez vezes que não eram um casal, mas a mulher aparentemente preferia ignorar o fato. — Sabia que estariam aqui. Dormiram bem?

— Melhor, impossível — Toninho garantiu.

— Vamos tomar o desjejum? Acabei de passar um café fresquinho e o Ciço fez tapioca com queijo coalho.

— Eu não gosto de tapioca, lembra, tia Ana? — Toninho disse. — Desde menino, nunca gostei, lembra?

— Pra você o Ciço fez duas! — a senhora anunciou, pegando o caçador pelo braço e o conduzindo cidade adentro. — Vocês precisam de *sustância* pra caçar esse monstro do açude.

Ana e Cícero tinham sido grandes amigos dos pais de Toninho, e foram também caçadores até a osteoporose impedir que saíssem por aí matando gigantes e exorcizando demônios. Eram, em sua época, responsáveis por livrar o Ceará de qualquer tipo de criatura do mal. Como o único filho do casal decidira ser doutor em vez de de trilhar os passos dos pais, avisavam outros caçadores sempre que havia problemas em sua região. Desta vez, haviam contatado Toninho.

Os três caminharam uns quinze minutos até a casa de muros brancos e telhas vermelhas. A porta e as janelas pendiam abertas, deixando escapar o aroma convidativo de comida saindo do forno.

— Ciço, achei os meninos!

A mesa estava posta com fartura: bolo de macaxeira, batata-doce cozida, paçoca — carne de sol desfiada com farinha de mandioca —, um pedaço despudorado de queijo coalho e as tapiocas já preparadas e recheadas.

Estando sempre na estrada, eram poucas as oportunidades de ter um banquete como aquele. Cícero começou a colocar coisas no prato de Josefa.

“*Primeiro as damas*”, ele fez questão de dizer. A maga apenas acenava com a cabeça, aceitando tudo que lhe era oferecido. No fim, não se podia mais vê-la atrás do prato.

— Toma, Toninho — o senhor disse, enquanto servia porções ainda mais generosas ao caçador.

— Põe tapioca pra ele, Ciço!

— Oxe, mulher, e tu não se lembra que Toninho não gosta de tapioca?

— Que ladainha é essa? — dona Ana perguntou. — Todo caçador do nordeste que se preze gosta de tapioca!

Ela pegou a travessa de cerâmica e colocou três tapiocas branquinhas no prato de Toninho. O caçador respirou fundo e começou a comer, conformado.

— Voltando ao assunto de ontem à noite — Josefa começou, com a boca cheia de bolo —, onde foi mesmo que encontraram os cadáveres?

— O primeiro apareceu dias depois de ter sumido, lá pra baixo, indo pra Guassussê — Cícero respondeu com a boca cheia, apontando para a direção à qual se referia. — E o segundo eles pescaram aqui pertinho, quando avisaram que o moço mergulhou e não voltou.

— E mesmo assim o pessoal ainda vai se banhar? — Toninho perguntou, mastigando a tapioca borrachuda.

— Ah, sabem como é: o povo prefere morrer afogado a morrer de calor — dona Ana disse.

— E tu sabe o que que o Padre José Cavalcante disse na missa? — Cícero perguntou. — Que é nisso que dá encher o rabo de pinga e ir nadar depois.

— Ele disse encher o rabo de pinga? — Toninho questionou. — *Na missa?!*

— Bem, não exatamente com essas palavras — Cícero se explicou. — Mas o que importa é que com essas insinuações, ninguém vai acreditar nos nossos alertas. Há algo no açude. Algo que não deveria estar lá.

Para qualquer caçador, era muito claro que havia algo estranho acontecendo na cidade. Havia gatos saindo pelos ladrões: nos telhados, nas ruas e às margens do açude, alimentando-se da energia mística que os humanos não conseguiam perceber. Os cachorros, por outro lado, eram avessos a criaturas sobrenaturais e haviam todos dado no pé, não se via mais nenhum em Orós.

— E a tal da testemunha? — Josefa quis saber.

Cícero e Ana trocaram um olhar e suspiraram em uníssono.

— Ninguém tem paciência pra ouvir o que ele tem a dizer — Cícero disse.

— Por quê? — Toninho perguntou.

Dona Ana deu um suspiro pesaroso.

— Prepare-se para um longo interrogatório — dona Ana anunciou. — Ele é gago.

†††

— Fomos até a margem do açu-açu-açu...

— Açude — Toninho completou, sem conseguir se aguentar.

Benedito estreitou os olhos, irritado com a nova interrupção.

— Eu já di-di-di-disse que não é pra fazer i-i-i-i-i-isso.

— Tudo bem, tudo bem, me perdoe. Não vai se repetir.

— Se-se-se-se-sei — Benedito disse, com ironia. — Quando chegamos ao açu-açu-açu — Toninho mordeu o lábio pra manter a língua dentro da boca — açude, sentamos num ba-ba-ba-ba-ba-banco na margem.

— E viram algo estranho na água? — Josefa perguntou.

— Não. Fica-ca-ca-ca-mos jogando conversa fora. Aluí-í-ízio tava me contando sobre a morena que ele conheceu no fo-fo-fo-forró. E da noite que ele pegou ela de jeito... Ce-ce-ce-cêis sabem.

— Não acho que isso seja importante, Benedito — Toninho interrompeu. — Afinal, quando ele entrou na água?

— Eu fui no boteco da esqui-qui-qui-qui-quina buscar uma cachacinha. Era sá-sá-sá-sábado — ele rapidamente complementou.

— Então vocês realmente encheram o rabo de pinga antes de entrar na água? — Toninho perguntou, começando a desconfiar que talvez aquele episódio fosse apenas um acidente.

— Nã-nã-nã-não — Benedito respondeu, bastante bravo. — Quando eu tava voltando com a garrafa na mã-mã-mão, vi o Aluízio entrando na á-á-água. De roupa e tu-tu-tu-tu-tudo.

Toninho arqueou as sobrancelhas. Agora sim estavam chegando ao ponto em que o caso começava a ficar interessante.

— Assim, do nada? — Josefa perguntou. — Ele viu alguma coisa na água?

— Não se-se-se-se-sei. Primeiro achei que ele tava só com muito ca-ca-ca-ca...

— Calor? — Toninho arriscou.

— Sim, calor! — Benedito repetiu, irritado. — Depois achei que ele tava fazendo hora com a minha ca-ca-ca-ca-ca...

— Cara?

Benedito o mirou como se quisesse incendiá-lo com os olhos.

— Toninho, tome tento! — Josefa gritou. Depois virou-se para Benedito. — E o que que tu fez?

— Gritei: Alu-lu-luízio! Mas ele não se virou. Foi entrando na á-á-á-á-água e afundou.

— E depois? — Josefa o urgiu a continuar.

— Quando ele não voltou, saí gritando SO-SO-SO-SO-SO-SO-SO-SO-SO-SO-SO...

Percebendo que daquela vez Benedito realmente não conseguiria terminar a palavra, Toninho completou com a voz mais solícita que conseguiu.

— So...corro?

— Não. Só so-so-so-so-so-so mesmo. Quando eu fico nervoso, aí que não consigo falar direito. Demorou umas du-du-duas horas até eu conseguir co-co-co-contar o que tinha acontecido.

— E nesse momento o pessoal foi ajudar a procurá-lo?

— Foi. Aí acharam o co-co-co-co-co...

— Corpo — Toninho finalizou.

Dessa vez o homem apenas assentiu com a cabeça de um jeito triste, como se não se importasse com a interrupção.

— Obrigada, Benedito — Josefa agradeceu. — Vamos descobrir a verdade. Ah, se vamos!

O gago foi-se embora e os dois companheiros dirigiram-se até a beira do açude Orós. Pararam a poucos metros da água.

— E então, caçador, quais são suas teorias?

— Mainha uma vez me contou sobre uma criança que morreu afogada no São Francisco — Toninho começou, lembrando-se perfeitamente dos detalhes horripilantes da história. — E toda vez que alguém entrava no rio, no local onde ela havia morrido, a fantasminha vinha puxar o pé do azarado pra encher o bucho dele de água.

Josefa se contorceu num arrepio.

— Afe, se tem uma coisa que me põe medo são esses causos de assombração de criancinha. Tu acha que é fantasma de afogado então?

— Elementar, minha cara Josefa — Toninho concluiu. — Tu se lembra que a barragem estourou há pouco mais de um ano? O Baixo Jaguaribe virou uma lagoa, Conceição do Buraco se inundou e teve até

gente que morreu. Pode ser um dos falecidos querendo companhia embaixo d'água.

Josefa o encarou por alguns segundos, numa expressão ilegível.

— Tô impressionada, Toninho — ela confessou, por fim. — Tu pode mesmo estar certo. E no mais, não custa nada fazer o despacho e ver no que dá.

O homem se inflou todinho.

— São muito anos de experiência e estudos em...

— Menos — Josefa pediu, levantando uma mão em advertência. — Não estrague o momento.

Toninho murchou um pouco, mas decidiu ser prático.

— Então vamos começar os preparativos para mandar a alma penada pro além. E tu sabe o que dizem: *fantasma que mata fácil, vai difícil*.

Voltaram ao centro e foram até a humilde igrejinha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Quando um espírito permanece na terra, existe sempre um motivo: há aqueles que nem desconfiam que bateram as botas e continuam sua rotina normalmente; outros têm tanto medo do além que preferem permanecer na agonia de viver incorporeamente; alguns ficam por amor, atados à Terra principalmente pelas lágrimas de quem fica. Mas fantasmas como aquele do açude, que ficam pelo desejo de vingança, são os mais difíceis de convencer a partir. Porque vingança é desejo que corrói a essência, que se sobrepõe à razão e até mesmo aos instintos. Vingar-se é beber água para tapar buraco-fome: uma ilusão de saciedade que apenas faz doer ainda mais o âmago ferido.

Aquele fantasma resistiria com suas falecidas — *que Deus as tenha* — unhas e dentes. Se afogava inocentes, muito provavelmente tentaria afogar, desaforar e afogar de novo quem tentasse mandá-lo embora dali. Por isso, Toninho pediu ao padre José Cavalcante que benzesse seu crucifixo três vezes, que beijasse seu terço, e que fizesse uma prece para que Deus lhes acompanhasse.

O padre quase se emocionou ante tamanha devoção e disse, inclusive, que se todos os fiéis fossem como Toninho, ninguém sairia por aí se afogando no açude depois de passar o dia entornando o caneco.

O caçador e a maga dirigiram-se mais uma vez para a beira do açude, até um deque de concreto que se estendia além da margem. Toninho já havia visto o sol nascer do mar nas praias da Paraíba, mas nunca imaginou que veria a luz ser engolida pela imensidão das águas, muito menos no

meio do sertão. O céu estava pincelado de laranja e vermelho, e a superfície do Orós refletia em ouro líquido. Era de derreter o coração de qualquer um que soubesse que aquela mesma terra, agora submersa, já havia muitas vezes se partido num quebra-cabeças de aridez.

— Que é que é isso, Toninho? — Josefa perguntou, meio divertida. — Tá chorando, homem?

— Que chorando, o quê, tá doida? — o caçador disse, rindo e esfregando os olhos. — Meu olhos tão é ardendo por causa dessa luz refletindo aí na água.

— Claro — a maga concordou, com uma convicção fervorosa. — Vamos começar logo esse despacho?

Toninho enrolou o terço beijado pelo padre na mão direita. Tomou o crucifixo na outra e o estendeu à frente, enquanto Josefa fazia um círculo de sal que abrangesse os dois. A voz do caçador recitando um Pai Nosso solene e profundo ressoou com o canto das garças brancas. Precisava acertar em cada detalhe, do melhor jeito possível, para garantir que o desencarnado se fosse sem arrumar muita confusão.

Ele esperava sentir a resistência do espírito a qualquer momento, quem sabe até mesmo uma ventania ou gemidos ameaçadores, dependendo do poder e da raiva do morto. Mas não esperava que a superfície da água se agitasse de súbito.

— Oxe, esse aí deve ser dos brabos mesmo, porque eu nunca vi alma penada fazer onda.

Josefa colocou a mão sobre seu antebraço e a firmeza do apertão fez com que ele se calasse. Toninho torceu o pescoço para o lado e observou a maga. Ela trazia uma expressão que o caçador nunca tinha visto em seu rosto: medo.

O coração de Toninho se acelerou. Ele voltou os olhos à água, fritando os miolos para tentar adivinhar o que Josefa acreditava se esconder ali. Um peixe bateu o rabo na superfície e a maga cravou as unhas na pele do caçador.

Parecia um peixe enorme.

Toninho tinha certeza que o *clic* em seu cérebro fora ouvido até do alto da Pedra do Cruzeiro.

Sua vontade era dar no pé sem olhar para trás, mas sabia que era inútil tentar correr. Estavam próximos demais e não havia mais nada que pudesse ser feito para evitar a morte, se a criatura assim desejasse.

A calma da superfície espelhada foi novamente quebrada por pequenas ondas. Ela submergiu o tronco e os dois caíram de joelhos no cimento áspero. Dessa vez, as lágrimas rolaram livres pelo rosto do caçador.

Aquela era a definição mais pura de uma *visão de tirar o fôlego*. Exatamente como diziam as lendas, Toninho era quase incapaz de respirar; o ar ardia feito fogo em seus pulmões. E mesmo assim, o caçador ainda conseguia achar forças para admirar cada detalhe da criatura: sua pela parda que devia ter textura de seda sob os dedos, os longos cabelos negros e os olhos de um castanho límpido. Seus traços pareciam ter sido esculpidos pela água, pois cada contorno tinha uma suavidade única. Nem o céu estrelado da época de seca, nem o pôr-do-sol no Orós, nem a sensação da primeira chuva do ano no sertão, comparavam-se à beleza da sereia que os encarava.

E bastaria uma nota.

Uma sílaba cantada e os dois *réus* entrariam voluntariamente na água e se afogariam por ela. Lavariam seus pecados de dentro para fora. Se Josefa tinha magia em seu sangue, seria tão certo quanto afirmar que a sereia deveria ter algumas gotas de sangue em meio ao mar de magia que pulsava em suas veias. Não há no mundo — nem mesmo no sertão, onde se diz haver de tudo — proteção para negar o chamado das descendentes de Iara.

— Caçador — a sereia disse, seus olhos castanhos líquidos penetrando nos dele. — Vejo o teu passado. Sou o teu presente. O futuro a Deus pertence, mas sei que mal por mal não farás. Tua alma é transparente, homem. Teus olhos também.

O coração de Toninho parecia querer pular para dentro da água. Suas pernas por pouco não se liquefizeram. Sereias eram juízes na Terra, conseguiam ver através das pessoas e avaliar seus pecados. Se condenados, a pena era de morte. A execução, imediata. Mas o caçador parecia ter sido absolvido.

Josefa, contudo, tremia ao seu lado. As unhas dela continuavam cravadas em seu braço, suas mãos estavam geladas.

— Maga, tu és feita de pecado — a sereia disse. Josefa trincou os dentes. Toninho não se aguentou e gemeu de leve. — Mas semente de fruto podre também pode florescer. O que faço contigo, filha da sombra?

— Me deixe ir dessa vez, filha da água. Ainda não tô pronta — Josefa respondeu.

A sereia a avaliou por mais alguns segundos, seus olhares presos um ao outro, como se a verdade fluísse livremente entre eles. A criatura finalmente assentiu com a cabeça.

— Pois trata de ficar pronta, pois tua hora há de chegar.

O rabo de peixe foi o último a desaparecer.

Toninho e Josefa sorveram o ar em grandes golfadas. O ardor no peito sumiu e foi substituído por uma respiração ofegante.

— Dessa vez achei que a gente ia bater a botas — Toninho disse, suas pernas tão firmes quanto geleia de mocotó.

— Eu também — Josefa confessou. — Foi por pouco. Muito pouco.

Os dois permaneceram em silêncio por alguns segundos, tentando se recuperar do susto e da visão estonteante.

— Mas que diacho essa sereia tá fazendo aqui no açude? — o caçador perguntou, mais para si mesmo do que para a companheira.

— Não sei — ela respondeu, da mesma forma vaga.

Era no mínimo inesperado. Elas gostavam da Amazônia, de grandes rios, de florestas densas, de espíritos antigos. Ouvia-se boatos de sereias vivendo no São Francisco. Mas ali, tão perto de uma cidade...

— Ela deve ter ficado presa — Josefa sugeriu. — Durante a construção do açude.

— E agora?

A maga o encarou e meneou a cabeça.

— Agora nada.

Toninho abriu a boca para argumentar e a fechou em seguida. O que eles dois poderiam fazer, afinal? Passar uma rede e tentar pescá-la? O caçador rechaçou da mente a imagem da sereia morta na beira do Orós, a cauda inerte e os olhos sem vida. Beirava uma heresia. E de qualquer forma, estariam mortos antes mesmo da rede tocar na água.

— Mas a gente vai simplesmente deixá-la aí? — Toninho indagou.

— E que outra alternativa nós temos? Normalmente se espanta sereia com óleo de cravo, mas aqui vamos espantá-la para onde? Para a margem oposta?

O caçador queria ter respostas, mas só tinha mais perguntas.

— E além do mais, tu sabe... — Josefa começou.

— Além do mais o quê? — De certa forma Toninho sabia o rumo que aquela conversa tomava. E não gostava nada, nada. — Sereias matam *pessoas*.

— Apenas pessoas más.

— Como o tal Aluízio, que ficou se gabando da noite com a morena? Desde quando isso merece pena de morte?

— Tu não sabe se esse era o único pecado dele — a maga rebateu.

— E tu não pode afirmar que havia outros.

Os dois se entreolharam. Poderiam discutir por horas sobre o julgamento que as sereias conduziam. Havia grandes defensores, que argumentariam que o que elas faziam não era assim tão diferente da missão dos caçadores: tirar o mal do mundo. Mas Toninho acreditava que todo homem deveria ser julgado pelas leis dos homens em vida, e dos deuses na morte. Porém, em vez de fazer grandes discursos sobre o valor de cada vida, preferiu se conformar.

— Isso nunca me aconteceu. Nunca desisti de uma caçada.

— Não vamos vencer todas, caçador. Ninguém pode salvar todo mundo.

Tomaram o caminho de volta, calados por tantos motivos que não era possível enumerá-los. Subiram a encosta devagar, arrastando atrás de si o peso da derrota.

Quando chegaram à casa de Ciço e dona Ana, a única luz vinha de lampiões e o único conforto do cheiro da panelada cearense que borbulhava no fogão a lenha.

— Oxe, que cara de enterro! — dona Ana exclamou. — Quem morreu?

— Hoje, ninguém — Toninho informou. — Amanhã, só Deus e os videntes podem dizer.

Contaram os detalhes para os caçadores aposentados. Ciço não conseguia acreditar e disse até mesmo que gostaria de ter estado lá para vislumbrar a criatura mágica. Dona Ana não acreditou. Realmente não acreditou, e disse ainda que os jovens tinham tomado sol demais na cabeça.

Depois do jantar, as redes foram penduradas na sala mais uma vez para os hóspedes. Toninho deitou-se, mas não conseguiu pegar no sono.

— Josefa, tá dormindo?

— Tô.

Ele ignorou a resposta, talvez por causa dos dias de convivência com dona Ana.

— O que que tu quis dizer quando falou pra sereia que ainda não tava pronta?

Era uma noite sem lua e os lampiões já haviam sido apagados. Toninho fitou a escuridão, pois gostaria de tentar ler a expressão da maga. Apenas conseguiu ouvi-la respirar fundo.

— Quis dizer isso mesmo, que eu não tava pronta, que não queria morrer.

— Foi mais que isso — o caçador concluiu, com convicção. — Era como se tu quisesse dizer que tava se preparando, mas ainda não tava pronta.

Foi a vez da maga ignorá-lo. Uma brisa quase fresca soprou pela janela. Uma coruja piou. Toninho se ajeitou na rede e virou-se de lado, tentando mais uma vez em vão enxergar a companheira.

— Que é que tu quer, Josefa? — ele perguntou e, antes da resposta esquiva, emendou um pedido. — Me diga alguma verdade por uma vez.

A rede ao lado rangeu, como se a maga também se ajeitasse. Toninho quase se assustou quando o par de olhos cor de terra brilhou no escuro, como o dos gatos e das corujas.

— Eu só quero o que todo mundo quer, Toninho.

Ele sabia que a resposta tinha sido sincera, talvez pela falta de deboche e pela fragilidade vítrea dos olhos brilhantes. Quando eles sumiram no escuro, soube que não arrancaria mais que aquilo. Pelo menos não naquela noite.

Voltou então a ruminar a culpa.

O caçador sabia que ao longo dos anos outros morreriam afogados no Orós. Culpados de seus pecados, nem por isso merecedores da morte. Pessoas comuns arranjariam explicações comuns: *ele não sabia nadar, o sujeito bebeu demais, o barco simplesmente virou*. Mas cada vez que a notícia chegasse, se perguntaria a real razão.

Repetiu as palavras de Josefa para si mesmo, como um mantra: “*Ninguém pode salvar todo mundo*”.

Com um aperto no peito, pressentiu que as repetiria muitas vezes no futuro.

5 – Céu em chamas

*Fogo pagou, cantou, cantou, cantou
Olhou pro céu encarnado e se assustou
Fogo pagou, cantou, cantou, cantou
Compadecida, bateu asas e voou
Água do rio secou, secou
Capeta então reinou
Matando e acabando o que encontrou
Água do rio secou, secou
Credo, Nosso Senhor
Até o próprio sol se incendiou
Sivuca, “Fogo Pagou”*

Bom Jesus do Piauí Sempre ardeu no calor, Mas naquele dia em si
Até o capeta arregou.

— *Minha Virge Maria!*

O sete-pele blasfemou.

— *Nessa quentura num fico, Daqui sem mais eu me vou.*

— *Óia o fogo, óia o fogo!*

Foi o que o povo gritou.

É a seca, é a queimada, Deus esqueceu de nós, Ô, terra amaldiçoada!

Uma sombra enorme pairou, Escurecendo a terra rachada.

O cabra pro céu oiô, E no seus óio num ‘creditava.

Do fundo do bucho gritô: — *Socorro, mãezinha amada!*

— *Quê que é, homem?*

A gente perguntou.

O cabra, se tremendo todinho, Logo se explicô: — *Eu vi um calango no céu De asas abertas e fogo nas ventas.*

Não é história de pescadô, Juro, pé juntinho, Era um calango vuadô.



E entre dois mandacarus, uma porta se abriu, no meio do sertão cearense.

— Anda, Toninho!

Véia hesitou por alguns segundos, mas no fim passou pelo portal, o caçador em seu lombo. Josefa veio logo atrás, arfando por causa do esforço que a magia demandava. Em um passo, os três haviam viajado quase mil quilômetros.

— Oxe, só quero viajar assim agora! Chega de fritar os miolos no sol e calejar os fundilhos na sela — ele disse à maga.

— Quando tu aprender a conjurar portal, fique à vontade — Josefa rebateu. — Mas aviso que muito teletransporte afina a matéria. Tenho uma amiga que hoje tá quase transparente por causa de um relacionamento à distância.

Observaram os arredores. As ruas de paralelepípedos vermelhos estavam recobertas pelo folhetim amarelo, cuja gravura na capa mostrava um réptil sobre as patas traseiras, labaredas saindo da boca, transformando pessoas em tochas vivas. Disfarçado de cordel, aquele era na verdade um jornal para os interessados e interesseiros nos assuntos sobrenaturais.

Bom Jesus fervia de calor e movimento. Toninho, Josefa e Véia circundavam a praça principal, abarrotada de gente de todos os tipos: caçadores de demônios, bruxos, ciganos e até mesmo pele-falsas.

Os ânimos estavam quentes, afinal todos se perguntavam sobre os motivos alheios para estar ali. Havia quem quisesse dar cabo do monstro, capturá-lo para vendê-lo no mercado negro e até aqueles que achavam possível domá-lo — provavelmente para utilizar a criatura para fins nada nobres.

— Já caçou dragões, Josefa?

— Não — a maga respondeu —, mas já cavalguei um.

Toninho se impressionou, contudo não deixou transparecer.

— E o que que tu sabe sobre os bichos?
— Tá querendo uma aula, caçador?
— Não, tô querendo só saber o quanto tu sabe pra poder te explicar o resto.

Josefa sorriu de lado, mas respondeu: — Eles têm a carapaça dura, temperamento esquentado e uma visão perfeita. Pra cavalgar é só tapar os olhos — a maga explicou. — E se mata dragões igual se mata fogo: afogado ou asfixiado.

— Tu até que tá bem informada.
— Algo a acrescentar?
— Por hora, tá suficiente — Toninho concluiu e Josefa meneou a cabeça.

Um homem parrudo, negro e de ombros largos, veio caminhando com os braços abertos na direção deles.

— Ah, não... — Toninho suspirou, antes do cabra se aproximar.
— Toninho Tampinho!

O homem o envolveu em um abraço — Toninho lhe batia na altura do peito — e deu um cascão em sua cabeça. O caçador o empurrou, ajeitou os cabelos e o mirou meio emburrado.

— Pedrão mata-besta — Toninho cumprimentou, estendendo uma mão. — Nem me lembro quando foi a última vez que nos vimos. — *Graças a Deus*, completou mentalmente.

Pedrão era alguns anos mais velho que Toninho e também era de família de caçadores. Os dois costumavam encontrar-se na Convenção de Assuntos Sobrenaturais, evento que definhou com o passar dos anos conforme o número de caçadores aumentava. Era mais comum agora que as reuniões fossem estaduais — Pedrão era da região de Juazeiro, na Bahia, e Toninho atendia os encontros da Paraíba.

— Só sei que foi numa daquelas convenções — Pedrão divagou. — Veio pra matar o calango?

— Eu e esse mar de gente — Toninho respondeu. — Essa é Josefa, temos caçado juntos nos últimos meses.

Pedrão estendeu a mão para cumprimentá-la e a encarou por alguns instantes.

— Cheguei ontem e ainda não me juntei a nenhuma equipe — o homem revelou. — A gente bem que podia trabalhar juntos.

Pedrão sempre debochava do tamanho de Toninho, e aquela sugestão valia muito mais do que um pedido de desculpas.

— Que é que tu acha, Josefa?

— Acho bom — ela respondeu, apontando para o centro da praça. — Todo mundo está em grupos. Temos mais chances de matar o dragão a três.

Toninho observou a cena. As equipes discutiam fervorosamente, planejando estratégias de ataque. Muitos ajudavam na construção de uma pira: o fogo era um grande atrativo para dragões, e aquela parecia a maior fogueira de São João de todos os tempos.

— Aqueles ali — Pedrão começou, apontando para um grupo que se organizava ao redor de uma engenhoca de madeira e metal — são os que parecem mais fortes.

— Todos caçadores? — Toninho questionou.

— Não. O homem é um bruxo, a baixinha de óculos é inventora e a das pernas finas é uma pele-falsa.

— Se transforma em quê? — Josefa quis saber.

— Garça-branca.

— Hu-hum — a maga e Toninho murmuram em uníssono, observando o nariz fino e alongado da mulher alta. Ela parecia uma garça mesmo antes de se transformar.

— Eles querem capturar o bicho vivo — Pedrão explicou. — O bruxo tem um zoológico de criaturas mágicas.

— E os ciganos? — Josefa perguntou, apontando com a cabeça para a trupe de mais de vinte, acampada na rua mais à frente.

— Ficam só observando a movimentação e já anunciaram que pagam uma fortuna pelo calango, vivo ou morto.

Ciganos eram bons comerciantes, já deviam ter fechado algum acordo para vender o bicho. Sangue de dragão era altamente inflamável, uma armadura feita com seu couro era imperfurável, dentes e garras eram mais afiados que aço. E, mais importante que qualquer outra coisa, ainda havia a mágica. Ingredientes poderosos para qualquer tipo de encanto, trabalho, amarração e magia negra. Toninho não gostava nada daquilo. Sua intenção era matar o bicho e colocar fogo no corpo.

— Dado que estamos na época da seca, acho que vai ser mais fácil asfixiar o calango do que afogá-lo — Toninho disse, querendo começar o planejamento, já que a fogueira havia sido acesa e começava a arder cada vez mais alto. — Mas como conseguiremos dominá-lo?

— Os outros todos estão tentando vendá-lo — Pedrão explanou.
— Ah, vender um dragão xucro é difícil demais — Josefa concluiu.
— Eu tenho uma poção do sono, se conseguíssemos fazê-lo beber...

— Poção? — Pedrão perguntou, confuso. — E desde quando caçadores sabem fazer poções?

Josefa sorriu, parecendo lisonjeada por ter sido confundida com uma caçadora de demônios. Toninho riu.

— Ela caça, mas não é caçadora por nascença, não — ele explicou. — Josefa é uma maga.

Pedrão arqueou as sobrancelhas e encarou Toninho por alguns instantes, boquiaberto.

— Tu... — o homem parecia ter perdido as palavras. — Que ideia de jerico é essa, Toninho?!

Ele então se afastou alguns passos e cuspiu aos pés de Josefa.

— Ser dos infernos!

— Pedrão! — Toninho ralhcou. — Josefa não é uma maga comum, ela caça...

— Não sei se tu é tonto ou ingênuo — Pedrão disse, encarando o outro caçador e ignorando a maga. — Pau que nasce torto não se endireita, Toninho.

Dito isso, o grandalhão lhes deu as costas e se misturou à multidão.

O silêncio constrangedor perdurou por insistentes segundos.

— Josefa...

— Não se aperreie — ela disse, gesticulando com a mão para que ele deixasse o assunto de lado. — Ouvi coisas do tipo a vida toda e isso nunca me impediu de...

Gritos.

O caçador sentiu a sombra sobre si antes mesmo de vê-lo. Olhou para cima e lá estava o enorme réptil sobrevoando os céus de Bom Jesus: uma versão de dez metros de um calango-de-cauda-verde, corpo cor de terra e asas e cauda de um verde estridente.

A praça transformou-se em um formigueiro recém atacado. Com uma sincronia digna de quadrilha de festa junina, as equipes se organizaram, prontas para pôr em prática os planos desenhados.

A pele-falsa começou a correr e transformou-se num piscar de olhos. A garça-branca ganhou os céus e voou veloz atrás do réptil. Quando ele fez uma curva em direção à fogueira, o pássaro se posicionou logo acima do

dragão e transformou-se novamente em mulher. Ela caiu sentada sobre o pescoço da criatura, agarrou-se às escamas e escalou até a cabeça.

O povo aplaudiu.

A mulher estava prestes a vender o bicho, quando ele girou sobre o próprio eixo e se sacudiu. A pele-falsa foi arremessada a alta velocidade e começou a cair.

O povo gritou.

Ela então se transformou novamente em garça, bateu as asas e aterrisou meio sem jeito, parecia ferida.

O povo acudiu.

O dragão deu um rasante, atraído pelo fogo, e Toninho temeu pelo pior: se ele decidisse assar a vila inteira, só sobrariam cinzas para contar a história. Mas ele apenas mergulhou entre as chamas, ignorando a multidão, e fez a curva para subir mais uma vez. No meio do caminho, contudo, pendia um enorme laço amarrado entre duas árvores. Quando o calango passou, a inventora puxou a corda, que passava entre dezenas de roldanas da estrutura de madeira. Com a freada inesperada, a criatura veio ao chão.

Muitos vieram ajudar a puxar a corda. O dragão tentou bater as asas e se debateu, transformando a situação num cabo de guerra entre humanos e monstro.

Josefa e Toninho também correram em auxílio. Novas cordas foram arremessadas para conter o calango. Ele rugiu.

O bruxo, da mesma equipe da mulher garça-branca e da inventora, encantou uma corda. Ela subiu ao som de uma flauta, como uma cobra dançante, até envolver o focinho dele, impedindo que lançasse fogo sobre a multidão.

Pedrão era um dos que estavam bem na frente do dragão, arremessando novas cordas. Quando Toninho viu as pupilas verticais do réptil se dilatarem e a fumaça branca saindo de suas ventas, teve um mau pressentimento. Ele puxou o braço de Josefa para trás, mas a maga se soltou e correu. No mesmo instante, os músculos do dragão se retesaram, suas asas se abriram e as cordas foram arrebetadas. Inclusive a que mantinha a bocarra fechada.

Josefa estava posicionada à frente de Pedrão e de mais uma dezena de pessoas. O calango abriu a boca e da garganta surgiram labaredas verdes,

derramadas sobre todos que estavam ao seu alcance.

Assustados, homens e mulheres largaram as cordas e deram no pé para salvar a própria pele. Com o restante das cordas agora frouxas, o dragão bateu as asas e ganhou os céus mais uma vez. Josefa e os outros estavam sãos e salvos.

Toninho correu ao encontro dos deles.

— Eu morri? — Pedrão perguntou, tocando o corpo e se beliscando.
— Se eu morri, me despachem pro além logo de uma vez!

— Morreu nada, estrupício — Josefa ralhcou. — Tá vivinho da silva.

— Mas... como? — Toninho perguntou.

— Escudo antifogo. É uma dessas mágicas que se aprende no primeiro ano de faculdade: princípios básicos de proteção, volume um.

O homenzarrão encarou a maga por algum tempo e assentiu com a cabeça.

— Agradecido. Mas isso não muda minha opinião sobre magos.

Toninho cruzou os braços e inflou o peito.

— Então toma seu rumo, porque eu e Josefa temos um dragão pra matar.

Pedrão o mirou com um olhar de desprezo e se foi.

Em vez de perder mais tempo discutindo com o companheiro preconceituoso, Toninho se pôs a observar as pessoas e os estragos feitos pelo calango voador. A mulher garça mancava, mas parecia bem, enquanto a cientista brigava com o bruxo porque as cordas não foram fortes o suficiente. Os ciganos ofereciam, em alto e bom som, amuletos afasta-dragão. Caçadores discutiam próximos passos calorosamente, perguntando-se como dominariam um dragão tão grande. As pessoas comuns, em sua maioria, ainda se abanavam, choramingavam e vasculhavam o céu com expressões assustadas.

Mas uma figura destacava-se entre os muitos. Toninho observou o senhor de chapéu de palha ir de grupo em grupo, argumentar com palavras e gestos enfáticos, e ser rechaçado em seguida. Muitas vezes. Até que ele se aproximou da dupla.

— Cês também tão caçando o calango?

— Estamos — Toninho respondeu, curioso para saber o que o cabra diria em seguida. Coisa boa não devia ser.

O homem apertou as mãos ossudas nervosamente.

— Nem todo dragão é mau — o senhor replicou. — É igual cachorro: tem uns que são maus, outros bonzinhos. Depende da criação.

Toninho estava prestes a enxotar o velhinho maluco, quando Josefa pousou uma mão em seu ombro, pedindo a palavra.

— Parece uma teoria interessante — a maga disse, num tom apaziguador. — Que tal tomarmos um café e o senhor nos explica um pouco mais?



Era um dia de sol escaldante, desses que derretem o horizonte. João caminhava pela roça, enxada no ombro, chapéu na cabeça, arrancando as ervas daninhas que teimavam em crescer entre as melancias.

Aquela pedra, cujas cores mudavam dependendo do ângulo em que se observava, sempre estivera no mesmo lugar. Apesar de estar bem no meio da plantação, o homem nunca tivera coragem de tirá-la de lá. Era bonita, estranha... E, a bem da verdade, bastante pesada.

João já havia se decidido a voltar para casa, pois o meio-dia não tardava a chegar: a barriga roncava e o cocuruto fritava. Nossa Senhora das Mercês, devia ser o dia mais quente dos últimos cem anos!

Então ouviu um barulho estranho: seco, áspero. Ele se virou e viu a rachadura correndo na pedra, ramificando-se como galhos de juazeiro. A superfície dura ficou quebradiça e uma das peças do quebra-cabeças foi empurrada de dentro para fora. Uma cabeça reptiliana surgiu no buraco deixado.

Seu João, achando que fosse uma cobra, se afastou. Depois, viu o bicho colocar as patas para fora e pensou: *é um calango!*

Até que avistou as asas.

Não, não era um calango comum, era um calango voador.

Ele se aproximou, imaginando se aquilo era uma miragem. Se abaixou perto do bichinho, estendendo as palmas das mãos, e a criatura se achegou de mansinho. Parecia avaliar o homem. Hesitou por alguns instantes, mas finalmente subiu nas mãos abertas.

João se levantou e o ergueu até que estivesse na altura de seus olhos. O bicho piscou algumas vezes, pôs a língua para fora e guinchou. Depois bateu as asas, mas parecia fraco para voar. O homem concluiu que não

podia deixá-lo ali, onde certamente seria devorado por uma cobra ou gavião.

Então o levou para a casa. Ingenuamente, montou para ele uma casinha de madeira — que foi queimada no segundo dia. Ensinou-o a acender as lamparinas e a fazer leitão à pururuca, que veio a se tornar seu prato preferido.

Foguinho. O cabra deu até um nome para o novo companheiro.

O bicho foi ficando grande e a casa, pequena. Foguinho passou a viver nos morros, lá para o lado da chapada. Vinha visitar João todas as noites.

Até que alguém o viu.

Bem na época das queimadas.



— Tu tá dizendo então que Foguinho nunca colocou fogo na cidade e nas plantações? — Josefa perguntou, sobranceiras arqueadas.

— Dizendo, não, jovem — seu João afirmou —, tô garantindo.

Toninho meneou a cabeça, ainda não convencido.

— E as queimadas?

— Menino, tem queimada aqui todo santo ano! — o velho se exaltou. — Antes de Foguinho, antes de vocês, de mim e dos meus antepassados já tinha queimada. O problema foi justamente que avistaram meu bichinho e colocaram toda a culpa no pobre coitado.

— Mas seu João, dragões são selvagens — o caçador insistiu. — Ele pode machucar alguém.

— Óia — o homem começou, com um tom que beirava uma súplica —, eu já prendi ele dentro da casa quando comeu as galinhas, dei chinelada quando ele se enfiou no fogão a lenha, e dou banho todo ano, que é o que ele mais odeia nessa vida. Ele nunca me fez nadinha, nunca ameaçou me morder ou me queimar.

— Mas hoje ele tentou assar as pessoas na praça — Toninho salientou.

— O coitadinho tava só tentando se defender — seu João retrucou. — Tu já viu algum bicho ficar calmo quando lhe amarram o focinho? O único ser vivo que corre perigo perto de Foguinho é um porco bem redondo, eu

garanto. — E não recebendo resposta, completou: — Por favor, Foguinho é como se fosse da família.

— Gostaria de poder lhe ajudar — Toninho concluiu, por fim —, mas não posso deixar o dragão a solta. É meu dever de caçador matá-lo.

— Com licença, seu João — a maga se escusou. — Toninho, uma palavrinha por favor?

Os dois deixaram o casebre do homem. A maga encarou o companheiro, braços cruzados.

— Nós não podemos matar esse calango — ela afirmou.

— Josefa, tu deve saber melhor do que ninguém que dragões são bichos traiçoeiros.

— E que pau que nasce torto não se endireita — ela completou, num tom amargo.

Toninho suspirou.

— Tu tá querendo comparar as asneiras que Pedrão disse sobre tu com a situação toda?

— Não, só tô querendo que tu perceba que está sendo tão cabeça dura quanto ele.

O caçador cerrou os dentes, contrariado. Deixar o dragão vivo não era prudente e ele não entendia porque a maga insistia. As palavras de Pedrão ecoaram em sua mente: *Não sei se tu é tonto ou ingênuo.*

— Por quê? — o caçador perguntou, mirando nos fundos dos olhos cor de terra de Josefa. — Por que tu quer tanto salvar o bicho? — Ela abriu a boca pra argumentar e ele já foi avisando: — E me diga a verdade, ou não tem discussão.

Josefa perdeu o rumo por alguns instantes.

— Eu... — ela começou e depois mordeu o lábio inferior. — Eu tenho um gato.

— Um gato? — Toninho perguntou, retoricamente. — Não sei se o fogo de dragão queimou seus miolos, mas existe uma *pequena* diferença entre um gato e o monstro que a gente viu lá na praça.

— Coisa-ruim é um gato fantasma. Eu deveria despachá-lo, mas nunca tive coragem — ela confessou. — Porque eu *sei* que ele não faria mal a ninguém. E eu vi essa mesma certeza nos olhos desse homem. Seu João *sabe* que Foguinho não vai machucar ninguém.

— Josefa...

— Toninho — ela interrompeu, carregando tanta seriedade que ele se calou na mesma hora. — Tem gente que não tem quase nada. Se a gente tira o quase, fica só o nada.

Por razões desconhecidas, um nó se formou na garganta do caçador. Incapaz de falar, ele apenas assentiu com a cabeça.

— Nós vamos lhe ajudar, seu João — Toninho informou, voltando para dentro da casa. — Mas precisamos de um plano para atraí-lo.

— Só que tá todo mundo procurando o calango — Josefa se lamentou. — Quando ele pousar, uma multidão vai estar a postos pra acabar com ele.

— Se eles querem o dragão, o dragão terão — Toninho disse, com um sorriso malicioso. — Só precisamos de uma maga, um galho de cajueiro, uma tocha e um leitão à pururuca.



O risco luminoso cortou o céu estrelado de Bom Jesus.

Houve os que gritaram em pânico, mãos na cabeça, correndo na direção contrária. Houve os que urraram em guerra, punhos ao alto, avançando para o arco-íris de chamas.

Mas o fato é que a atenção de todos estava a leste, onde o monstro cuspiu fogo e iluminava o céu sem lua por poucos instantes.

De cima da chapada, Toninho mirava o horizonte e via os arcos luminosos riscarem o tapete de estrelas ao longe. Sorriu, pensando que Josefa devia estar se divertindo em fazer os caçadores de palhaços.

O aroma do leitão perfumava a noite quente. Seu João perscrutava o alto e sorriu quando sentiu a lufada de ar que chegou junto com o barulho das asas.

Foguinho pousou com delicadeza, guardou as asas, pôs-se em quatro patas e engoliu o leitão inteiro de uma vez. Então caminhou até perto de seu João, abriu a boca e deu-lhe uma lambida bífida na cara.

— Foguinho! — o velho exclamou, como se quisesse dar uma bronca no bicho, mas com um tom amoroso de pai.

Toninho não conseguiu conter o sorriso ao ver o reencontro. Mas não havia tempo a perder.

— Estamos confiando em tu para manter o acordo, seu João — o caçador reforçou.

— Mas é tudo que eu mais quero, caçador! — o homem garantiu, mais uma vez. — Uma casinha isolada, uma roça pra plantar e criar meus porcos e galinhas. Eu e Foguinho queremos distância de cidades. Não é mesmo, Foguinho?

O dragão agitou a cauda verde, contente com a menção do nome. Parecia mesmo um bom menino.

Os dois prenderam no lombo do calango a sela adaptada que Josefa tirara da bolsa mais cedo. Seu João prendeu as malas nas alças de couro e montou. Toninho se aproximou e devagar pousou a mão no pescoço da criatura. Foguinho lhe deu uma lambida na cara e o velho riu.

— Boa viagem — o caçador disse, afastando-se.

— Bendito o dia em que tu e a maga cruzaram meu caminho.

O dragão bateu as asas e Toninho quase foi derrubado com a força da ventania. Em instantes já não se via mais a enorme criatura e seu mestre.

No chão, uma escama verde reluzia ante a fraca luz da tocha. O caçador a pegou, era quase do tamanho de sua mão.

Logo Josefa pousou.

— Eles já foram? — ela perguntou, num tom esperançoso.

— Já.

— Ah, que pena, queria ter visto o dragão de perto.

— Foguinho te deixou um presente — Toninho disse, estendendo a escama. — Sei que tu gosta de guardar lembranças das missões.

Josefa arqueou as sobrancelhas e Toninho podia jurar que a maga corou.

— Eu só guardo lembranças das nossas vitórias — ela revelou.

O caçador teve que rir.

— Salvar esse dragão teve mais gosto de vitória do que matar qualquer demônio.

Ela sorriu e assentiu com a cabeça. Aceitou a escama e a enfiou dentro da bolsa. Depois de alguns segundos de um silêncio estranho, Toninho divagou: — Eu bem que queria um dragão como Foguinho.

— Tu nunca ouviu dizer que raio não cai duas vezes no mesmo lugar?

— Já — ele garantiu. — Mas também tinha ouvido dizer que pau que nasce torto não se endireita.

Josefa riu do deboche.

— Hoje eu pago o jantar, Toninho. Que é que tu quer comer?

— E o que mais haveria de ser? Leitão à pururuca.

6 – Luz que me alumia

*Vou queimar a lamparina
Quando o rei me der sinal
Eu sou da casa de mina
Ele é da casa real
Eu descí da lua cheia
Pelo raio que alumia
Eu cheguei na sua aldeia
Pra fazer encanteria.*

Maria Bethânia, “Encanteria”

Nunca se viu tanta gente no terreiro. Os cantos soavam altos, num esforço coletivo para tentar desfazer a magia negra que fazia o homem ao centro contorcer-se em dor.

— Ai! — ele gritou, segurando o pé direito. — Ai meu dedinho! Oxum me proteja, como dói!

— Ui — Toninho gemeu de dor empática. — Deve ser aquela dor de bater o dedinho no pé da cama.

O cabra já tinha passado por dor de dente, corte de papel, unha virada, picada de formiga, dor de barriga — o caçador esperava que essa não se repetisse —, pedra nos rins e outras que o pobre coitado não soube descrever.

O homem era o maior picareta da cidade, daqueles que não pagam dívidas, nem promessas de amor. De acordo com a investigação inicial, havia quarenta e oito suspeitos da amarração: as treze ex-namoradas e as quatro atuais, o padeiro e outros comerciantes ingênuos o bastante para vender fiado ao homem, e até a própria mãe do sem-vergonha. Todos se recusaram a falar, portanto era impossível descobrir quem era o

responsável. Toninho e Josefa então saíram à procura da única esperança de resolver o caso: os restos do ritual.

Véia tinha um ótimo faro para sacrifícios e não demorou para encontrarem o local. A maga identificou os elementos usados: pó de chifre do capeta, galhos de arruda, um boneco de vodu finamente esculpido em pedra sabão e um punhado bem servido de desejo de vingança — esse último na forma de uma bela cusparada. Nenhum homem comum conseguiria desfazer aquele serviço dos brabos.

Levaram tudo para o terreiro. Até o próprio Pai Francisco veio para ajudar a desfazer a mandinga. A curimba tocava os atabaques num ritmo mais acelerado e puxava os cantos com o coração. O preto velho dançava perto do sofredor, murmurava palavras e passava alecrim nos ferimentos espirituais. A guia de contas brancas e pretas chacoalhava no pescoço da médium, Aurora.

*Com licença Pai Ogum
Filhos quer se defumar
A Umbanda tem fundamento
É preciso preparar
Com arruda e guiné
Alecrim e alfazema
Defuma filhos de fé
Com as ervas da Jurema.*

Depois de horas de sofrimento, o homem começou a arfar com menos intensidade, até conseguir parar. Choramingou e soluçou baixinho, mas agradeceu aos céus. Aurora o ajudou a se levantar.

— Pai Francisco, *prometo* que não faço mais promessa que não posso cumprir.

— Pois então já começou errado, meu fio — Pai Francisco repreendeu.

Algumas pessoas acudiram o pobre picareta e o levaram para um banho de sal. Toninho aproveitou para se aproximar do preto velho.

— Saravá, meu Pai.

— Toninho, quanto tempo. — No corpo encurvado de Aurora, o preto velho acendeu um cachimbo e começou a fumar, satisfeito. — Tenho uma missão procê. Procêis — corrigiu-se, mirando a maga.

Josefa parecia tímida na frente da entidade, mas assentiu com a cabeça.

— Pois pode dizer, que nós cuidamos do que for preciso — o caçador garantiu.

— Cêis sabe, o povo do sertão é miserável de riqueza, mas sempre foi farto de espírito — Pai Francisco declarou. — Só que tem um lugar que tá mais rico na terra cada vez que o sol se retira, e mais pobre no céu cada vez que o sol vorta. Todo dia eu dô uma oiadinha na santa lista de quem vai pro paraíso, e a desse povo tá ficando curtinha, curtinha.

— E o que que tá roubando as almas? — Josefa perguntou, curiosa. — É pacto com o Diabo?

O preto velho resmungou.

— Só pode ser falácia do sete-pele, mas nunca vi acontecer assim, aos baldes, tudo de uma vez. Algo muito estranho tá passando por lá.

— E que lugar é esse, Pai Francisco?

— Quixadá.

Toninho acenou com a cabeça. Nunca recusaria uma missão dada por uma entidade tão importante. Mais que isso, sentia-se honrado por ter sido escolhido.

Pai Francisco despediu-se apenas com um olhar. A gira chegava ao final e os fiéis recomeçaram o canto.

Vamos fechar a nossa gira Com licença de Oxalá Vamos fechar a nossa gira Com licença de Oxalá Salve Xangô

Salve Iemanjá

Mamãe Oxum, Nanã Buroquê Salve Cosme e Damião Oxóssi, Ogum Oxumaré

Salve Cosme e Damião Oxóssi, Ogum

Oxumaré



No meio de tanta secura, Quixadá levantava-se como um verdadeiro oásis: verdinha, com gado gordo, casas enormes e fontes abundantes. Parecia o paraíso.

Entretanto, com base nas revelações de Pai Francisco, de paraíso não tinha nada. As almas do povo dali haviam sido riscadas da lista cada dia mais diminuta de homens e mulheres com passe livre para o reino dos céus.

E toda aquela abastança não poderia ser mera coincidência.

Toninho parou na entrada da cidade. Josefa pousou ao seu lado.

— Tem cheiro de capeta aqui, Véia? — Toninho perguntou.

A mula relinchou, em uma clara negação.

Josefa respirou fundo.

— Tu também tá vendo se tem cheiro de alguma coisa? — o caçador indagou.

— Tá me achando com cara de cachorro?

— Não falei nada de cara, só de olfato — Toninho retrucou. Mas ao ver os olhos da maga se estreitando, se apressou em complementar: — Tu tem tanto poder que não me espantaria se conseguisse sentir o cheiro de maldade no ar.

Josefa revirou os olhos, mas pareceu se acalmar.

— O capiroto gosta é de tragédia — ela explicou. — Ele não dá ponto sem nó: te dá um boi, toma a boiada. Nenhuma cidade poderia prosperar assim por intervenção lá de baixo.

— Talvez então seja milagre.

— Nunca ouvi falar de milagre que custa a alma de quem foi abençoado — a maga divagou. — Isso tá é cheirando mal.

— Pois então tu tem olfato de cachorro mesmo, porque eu não tô sentindo nada — Toninho disse, incapaz de resistir.

Josefa sorriu de um jeito maquiavélico, fez um gesto rápido com as mãos e Toninho se engasgou nas próprias palavras.

Os dois passeavam pela linda cidade, procurando por pistas. Josefa abordava as pessoas que encontravam pelo caminho, pedindo informações inofensivas: o nome do padre, a indicação de uma hospedagem ou de um bom restaurante. Mas todos recusaram-se categoricamente a responder.

— Com licença, o senhor teria as horas? — a maga perguntou para um senhor vestido de forma elegante, com uma camisa de mangas curtas e um chapéu bem alinhado.

O homem negou com a cabeça, mesmo portando um daqueles raros relógios de pulso.

— Não é possível! — Josefa ralhou. — Nenhum desses condenados vai abrir o bico?

O caçador a cutucou, pela décima vez.

— Que foi? — ela perguntou.

Toninho abriu a boca, mas nenhum som saiu.

— Tu tem algo importante a dizer?

Ele confirmou com a cabeça. Josefa abriu a bolsa, revirou o braço lá dentro — o caçador por um momento teve esperanças de que ela lhe devolvesse a voz — e estendeu um caderninho e um lápis ao companheiro.

Ele bufou e disse umas boas verdades inaudíveis à desgramada. Ela o encarou com um sorriso irônico e apontou para o caderninho. Toninho cerrou os dentes, mas deu-se por vencido e rabiscou algumas palavras.

“Estamos sendo seguidos, abestada”

Toninho apontou a direção com a cabeça e Josefa buscou o perseguidor no local indicado. A mulher suspeita saiu detrás de uma árvore; usava uma saia de chita, uma camisa meio desbeijada e óculos tortos. Apesar de jovem — não devia ter muito mais de quarenta anos — seus cabelos eram grisalhos. Ela caminhou até os dois, os olhos pequenos com um brilho de curiosidade.

— Estamos procurando um restaurante... — Josefa começou.

— Vocês vieram ajudar?

Toninho balançou a cabeça em confirmação.

— Viemos. Mas primeiro, precisamos saber que diabos está acontecendo aqui — a maga complementou, num sussurro.

— Por que não vamos até minha casa? — a mulher convidou, com um sorriso. — Acabei de fazer refresco de umbu.

Toninho salivou e novamente confirmou com a cabeça.

— Por aqui — a misteriosa habitante disse, guiando-os pelas ruas de paralelepípedos recém colocados.

Andaram por bons minutos. A mulher virava a cabeça para lá e para cá, como se tivesse medo de ser pega em flagrante. Saíram da parte mais rica da cidade e chegaram em um bairro menos luxuoso, onde as ruas eram de terra e as casas, antigas.

— Entrem, rápido — ela os urgiu e fechou a porta capenga de madeira atrás de si.

A mulher puxou as cadeiras, convidando-os a sentar, e depois serviu dois copos do suco de umbu. Toninho deu um grande gole na bebida azedinha e surpreendentemente fresca, e abriu a boca para iniciar a conversa. Nada saiu. Ele cutucou Josefa, mais uma vez, e apontou para a própria garganta.

— O que foi? — a anfitriã quis saber.

— O pobre ficou mudo recentemente — Josefa explicou — e ainda tem dificuldades para aceitar a situação.

Toninho fuzilou a maga com os olhos. A mulher misteriosa o fitou com uma expressão de quem sentia muito.

— Meu nome é Vicentina — ela finalmente se apresentou. — Graças aos espíritos de luz vocês chegaram, minhas preces foram ouvidas. São enviados de Deus ou dos homens?

Toninho teria dito dos dois. Mas foi a maga quem respondeu: — O que importa é que viemos para ajudar, mas precisamos saber detalhes do que está acontecendo em Quixadá. Eu sou Josefa e esse é Toninho — a maga fez as introduções, rapidamente.

Vicentina sentou-se, ajeitou-se na cadeira e depois tirou os óculos para limpá-los na camisa.

— Há dois anos as coisas têm estado boas. Boas demais — Vicentina reforçou, sobancelhas arqueadas. — Começou com as chuvas na época da seca, uma benção. Depois a eletricidade chegou e as usinas de algodão vieram se instalar aqui. Abriram estradas, reformaram a cidade todinha. Até aí dava pra chamar de sorte. Um bom punhado de casamentos aconteceu. Mas apesar das coisas boas, parecia que pairava uma nuvem negra sobre Quixadá.

— Como assim? — Josefa perguntou, dando voz à curiosidade de Toninho. — Como se tudo fosse obra do capeta?

— Não. Eu sou espírita e fui treinada pra sentir esse tipo de presença, eu saberia se isso fosse coisa do sete-pele — Vicentina revelou. — O problema é a tensão no ar. Toda hora tem uma briga, as pessoas se olham de um jeito desconfiado. É como... é como se essa riqueza fosse torrões de terra a ponto de se desfazer, como se um pudesse destruir o outro num piscar de olhos.

— E tu conseguiu concluir isso apenas observando o povo?

— Não — Vicentina confessou. Depois suspirou com pesar. — Minha sobrinha... primeiro, se casou com um forasteiro. Depois chegou uma carta com notícia da herança de um primo-tio-avô por parte de pai de quem ninguém nunca ouviu falar. E por último, a mãe se levanta do leito de morte. Pegou malária, a pobrezinha, e o quinine não segurou. Se tremia toda de febre, fazia vômito várias vezes por dia, o doutor já tinha descreditado... E, de uma hora pra outra, minha irmã se cura. Eu bem que gostaria de acreditar que foi tudo milagre, mas quando a esmola é

demaís... — Vicentina voltou a torcer os dedos nas mãos. — Não me aguentei e fui perguntar à Leninha o que ela tinha feito.

Toninho abriu a boca para fazer uma pergunta e lembrou-se que ainda estava mudo. Encarou Josefa com um olhar que dizia “pelo-amor-de-deus-mulher-devolva-a-minha-voz” e a maga pareceu considerar. O caçador ensaiou uma cara arrependida, pensando na expressão que o cachorro de seus pais fazia depois de matar uma galinha. Josefa estalou os dedos.

— E o que ela disse? — o caçador questionou.

— Oxe, tu não era mudo?

— Deve ser o ar dessa cidade cheia de milagres — Josefa disse. — Mas então, o que ela disse?

— Ela me fez uma outra pergunta.

— Qual? — Josefa e Toninho indagaram em uníssono.

— Me perguntou o que eu mais queria nessa vida — Vicentina respondeu e cruzou os braços. Por trás dos óculos, seus pequenos olhos pareciam decepcionados. — E eu disse que nem sempre o que queremos é o que precisamos.

A dupla permitiu que Vicentina remoesse o momento por alguns segundos. O tom repreensivo e as pálpebras caídas denunciavam seu arrependimento. Toninho compreendia; ao tentar mostrar à sobrinha o caminho certo, a tia havia fechado as portas para que ela confessasse seus pecados.

— E Leninha me disse que agora tinha tudo que precisava e que não podia se arriscar a perder isso. E me pediu pra nunca mais procurá-la.



Tinham decidido que Toninho deveria procurar Leninha. Josefa tinha um jeito imponente demais — pra não dizer amedrontador — enquanto a presença do caçador era calmante, quase como a de uma mosca-morta.

Toninho bateu à porta do enorme sobrado branco, com grandes janelas e telhado vermelho. A residência ficava a poucas quadras da lagoa dos monólitos, numa rua arborizada e pavimentada com paralelepípedos novos.

A porta pesada foi aberta por uma jovem de grandes olhos escuros, cabelos cacheados, bem arrumada num vestido claro de algodão. Ela seria linda, se seu semblante não fosse tão triste.

— Leninha?

A garota arqueou as sobrancelhas.

— Quem gostaria?

— Toninho — ele se apresentou. — Conversei com sua tia e ela me disse que...

A garota já ia batendo a porta na cara do caçador, quando ele colocou o pé no batente.

— Vim te ajudar — o caçador disse, pelo vão da porta. — Sei que tu entrou em contato com algum ser dos infernos que te prometeu felicidade, mas talvez ainda haja tempo de salvar sua alma.

A porta foi reaberta lentamente. Leninha o encarou com olhos arregalados e queixo caído.

— Minha... alma? — a jovem indagou. — Mas eu não... não fiz nenhum pacto com o capeta ou coisa do tipo.

Ainda com uma expressão atordoada, Leninha o convidou para entrar.

Toninho teve que segurar o queixo com as duas mãos, nunca havia visto uma casa como aquela. O piso era claro e liso, como se fosse porcelana. No teto, um ventilador funcionava alimentado pela energia elétrica. Havia lâmpadas nos lustres, no corredor e na sala, aquilo sim parecia bruxaria. E até mesmo uma televisão. Luxo, do tipo que Toninho nunca teria.

— Quem é você? — a garota quis saber. — E por que tu disse que minha alma precisa ser salva?

— Eu sou um caçador de demônios e de outras criaturas do mal — Toninho revelou. — Um preto velho me avisou que algo errado estava acontecendo em Quixadá, muitas almas perdendo o passe para os céus.

À menção da entidade, Leninha franziu o cenho.

— Não tô gostando nada disso — a jovem disse. — Tem gente que diz que preto velho é outra forma do diabo.

Toninho meneou a cabeça.

— O ser humano quer ter direito às suas crenças e ao mesmo tempo desmerece a crença alheia — o caçador disse, num tom reprovador.

A garota corou e mudou o rumo da conversa.

— Eu agradeço a preocupação, mas tu deve estar enganado, seu caçador. Não fiz trato nenhum com a minha alma, não.

— Demônios são danados — o caçador insistiu. — Talvez tu tenha feito um trato e nem saiba disso.

— E como eu posso ter certeza?

— Tu precisa me contar o que aconteceu. Como tu e a cidade inteira estão conseguindo tudo o que querem.

Leninha se remexeu na cadeira, desconfortável com a situação.

— Não posso te contar. Simplesmente não posso.

— Então não tenho como te ajudar — Toninho lamentou.

— A não ser que... — Leninha hesitou, depois o encarou com intensidade. — Tu parece uma boa pessoa, Toninho. Se tu pudesse realizar um sonho, qualquer um, o que escolheria?

Foi a vez do caçador se remexer na cadeira.

Aquele era um momento crucial. Era a mesma pergunta que Leninha fizera à tia e que depois fechara a porta de comunicação entre as duas. Toninho resolveu responder. Afinal, que mal poderia haver em verbalizar sonhos?

— Eu acabaria com as grandes maldições dessa terra: os demônios, a seca e a fome.

Leninha deu um sorriso tímido.

— É um desejo nobre — Leninha disse. — E se eu lhe dissesse que tu poderia realizá-lo?

Toninho suspirou.

— Leninha, o diabo não dá ponto sem nó. Se eu fizesse um pacto pedindo isso, ele daria um jeito de desfazer o benfeito depois. E além disso, minha alma ficaria condenada pra sempre.

— Não é um pacto, Toninho, é uma corrente — a garota revelou. — Mas só posso te contar mais se tu aceitar participar.

O caçador tinha que ser esperto.

— Prometo avaliar a proposta com carinho.

— Isso não é suficiente.

— Então... se a tua corrente não condenar minha alma ao inferno — Toninho especificou, devagar — eu prometo fazer parte.

Leninha o mirou por alguns instantes, avaliando a ideia. Finalmente, concordou com a cabeça.

A garota levantou-se sem dizer nenhuma palavra, se enfiou no corredor e adentrou algum cômodo, enquanto o caçador continuava esperando na sala. Imaginava que ela voltaria com uma galinha preta, sangue, e essas coisas que se usa para invocar o capeta. Mas quando ela retornou, trazia nas mãos apenas uma bela lamparina.

Era feita de bronze, em estilo clássico, daqueles que parecem um funil invertido com uma alça. Apesar da aparência antiga, reluzia como se fosse nova.

— Essa lamparina é mágica, Toninho. Qualquer um que a possua tem direito a fazer três desejos.

Um gênio.

O caçador já ouvira falar dos habitantes do limbo que se alimentavam do fogo dos desejos. Eram bastante comuns no oriente médio.

— Tem uma criatura vivendo aí dentro, Leninha. É ela quem faz a mágica.

A garota arregalou os olhos.

— É um demônio? — ela perguntou, como se não quisesse realmente saber a resposta. — Minha alma está condenada?

— Não e não — o caçador respondeu e a jovem soltou o ar. — Mas sua alma também não está a salvo.

— Ô, diacho, se decida! Vou pro inferno ou não quando eu morrer?

— Tu vai pro limbo — Toninho revelou. — E quase todo mundo que vai pra lá consegue uma passagem para o céu depois.

Leninha suspirou, aliviada.

— Então minha situação não é tão ruim assim.

— Não — Toninho teve que admitir e a jovem sorriu.

Ela empurrou a lamparina em direção a Toninho.

— Tu só precisa acendê-la e fazer os três desejos — ela começou a explicar. — Alguns podem demorar um pouco para acontecer, mas nunca vi a lamparina falhar.

Toninho empurrou o objeto possuído de volta.

— Desculpe, Leninha, mas não posso fazer isso. Vai contra tudo que acredito.

Os olhos da garota, que já eram grandes, ficaram ainda maiores.

— Tu prometeu — ela disse, em tom de acusação.

— Sinto muito, mas....

— Não! — ela gritou. Depois o agarrou pela camisa. — Toninho, pelo amor de Deus. Eu te escolhi, se tu não fizer seus desejos e passar a lamparina pra frente, a corrente inteira se quebra. — O tom de Leninha era cada vez mais desesperado. — Meu marido se vai, meu dinheiro se perde. Minha mãe cai mortinha agora mesmo. Ela e todas as outras pessoas que foram curadas pelos poderes da lamparina.

Toninho ficou com o estômago pesado, como se tivesse comido dois quilos de dobradinha de uma só vez. Ele não tinha ideia de que a corrente funcionava assim, e de repente se viu entre a cruz e a peixeira: condenar pessoas à morte e à infelicidade, ou condenar-se a alguns anos no limbo.

Muitos segundo se passaram sem que ele pudesse pronunciar qualquer coisa. Parecia que estava mudo pelo encanto de Josefa mais uma vez.

— Se tu só desejar coisas boas, mesmo assim seria contra seus princípios? — Leninha perguntou, suplicante. — Tu mesmo disse, é sua chance de salvar esse povo todo. De acabar com a seca e com tudo quanto é filho do belzebu. Pra quem tem poder de fazer milagres, negar-se a realizá-los não seria um pecado?

— Tô lascado — Toninho disse, enfiando o rosto nas mãos.

O caçador ponderou a situação e de repente se viu pensando nos três desejos. Como os formularia, afim de que tirasse o maior proveito possível de cada um? *O primeiro vai ser acabar com a seca e a miséria. Será que esse conta como um ou dois? Meu irmão... posso pedir pra reencontrar meu irmão que não vejo há tantos anos...*

Concluiu que as palavras de Leninha eram verdadeiras. Não fazer aqueles pedidos seria como condenar toda uma gente ao sofrimento.

— Quanto tempo eu tenho?

— Um dia. — Leninha mirou o céu queimado do lado de fora. — Até o pôr do sol de amanhã.

Toninho pegou a lamparina pela alça, mão trêmulas. Levantou-se e apenas deu um aceno de cabeça para a jovem.

— Você tem o tempo de uma estação para passar a lamparina para o próximo sortudo — ela avisou. — Tem gente que prefere passar antes, pra tirar logo o peso das costas, mas eu preferi esperar e encontrar a pessoa certa.

Toninho definitivamente tentaria tirar aquilo das mãos o quanto antes.

— Uma última pergunta, Leninha — o caçador disse, já no batente da porta. — Tu tá feliz?

— Tenho tudo com que sempre sonhei — ela respondeu, apenas.

Toninho saiu dali e decidiu que faria seus desejos de uma vez. Tinha medo que a ambição o desviasse do caminho certo.

Pela grandeza do que estava próximo a fazer, decidiu subir na Pedra do Cruzeiro. Chegou lá em cima arfando, mas valeu a pena. O quebra-

cabeças de telhados vermelhos e copas verdes estendia-se até o lago dos monólitos. Essas pedras levantavam-se, imponentes, além do lago, irrompendo os campos verdes de uma forma quase mágica. Era, sem dúvida, uma das paisagens mais belas do Ceará.

Toninho pousou a lamparina na pedra, tirou uma caixa de fósforos do gibão e riscou um palito, protegendo o fogo com uma das mãos. Então acendeu a lamparina e ela começou a queimar com uma chama azulada. Seu coração batia acelerado.

— Acabe com a seca no nordeste — ele solicitou. — Não permita que demônios, monstros e outros seres sobrenaturais façam mal às pessoas, de forma direta ou indireta. — A chama bruxuleou, e por um instante Toninho se perguntou se o gênio seria capaz de fazer aquilo. Não havia como extinguir o mal do mundo, mas havia como proteger pessoas. Refletiu bastante sobre o último desejo, e decidiu que seria justo dar um presente a si mesmo. — Quero reencontrar Agostinho.

A chama diminuiu gradualmente até se apagar de forma natural.

Estava feito.



— Como foi? — Josefa perguntou, assim que ele abriu a porta da casa de Vicentina.

Toninho balançou a cabeça em negativa.

— Ela não me disse nada — mentiu. — Expliquei quem eu era e que sua alma provavelmente estava condenada, mas ela me garantiu que não havia feito nenhum pacto com demônios.

— E tu acha que ela disse a verdade? — Vicentina questionou.

— Acho — Toninho respondeu, tentando levar um pouco de tranquilidade à mulher. — Não sei se é magia ou milagre, mas não acho que ela vendeu a alma.

— Mas Pai Francisco disse que muita gente não vai mais para o céu — Josefa retrucou.

— Isso não significa que elas estejam necessariamente condenadas ao inferno.

Josefa arqueou as sobrancelhas.

— É essa a sua teoria? Limbo?

— Não dá pra ter certeza, mas acho que é possível.

Josefa concordou com a cabeça.

— Comprar feitiços de uma bruxa pode te levar ao limbo — a maga ponderou. — Talvez eles não tenham feito pactos, talvez haja apenas alguém vendendo poções a um bom preço.

— Foi uma das coisas que passou pela minha cabeça — Toninho mentiu novamente.

— E o que fazemos agora? — Josefa indagou. — Tentamos falar com mais alguém?

Vicentina suspirou.

— Ninguém vai recebê-los — a mulher afirmou. — Leninha era nossa única esperança.

— Se for realmente uma bruxa, ela provavelmente já deixou a cidade, Josefa — Toninho disse. — Acho que não temos mais o que fazer em Quixadá.

A maga o mirou com uma expressão estranha.

— E essa lamparina?

— Leninha me deu, em agradecimento à minha preocupação — ele respondeu. — Pra alumiar nossas viagens.

Para seu alívio, a maga pareceu desinteressada no artefato.

— Partimos amanhã, então — Josefa concluiu. — Desculpe por não podermos fazer mais, Vicentina.

A mulher parecia decepcionada, mas ao mesmo tempo conformada.

— Vocês tentaram ajudar e isso já é muito — ela disse. — Fiquem aqui essa noite, faço questão.

Vicentina preparou um delicioso baião de dois e mais suco de umbu. Jantaram calados, ouvindo o radinho a pilha. As notícias relatavam que chovia no sertão cearense. Toninho sorriu ao escutar aquilo e seu coração ficou mais leve, com a certeza de que havia feito a coisa certa.

Toninho dormiu em uma esteira no chão da sala e à Josefa foi oferecida uma rede. O caçador colocou a lamparina com o gênio ao seu lado, apenas por precaução.

— Toninho. — O caçador ouviu seu nome ser sussurrado e foi cutucado nas costelas. — Toninho, acorde.

Ele abriu os olhos e puxou a lamparina junto ao peito. Josefa estava debruçada sobre ele, de joelhos no chão.

— Me conte a verdade.

Com o coração aos pulos, o caçador se sentou.

— Que isso, endoidou? — ele perguntou, esfregando os olhos. — Não sei do que tu tá falando.

Ela cerrou o maxilar e o fuzilou com os olhos cor de terra.

— Tá me achando com cara de idiota?

De repente, o caçador pensou que deveria ter pedido ao gênio proteção contra a fúria da maga.

— Josefa, eu não...

— Me dê a lamparina.

Toninho se levantou e se afastou, pressionando o objeto com mais força contra o peito. Sentia-se esmagado pela possibilidade de perder seus desejos e pela responsabilidade de não desfazer desejos alheios.

— Por quê? — ele questionou, tentando entender as intenções da maga.

Josefa suspirou e sua expressão se suavizou.

— Sabe o que eu pediria? — ela perguntou, num tom profundo. — Pra que a minha alma não estivesse mais condenada ao inferno. O limbo me parece uma ótima opção.

Toninho começou a se acalmar.

— Você acha que um gênio conseguiria fazer isso?

Ela confirmou com a cabeça.

— Se eu soubesse que tu continuaria a corrente... Eu achei... Desculpe não ter te contado antes.

— Tudo bem. No seu lugar, eu também pensaria duas vezes.

Toninho ainda estava apreensivo. Havia considerado magos como inimigos a vida toda, e agora ali estava ele, estendo uma enorme fonte de poder na mão de um deles.

Mas Josefa se provara de confiança até aquele momento. E mais do que isso, não havia como negar-lhe seu desejo: a salvação a própria alma.

Estendeu a lamparina em sua direção.

— Faça boas escolhas. Tu tem um dia pra se decidir.

— Já nasci decidida, caçador.

Com um dedo mágico, Josefa a acendeu. Mais uma vez, a chama brilhou azul.

Toninho já ia se retirando para lhe dar privacidade, mas Josefa o segurou.

— Fique. Quero que tu esteja comigo.

O caçador aquiesceu, feliz por dividir aquele momento com a companheira. A maga conjurou um escudo de som, uma espécie de bolha para que os dois não fossem ouvidos por Vicentina. Depois ela devolveu o sorriso a Toninho e virou-se para o artefato mágico.

— Eu não desejo nada.

E soprou a chama azulada.

Toninho sentiu o corpo gelar. Não sabia o que aquilo significava. A lamparina brilhou intensamente e Josefa a jogou no chão. Do pavio, uma nova chama começou a surgir. Cresceu até o teto e tomou forma.

A pele da criatura era do mesmo azul da chama, o que dava uma aparência doentia ao ser. Seus olhos eram leitosos como os de um cão cego, seu queixo, pontiagudo, e no lugar do nariz havia apenas duas fendas.

O caçador fez força para segurar o baião de dois no estômago.

O gênio sibilou, furioso, na direção de Josefa.

— Volte pro limbo, verme!

A criatura pegou fogo e, da mesma forma que surgiu, desapareceu.

— O que foi que tu fez? — Toninho perguntou, começando a entender.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa — a maga respondeu, em tom de reprovação. — É normal que pessoas comuns se deixem levar pela ladainha de um gênio... Mas até tu, Toninho? Um caçador?

Seu sangue passou de gélido para fervente em uma fração de segundo.

— O que foi que tu fez?! — Toninho gritou, furioso. — Eu pedi... a seca ia acabar! Os demônios iam acabar!

— A que preço?! — Josefa questionou, ainda mais furiosa que ele. — Ao preço de sua alma, imbecil?

— E se eu achar que um tempo no limbo vale a pena? — o caçador revidou. Se não fosse o escudo mágico, a cidade inteira estaria ouvindo os gritos dos dois. — Quem é tu pra questionar minha decisão?

— Eu sou alguém que tem que conviver diariamente com a ideia de acabar no inferno!

— Quer saber? É isso mesmo que tu merece!

Aquilo pareceu calar a maga. Os dois ofegavam no silêncio raivoso que se seguiu.

— Pelo menos, *eu* acabo de salvar sabe-se lá quantas almas — ela disse, mais calma. — O gênio se foi, e é verdade que os desejos vão se

desfazer de algum jeito. Mas o verme não tem mais nenhum poder sobre os pobres coitados.

— Pessoas vão morrer por sua causa — Toninho acusou. — A irmã de Vicentina vai morrer por sua causa.

— Ela vai morrer porque já passou da hora dela. Quando tu esfriar a cabeça, vai ver que fiz a coisa certa.

Josefa pegou a lamparina e a enfiou dentro da bolsa.

— Não, não vou ver nada — Toninho bufou. — Pra mim chega. Amanhã cada um segue seu rumo.

Josefa apenas assentiu com a cabeça. Deitou-se na rede de novo, e virou-se de costas pra ele.

A vontade de Toninho era partir naquele momento, mas sabia que Véia o arremessaria longe se ele tentasse montá-la no meio da noite. Deitou-se na esteira, pensando nas tragédias que se seguiriam nos próximos dias. Sentiu pena de Leninha. Sentiu pena do povo que teria que continuar enfrentando a seca. Sentiu pena de si mesmo, que havia alimentado esperanças de reencontrar o irmão mais novo depois de tantos anos.

— Toninho.

O caçador abriu os olhos. Estava em um lugar muito diferente, com palmeiras e outras plantas que nunca havia visto antes. Um pouco à frente, cabanas se dispunham formando uma pequena tribo. À sua frente havia uma fogueira. Ao seu lado, Pai Francisco fumava um cachimbo fedorento.

— A muié é braba, mas cê sabe que ela tá certa dessa vez. — Toninho estava prestes a rebater, mas o preto velho o silenciou levantando uma mão. — Te mandei pra Quixadá pra tu salvá a alma dos outro, não procê vendê a sua.

O caçador se sentiu envergonhado e suspirou. Queria se explicar, mas pela terceira vez naquela viagem estava mudo.

— Cê veio aqui pra escutá, não pra falá — pai Francisco explicou. — Ainda bem que a fia do cornudo foi com ocê, cê tem que agradecê. Me assustei quando vi seu nome desaparecê. Mas depois sorri quando a lista do céu cresceu de novo.

Ele deu uma longa tragada no cachimbo.

— Ela salvô sua alma, homi.

Toninho sentiu a voz voltar assim que o arrependimento o arrebatou.

— E será que ela não merece ser salva também? — o caçador questionou. — Tu não pode salvar a alma dela, Pai Francisco?

Ele sorriu de um jeito triste.

— Não tenho podê pra isso não, meu fio. Mas fico feliz docê querer isso pra ela. Agora vai que o sol já raiou.

Toninho acordou. Sabia que o que havia vivido era real; caçadores eram treinados desde criança a identificar sonhos divinos. Olhou para os lados e não viu a rede onde Josefa havia dormido. Foi tomado por um súbito pânico ao perceber que talvez ela já tivesse partido.

Correu para fora e viu a maga acariciando a cabeça de Véia, em despedida.

— Josefa!

Ela se virou. Toninho correu até as companheiras.

— Minha cabeça esfriou — ele disse e sorriu um pedido de desculpa.

— Ah, mas tu vai ter que fazer melhor que isso, Toninho.

— Que é que tu quer? — ele perguntou. — Um pedido de desculpas?

— De joelhos.

Ele riu, achando que era piada. Ela levantou apenas uma das sobrancelhas e cruzou os braços, impassível.

— Oxe, tu é mais dura que o granito de Quixadá — ele reclamou. Mas se ajoelhou por fim. — Me desculpe, mestre das magas, rainha da escuridão, salvadora de almas do limbo, matadora de criaturas das sombras.

— Dessa vez, passa — ela disse, com a expressão de poucos amigos que portava quando tudo estava bem. — E agora se levanta e vai juntar tuas coisas. O sol já raiou e o mal acorda cedo.

Toninho avisou a Vicentina que eles haviam resolvido o problema. Disse também que a irmã dela provavelmente morreria nos próximos dias. A mulher chorou, mas afirmou que era melhor assim.

— E diga a Leninha... — Toninho não sabia muito bem que recado deixar. Afinal, o que poderia consolar uma pessoa que estava prestes a perder tudo? — Diga a Leninha que na vida nem sempre temos tudo o que queremos, mas que a dor termina na eternidade. Ela vai perder a mãe agora, mas elas se reencontrarão no fim, no paraíso.

Vicentina riu e chorou ao mesmo tempo. Então abraçou Toninho e depois Josefa.

— Sim, todos nos reencontraremos lá, meus queridos.

Toninho lançou um olhar de esguelha para Josefa. Por fora, a maga sorria e devolvia o abraço, mas logo abaixo da superfície o caçador enxergava sua dor. Não, eles não se reencontrariam todos no final. Josefa havia salvado a alma do companheiro, mas ele não era capaz de retribuir o favor. Por esse motivo, Toninho sentia-se ainda mais agradecido — ajudar o próximo quando não se pode ajudar a si mesmo é a definição mais pura de altruísmo.

Metade do caçador estava aliviado por saber que sua alma estava a salvo. A outra se entristecia, pois isso significava que, na eternidade, ele e Josefa estariam separados para sempre.

7 – Coração de pedra

*Pra ser feliz num lugar
Pra sorrir e cantar
Tanta coisa a gente inventa,
Mas no dia que a poesia se arrebenta
É que as pedras vão cantar*
Dominguinhos, “Pedras que cantam”

Toninho percebeu que daquela vez bateria as botas.

Estavam tentando chamar a atenção da criatura e levá-la para longe da cidade. Toninho havia gritado, jogado pedras e cavalgado perto dela para tentar atraí-la. Mas quando o monstro se irritou e investiu contra eles, Véia fez uma curva brusca demais para escapar e o caçador foi lançado aos ares. Ele atingiu o chão com força e rolou na terra vermelha, esfolando os braços e o rosto. Sabia que não haveria tempo hábil para fugir, mas mesmo assim tentou se arrastar para longe. Então a enorme mão de pedra o envolveu pelo tórax, como se ele fosse um mísero boneco de pano.

Mesmo sob o sol escaldante da Paraíba, uma sensação gélida o arrebatou; era o pavor percorrendo suas veias, sendo bombeado pelos últimos batimentos daquele coração que ainda queria tanto viver.

Seu corpo foi suspenso. Toninho se remexeu, deu socos na pedra e tentou se soltar, empurrando o próprio corpo com os dois braços enquanto girava o tronco. Véia relinchava e dava coices ferozes na avantajada criatura. Mas era tudo em vão; era como lutar contra uma montanha. Bom, aquilo *era* uma montanha até horas atrás.

Josefa passou zunindo montada em seu galho de cajueiro; dela só se via um borrão, tamanha a velocidade. O monstro virou a cabeça para vê-la passar, mas não afrouxou a pegada no caçador.

O corpo e a vida de Toninho estavam literalmente nas mãos do gigantesco *golem* de pedra. A criatura o ergueu até a altura dos enormes buracos que faziam o papel de olhos e o observou. *Golens comem pessoas?* Toninho tapou os olhos, apavorado demais para ver o que viria a seguir, e abriu uma fresta entre os dedos, para garantir que não perderia nada.

Josefa tentou se aproximar pela direita, mas foi enxotada com as costas da mão do monstro feito uma mosca. Se ele tivesse acertado o tapa, não restaria um osso inteiro para contar a história. De uma distância segura, a maga se concentrou, abriu as mãos e lançou um raio sobre o *golem*. O tremor do impacto se propagou pela rocha até os dedos que envolviam o caçador. O único dano foi uma minúscula rachadura no que deveria ser o pescoço dele. Não havia escapatória. Não havia armas contra rochas sólidas.

Toninho deveria rezar, pedir perdão pelos pecados e suplicar por uma morte rápida e indolor. Mas, apesar de quase não conseguir respirar, fazia apenas revirar a mente atrás de uma resposta para o mistério.

Quem em Araruna tem conhecimento pra dar vida a uma pedra?

A vinte metros de altura, Toninho observou com atenção a cena lá embaixo. As casas de telhados vermelhos pareciam miniaturas. O agreste verde-pálido estendia-se a perder de vista, dividido por caminhos de terra em polígonos artificiais. A multidão corria de um lado para o outro, tentando salvar a própria pele, feito formigas cujo lar havia sido destruído. Uma pessoa, entretanto, jazia imóvel, alheia à debandada geral. Era alguém que poderia ter tido acesso ao manuscrito. Como não haviam pensado nele antes?

— É ele, Josefa! — o caçador gritou, olhando na direção do único que poderia salvá-lo. — Ele criou o *golem*!

A maga empinou seu galho e fez uma curva brusca nos céus, derrapando no ar. Ela olhou para o local apontado e encontrou o alvo. Baixou a ponta do galho e mergulhou a toda velocidade na direção daquele que fizera a Pedra da Caveira de Araruna se levantar. Se ela matasse seu criador, a vida também deixaria a criatura.



Deslizamentos. Rochas enormes amanhecendo em lugares inesperados. Tremores de terra noturnos que acordavam moradores já

assustados. Esse era o evento sobrenatural que assombrava Araruna, cidade fronteira da Paraíba com o Rio Grande do Norte.

O prefeito, frouxo que só ele, trancou-se em casa e prometeu uma gorda recompensa a quem solucionasse o mistério. A proposta correu o sertão, sendo passada para frente pelo meio de comunicação mais eficiente de toda a história da humanidade: o boca a boca.

Assim que a escutaram, Toninho, Josefa e Vêia montaram na traseira de um caminhão e percorreram as pistas de asfalto do sertão cearense até o agreste paraibano. Na viagem interminável, quente e poeirenta dividiram lugar com cortadores de cana, mães em busca de atendimento médico para os filhos em cidades maiores e gente fugindo da seca.

Além de ser um caso interessante, Toninho tinha esperança de chegar a tempo para a famosa festa de São João de Araruna. Mas ali a comemoração havia sido suspensa; as bandeirolas coloridas ainda dançavam ao vento nos barbantes, porém ninguém tinha coragem de sair à noite para comer um mungunzá ou pular fogueira.

Quando os caçadores se apresentaram para a missão, muitos habitantes se colocaram à disposição para ajudar. Todos se reuniram na frente da igreja matriz, devotada a Nossa Senhora da Conceição, para contar suas teorias sobre os sucedidos.

— É assombração, moço — um homem garantiu a Toninho. — Ano passado mataram um cabra e jogaram o corpo aí na serra. Eu bem que avisei que o fantasma ia se invocar!

— Arre égua! — uma mulher ao lado dele exclamou. — Já falei que alma penada é feita de vento, não consegue levantar pedra, não, abestado.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, com a certeza incontestável de que tinham razão. Alienígenas, fantasmas e o besta-fera eram os campeões de votos.

— Primeiro, queremos ver as tais das pedras que se movem — Josefa anunciou, calando a multidão.

— E depois vamos ouvir cada um de vocês separadamente — Toninho complementou.

Seguiram então para a zona rural, onde se concentravam a maior parte dos tremores. Na primeira chácara, um dos integrantes da comitiva apontou para um rochedo ao longe, bem no topo de um morro.

— Olha lá — o homem grisalho disse. — Aquela pedra ficava ali, no sopé do monte. E agora tá lá em cima! Isso é coisa de extraterrestre, só

pode ser!

O outros danaram a falar e dar suas opiniões. Os defensores de assombração insistiam que alienígenas não passavam de história para boi dormir.

— Quem foi o primeiro a ver que a rocha tinha mudado de lugar? — Toninho perguntou.

— Eu — uma mulher de meia-idade respondeu. — A gente mora logo ali — ela explicou, apontando para a chácara que devia ficar a uns cem metros do morro.

— E tu foi até a rocha pra tentar descobrir o que tinha acontecido?

— E eu lá sou doida? — a mulher retrucou. — Chamei meu marido e pedi pra ele ir lá olhar.

— E ele foi? — Josefa perguntou.

— Não, ele disse que também não era doido e que ia falar pro delegado ir.

— E o delegado foi? — Toninho questionou, começando a se irritar.

— Tem ninguém doido aqui nessa cidade não, seu moço — a mulher respondeu.

Toninho respirou fundo e falou com calma: — Então até agora ninguém chegou perto da pedra?

A multidão meneou a cabeça de forma sincronizada.

— Melhor assim, a cena do crime vai estar intacta — Josefa concluiu. — Venha, Toninho, vamos dar uma olhada nessa pedra.

O caçador e a maga afastaram-se em direção ao morro — o grupo atrás deles aos murmúrios de que os forasteiros eram doidos — e foram até o local onde a pedra se encontrava antes de ser movimentada. No meio da relva verde, um círculo de terra vermelha se destacava.

— Ela estava bem aqui — Toninho concluiu.

— Não me diga! — Josefa buliu.

Os dois observaram o local com atenção. Toninho procurava por pegadas de monstros, de pessoas, indícios de que a pedra havia sido arrastada ou as marcas redondas características que as naves espaciais normalmente deixavam.

— O que é isso? — ele perguntou, apontando para um local onde a relva estava amassada. — Parece que a grama foi pisoteada, mas não se assemelha a nenhum pé ou pata que eu conheça.

Josefa se agachou e deu uma boa fungada no lugar.

— Tem cheiro de quê? — Toninho quis saber.

— De grama — Josefa respondeu. — *Só* de grama. Tenho uma ideia.

A maga enfiou a mão, o braço e cotovelo em sua bolsa de couro e vasculhou o interior. Primeiro tirou um frasco de vidro grande e arredondado, depois sacou outras peças e finalmente pequenos vidrinhos contendo líquidos e pós coloridos.

— Minha virgem Maria, que é que é isso? — Toninho perguntou, ao ver a maga rosquear as peças de vidro e montar uma estrutura interligada e confusa.

— Meu laboratório de alquimia — a maga respondeu. — Se tiver algum traço de ser sobrenatural aqui, vou conseguir identificar.

Josefa cortou um pouco da grama pisoteada e jogou no primeiro pote grande e redondo. Em seguida, verteu o conteúdo de alguns dos pequenos frascos ali dentro e por fim acendeu uma fogueira embaixo.

Depois de alguns minutos, um vapor multicolorido se despreendeu da mistura, passou por uma espiral transparente e pingou nos outros potes de diversos tamanhos, cada um contendo um tipo de pó diferente. Uma a uma, a solução em cada recipiente passou de cores fortes para transparente.

— Diacho — Josefa reclamou.

— O que foi?

— Esse aqui ia ficar vermelho se tivesse algum vestígio de lobisomem na grama — ela explicou, apontando o frasco. — Esse era pra identificar chupa-cabras, esse demônios, esse peles-falsas, esse pé-grande ou besta-fera, o outro duendes, fadas, e este último aqui... ele identifica qualquer ser com sangue sobrenatural — a maga revelou, batendo as unhas no vidro. — Mas tá tudo transparente. Isso só pode ser serviço de gente, Toninho.

— Mas e essas pegadas estranhas, são o quê então?

— Não sei. Vamos ver se descobrimos alguma coisa morro acima.

Subiram então a colina e chegaram arfando lá no alto. Caminharam devagar até a pedra que repousava bem no meio. As estranhas pegadas estavam por toda parte.

Toninho avaliou a rocha com atenção, procurando por traços de sangue, marcas de dedos ou rachaduras suspeitas.

— Encontrei algo! — ele anunciou, e Josefa veio ao seu encontro. — Parece um tipo de inscrição.

Os dois examinaram os estranhos caracteres por muitos segundos. A maga tirou um caderninho e um lápis da bolsa e copiou os desenhos: גולם.

— Conhece essa língua, Josefa?

— Não — a maga confessou. — Mas com certeza alguém em Araruna conhece.

Haviam discutido e desenhado uma estratégia, que foi logo aprovada pelo prefeito: bateriam de porta em porta, interrogando as pessoas individualmente e procurando por pistas.

Já haviam batido em muitas, tomado incontáveis cafés e ouvido muitos tipos de teorias — a que Toninho mais gostara até então era a de que o campo gravitacional de Araruna estava sendo manipulado por um mutante e as pedras estavam flutuando sem rumo durante a noite. Exaustos, postaram-se à frente de mais uma casa, mas dessa vez havia algo diferente. No batente da porta, do lado direito, havia um objeto de cerâmica afixado. Uma estrela de seis pontas e alguns caracteres estranhos estavam desenhados: ידִשׁ.

— Josefa, olhe! — Toninho exclamou, em um sussurro. — Eu apostaria minha peixeira que esses símbolos são da mesma língua que os que estavam na pedra.

A maga sorriu.

— É agora que a gente pega esse cabra safado de jeito.

Bateram palmas. Passos foram ouvidos do lado de dentro e um homem abriu a porta. Ele tinha sobrancelhas grossas, um nariz pontiagudo e curvado, usava um estranho chapéu no alto do cocuruto e tinha a pele mais clara do que o típico paraibano.

— Pois não? — o homem perguntou, com um sotaque estranho.

— Estamos investigando o caso das pedras que se movem e gostaríamos de fazer algumas perguntas ao senhor — Toninho explicou. — Eu sou Toninho e essa é minha parceira, Josefa.

— Shamir não sabe de nada. Mas por favor entrem, entrem.

A casa era bem cuidada e aconchegante: nas paredes verdes havia retratos antigos pendurados por toda a parte, o sofá e as cadeira estofadas eram recobertas de um veludo estampado. Havia uma bonita mesa de jantar e diversos outros móveis, alguns com entalhes complexos. Um luxo para uma vila como Araruna.

O homem apontou para o sofá, indicando que a dupla deveria sentar-se ali.

— Aceitam um refrescante chá de hortelã?

— Obrigado, mas... — Toninho começou a dizer.

— Com muito gosto, seu Shamir — a maga disse, interrompendo o companheiro.

Assim que o homem sumiu na cozinha, os dois se levantaram e começaram a vasculhar o ambiente. Toninho examinava o aparador ao canto, onde repousava um livro escrito em língua estranha, quando sentiu sua camisa ser puxada. Deu um pulo de fazer inveja a um gato assustado.

Virou-se para encontrar uma miniatura de Shamir a observá-lo.

— Que é que tu tá fazendo, moço?

Toninho sentiu o rosto arder. Ser pego no flagra por uma criança de sete ou oito anos era bastante embaraçoso.

— Eu estava só me perguntando que livro bonito é esse.

— Ah, é a Torá — o garoto respondeu com naturalidade. Mas vendo que Toninho não respondeu, completou com um sorriso: — Somos judeus.

Nesse momento, seu Shamir retornou ao recinto com uma linda bandeja prateada e uma jarra de vidro com as folhas verdinhas.

— Noam, não incomode os convidados — ele repreendeu o garoto.

— Abba... eu só estava mostrando a Torá para eles.

O pai sorriu de forma discreta, mas foi o suficiente para Toninho perceber que Shamir se orgulhava do menino.

Toninho e Josefa conversaram com Shamir como se de nada desconfiassem. Contaram sobre a incursão na roça e a pedra em cima do morro.

— Em sua opinião, do que se trata? — Toninho questionou.

— Bem, Shamir acha que vocês perderam precioso tempo — o homem respondeu calmamente. — Isto deve ser peripécia de crianças.

— Mas como crianças poderiam ter levado uma rocha tão pesada lá para cima? — Josefa indagou.

— Ah, senhorita Josefa, crianças são capazes de muito mais do que podemos imaginar. — Ele olhou para o filho. — Não é mesmo, Noam?

O menino ficou mais vermelho que a terra de Araruna e encarou o chão. Parecia consternado por ter sido exposto.

— Abba... Noam é comportado — ele respondeu apenas.

— Isso eu sei, mas essas outras crianças daqui... — Shamir parecia irritado. — Sabe o que fazem com Noam, as outras crianças? Roubam seu quipá, zombam dele por ser judeu! Esses pais de hoje em dia não colocam limites nos filhos!

A conversa estava seguindo outro rumo e Toninho e Josefa trocaram um olhar cúmplice; sabiam que não arrancariam muito mais do homem. Então se levantaram e agradeceram a ajuda e o chá de hortelã. Quando estavam do lado de fora, Josefa estacou e apontou para a porta.

— O que é isso? — ela perguntou.

Shamir sorriu.

— Ah, é a mezuzá. Dentro há um pergaminho com duas passagens bíblicas — o homem explicou. — Atrai Deus para dentro de casa e protege nossa família.

— E esses desenhos, o que significam?

— Desenhos não, senhorita Josefa. Letras! Letras hebraicas — Shamir corrigiu. — São uma abreviação para “Guardião das casas de Israel”.

— Interessante, seu Shamir, muito obrigado — Toninho agradeceu. — Até mais.

Shamir e Noam permaneceram no batente enquanto a dupla se afastava. Toninho e Josefa acenaram mais uma vez de longe e pararam ao virar a esquina.

— Letras hebraicas — Toninho divagou. — O que vamos fazer, Josefa?

— O pessoal disse que as pedras sempre se movem durante a noite — a maga respondeu. — Só precisamos ficar de olho para descobrir o que seu Shamir faz depois que o sol se põe.

Decidiram montar guarda a noite toda.

Encontraram o local perfeito: a laje de uma casa na rua de trás, que dava vista para a janela do quarto de Shamir. Ninguém dormia com as janelas fechadas na Paraíba. E entre os lençóis pendurados no varal, era fácil se esconder.

— Shamir... — Toninho sussurrou, assustado, quando sua cabeça pendeu para frente mais uma vez.

— Ainda está dormindo — Josefa respondeu, irritada. — Será que justo hoje ele não vai sair para levar umas pedrinhas?

O céu, antes chumbo, começou a adquirir tons mais claros; não haveria ação naquela noite. Josefa resmungou, se levantou, alongou o pescoço para um lado e para o outro e depois desceu pelo muro da frente, Toninho em seus calcanhares.

Chegaram à grande casa do prefeito, onde estavam acomodados, ávidos por boas horas de sono depois da inútil noite em claro.

— Onde diachos vocês se meteram? — o prefeito perguntou.

— Montando guarda na casa do suspeito — Toninho respondeu, esfregando os olhos.

— Pois então vocês dormiram no ponto — o prefeito acusou. — Mais pedras se moveram essa noite!

A maga e o caçador se entreolharam. Não descansariam tão cedo.

— Toninho, chega de espiar. Vamos logo colocar o homem contra a parede — Josefa propôs. — Vá buscar Shamir e eu vou na frente para ver o que está acontecendo na roça.

A maga montou em seu galho de cajueiro e Toninho assoviou para chamar Véia. A mula relinchou uma reclamação; não gostava de ser chamada como um cachorro. Mas depois do sincero pedido de desculpas do caçador, permitiu que ele montasse em seu lombo.

Toninho chegou rápido à casa de Shamir. Observou novamente a mezuzá no batente e deu três socos na porta. Ouviu o homem resmungar qualquer coisa sobre a falta de educação de bater à porta de alguém tão cedo, mas logo a abriu.

— Senhor Toninho — Shamir disse, sobancelhas arqueadas. — Em que posso ajudar?

— Preciso que venha comigo — o caçador anunciou, pronto para arrastar o homem consigo se fosse preciso.

— Shamir vai colocar uma roupa decente e já volta.

Em poucos minutos estavam ambos sobre o lombo de Véia. Toninho pensava na melhor estratégia para abordar o assunto com Shamir, mas foi o próprio suspeito que puxou conversa: — Isso ainda é sobre as pedras que se movem? Por que vocês precisam de Shamir?

O caçador ponderou antes de responder.

— Queremos uma consulta, seu Shamir — Toninho explicou, com cuidado. — Há alguns desenhos nas pedras e achamos que podem ser letras hebraicas.

— Letras hebraicas? — o homem perguntou. — Impossível! Apenas Shamir escreve hebraico em toda Araruna.

— Alguém de fora pode ter escrito as letras — o caçador se apressou em pontuar. — Pode ter sido qualquer um.

Chegaram ao local e viram um amontoado de gente. Aproximaram-se depressa e Josefa veio ao encontro dos dois, brandindo os punhos.

— Seu... — ela começou, com veneno escorrendo na voz.

— Seu Shamir aceitou vir nos ajudar — Toninho disse, interrompendo-a. — Expliquei sobre as letras hebraicas. Ele vai tentar desvendar o que está escrito.

— Seu... Shamir, que bom que o senhor veio — ela completou, baixando os punhos e segurando as duas mãos do homem. — Por aqui.

A maga e o caçador tiveram uma longa conversa por troca de olhares. Toninho levantou as sobrancelhas, como quem diz “quem sabe ele nos ajuda”. Josefa levantou apenas a sobrancelha esquerda e entortou o lábio, em um típico “duvido muito”. Mas mantiveram o teatro.

— Essa é a pedra — Josefa anunciou e chegou mais perto, apontando para a inscrição. — E esses são os desenhos suspeitos.

Shamir tirou do bolso da camisa um elegante par de óculos. Josefa lançou um olhar de esguelha para Toninho, como quem diz “agora é que a porca torce o rabo”. Shamir se aproximou da gravação, quase tocando o nariz na pedra.

— Deus amado! — o homem exclamou, dando dois passos para trás, tropeçando nos próprios pés e finalmente caindo de bunda sobre uma macambira. — Ai!

Toninho e Josefa correram para acudi-lo.

— Tu sabe o que essas letras significam? — o caçador perguntou, segurando o homem pelo braço para lhe ajudar a levantar.

Shamir assentiu com a cabeça.

— O quê? — Josefa indagou. — O que elas significam, homem?

— Não é possível... quem... como alguém saberia... — Shamir gaguejou, mais para si mesmo do que para os outros. Depois encarou a dupla com os olhos miúdos por trás dos óculos. — *Golem*.

Os dois, de susto, soltaram os braços do homem e ele se espatifou mais uma vez. Pediram desculpas e o levantaram de novo.

— Alguém tentou dar vida a essa pedra? — Josefa perguntou.

— Mas como se cria um *golem*? — Toninho emendou a pergunta.

Shamir meneou a cabeça e finalmente pareceu recuperar o controle sobre as próprias pernas.

— Existe uma fórmula — ele revelou. — Um ritual complexo, que precisa de palavras difíceis, um boneco de argila ou de pedra e uma enorme força de vontade.

Josefa franziu o cenho e cruzou os braços.

— E como é que tu sabe de tudo isso?

Shamir encarou a maga e suspirou.

— Eu tenho a fórmula — o homem revelou. Antes que Toninho pudesse gritar “ah-rá”, Shamir complementou: — Mas não fui eu; nunca teria coragem de dar vida a um objeto inanimado. É perigoso demais.

— Desculpe a sinceridade, seu Shamir — Toninho começou —, mas por que deveríamos acreditar que tu não tem culpa no cartório?

— Porque vou lhes ajudar. Venham.

Voltaram rápido à cidade. No caminho, Shamir lhes explicou que, em teoria, um golem devia obediência a seu criador, mas que já havia ouvido lendas sobre criaturas que fugiram ao controle. Tranquilizou-os, dizendo que existia um ritual para desfazer o encantamento. Ele tinha tudo anotado e bem guardado em um pergaminho que estava em sua família há centenas de anos.

Ao chegar à porta, Shamir retirou a mezuzá do batente e pediu para que entrassem. Apontou o sofá para a dupla e, com a calma de sempre, foi até a cozinha buscar a bandeja e o chá de hortelã. Serviu dois copos da bebida refrescante e os pousou na mesinha de centro.

— Sabem, a mezuzá só deveria conter os pergaminhos sagrados para proteger a casa — ele explicou, enquanto removia a parte de trás do artefato. — Mas achei que era o lugar perfeito para esconder algo tão peri... Onde está?

O homem revirou a mezuzá, olhou lá dentro e depois encarou a dupla, boquiaberto.

— Sumiu! Não está aqui!

— Quem mais sabia do esconderijo? — Toninho quis saber.

— Ninguém! Nunca contei a ninguém.

— Contando ou não contando, alguém sabia onde estava e roubou o pergaminho — Josefa concluiu. — Tu se lembra do que estava escrito?

Shamir coçou a cabeça e ajeitou o quipá no lugar.

— A parte inicial falava sobre o ritual de purificação; algo sobre esfoliar a pele com areia e lavar o corpo em água gelada, recitando orações. Depois vem a parte realmente complicada: escolher o material, moldar o golem em forma humanoide e pronunciar as palavras mágicas. Tem que se fazer as escolhas também.

— Que escolhas? — Josefa perguntou.

— O nome do golem, os comandos de obediência... Não me lembro de todos os detalhes, mas é nesse ponto que a personalidade do golem é moldada, juntamente à sua forma.

— E depois?

— Depois se escreve a palavra golem e o nome de Deus é usado para ativar a criatura.

Josefa assentiu com a cabeça.

— E o que faltou para o cabra conseguir? — o caçador perguntou. — Por que não há um golem andando por aí?

— Talvez a pessoa ainda seja inexperiente — Shamir respondeu. — Pode se levar anos para aperfeiçoar os detalhes.

— Tu disse que há uma forma de desfazer o encantamento — Josefa interveio. — Precisamos saber como fazer isso.

— É possível esvair a magia, escrevendo HaShem com terra virgem no local onde deveria estar o coração. E há uma segunda opção, pra ser usada apenas em último caso — Shamir suspirou. — Tirar a vida de quem deu vida ao golem. A energia vital do criador é que sustenta a criatura.

— Como se escreve HaShem? — Toninho questionou.

Shamir apenas apontou para a mezuzá, onde havia as letras hebraicas “השם”.

Toninho e Josefa copiaram as letras algumas vezes para gravá-las. O perigo não parecia iminente, mas deviam estar preparados e, principalmente, tentar descobrir quem era o cabra que estava tentando criar um boneco vivo de pedras. Shamir disse que havia poucos judeus na região, eles estavam mais concentrados em Campina Grande.

— Mas há bruxas, demonologistas e necromantes que estudam hebraico — Shamir reforçou. — É uma língua antiga, a única que pode acordar o Leviatã, conjurar Lilith, trazer as dez pragas e dar vida a um golem.

Discutiram quem poderia ter roubado o pergaminho. Shamir contou que ele e a esposa chegaram ao Brasil fugindo da Segunda Guerra. Muitos

de seus familiares haviam padecido em campos de concentração. Tiveram que arrumar documentos falsos para conseguir sair do país, mas seu sobrenome original era bem conhecido no meio sobrenatural: sua tataravó havia sido a maior bruxa da história da Polônia. Há alguns anos, havia retomado o uso do nome verdadeiro.

— Talvez alguém tenha reconhecido o nome e veio atrás do pergaminho...

A conversa parou por causa do tilintar do armário de louças. Os três se entreolharam e depois Toninho mirou o copo com chã de hortelã na mesinha à frente. Círculos concêntricos se formaram na superfície. Uma vez, e depois mais outra.

O chão estava tremendo.

Gritos foram ouvidos ao longe, mas foi suficiente para que os três se levantassem e corressem casa afora. Os cidadãos de Araruna corriam de um lado para o outro, alguns carregavam seus cavalos e carroças enquanto outros brigavam por algum lugar na já lotada traseira de um caminhão.

— O que é isso? — Toninho gritou para um passante apressado.

— Fuja, homem! — o desconhecido respondeu, sem parar de andar.

— Fuja que a caveira está viva!

— Caveira? Que caveira? — a maga perguntou, mas o cabra já estava longe demais para ouvi-la.

Toninho virou-se para Shamir, que estava pálido como um fantasma.

— Acho que ele quis dizer a Pedra da Caveira — Shamir disse.

O chão tremeu novamente e os três viraram-se para trás. A necessidade de explicações esfarelou-se no ar.

Ao longe, uma enorme criatura aproximava-se da cidade, maior que qualquer monstro existente no mundo — quiçá no agreste. Sua cabeça era uma rocha branca, com furos onde seriam a boca, nariz e olhos. O corpo, proporcionalmente menor, era formado por mais rocha e terra vermelha.

Toninho engoliu o medo a seco.

— Precisamos levar o golem para longe da cidade antes de destruí-lo

— Josefa anunciou.

— Vamos precisar de terra virgem — Toninho respondeu. — E me deixe ver de novo como é que se escreve esse tal de HaShem.



— Não! — Shamir gritou, ao ver que Josefa voava em direção a Noam.

Toninho tentou se remexer na enorme mão de pedra para conseguir ver o que acontecia. Shamir havia sido bem claro: só havia duas maneiras de parar o golem, e não parecia que Josefa estava tentando escrever letras hebraicas no peito da criatura.

O caçador preferiria morrer a matar uma criança.

— Não! — ele gritou, fazendo coro com o pai do garoto. — Josefa, eu lhe proíbo!

Mas a mulher já pousava do lado de Noam. Toninho fechou um olho — metade dele precisava ver o que iria acontecer, a outra não aguentava olhar — e esperou o raio mortal, a rapadura venenosa, o demônio conjurado, ou que quer que fosse que a filha do tinioso normalmente usasse para assassinar criancinhas.

Ela colocou as duas mãos sobre o ombro de Noam e lhe disse algo. Toninho, num impulso, fechou o olho direito, incapaz de testemunhar aquilo. Em seguida abriu o esquerdo, impossibilitado de não saber.

Josefa enfiou o braço na bolsa — *meu padre Cícero, é agora* — e veio tirando de lá um objeto metálico. Uma espada? Uma faca?

— Um *triângulo*?! — Toninho sussurrou.

Noam confirmou a suspeita do caçador quando bateu a haste metálica no instrumento, fazendo-o reverberar como um sino. O enorme golem virou a cabeça de caveira na direção do som.

Noam se pôs a tocar o triângulo com vigor, transformando barulho em melodia. O golem reagiu e Toninho retesou o corpo. Primeiro achou que a criatura estava se desfazendo, ou que o chão estava se abrindo. Mas então olhou para o pequeno garoto judeu, quipá na cabeça, triângulo nas mãos, dançando para um lado e para o outro, e chegou a uma conclusão inusitada: o gigantesco monstro de pedra o imitava. O golem estava dançando forró.

Josefa sorriu apenas com o lado direito dos lábios — talvez metade dela estivesse se divertindo, e a outra temendo pela vida do companheiro. Ela passou a perna por cima do galho, deu um impulso no chão e alçou voo. Toninho a ouviu passar zunindo ao seu lado e dar uma volta no gigante, que permanecia hipnotizado pela música.

A maga então surgiu abaixo do pescoço do golem. A mão dela estava escura, suja de terra.

Josefa desenhou com cuidado as letras. HaShem. *O Nome*.

O efeito foi instantâneo e Toninho sentiu a estrutura se abalar. De repente, se deu conta de que não estava mais nas mãos de um golem; estava sobre uma estrutura de pedras e terra que só podia se sustentar através de magia. Sem ela, estava prestes a desabar.

Josefa passou pelo caçador e agarrou seu punho no momento em que as rochas colapsavam. Ela voou pra longe, rápido, e o caçador agarrava-se como podia ao braço da companheira. Mas ambos estavam cobertos de suor, de calor e de medo.

As mãos de Toninho escorregavam centímetro a centímetro. Ele segurou o braço de Josefa com força. Escorregou até seu punho. Depois até sua mão. Logo sentia seus dedos se separarem dos dela. Pela segunda vez naquele dia, foi inundado pela certeza gélida da morte.

— Queria ter te conhecido antes — Toninho teve tempo de dizer antes de começar a despencar no vazio.

Não queria olhar para baixo. Encarou fixamente os olhos cor de terra da maga. Era o que queria ver antes de morrer.

— Ai! — o caçador gritou, ao dar de bunda no chão um metro abaixo.

Josefa riu. Gargalhou até que lágrimas vertessem grossas de seus olhos. As lágrimas que saíam dos olhos dele, em contrapartida, eram o resultado de um possível cóccix quebrado.

— Não tem graça — ele gemeu, rabugento.

— Pra tu talvez não — ela respondeu, entre uma gargalhada e outra.

Shamir chegou correndo, arrastando Noam pelo braço.

— Eu... me desculpem... não sei... — o homem começou a dizer. — Noam, por quê? Meu filho, o que fizeste?

— Abba, perdão — o menino respondeu. — Eu não sabia que seria assim... Eu só queria... só queria um amigo.

Toninho sentiu o coração se apertar. Olhou para o pequeno e mirrado garoto, com seu quipá, sua pele clara e seu nariz curvo. Ele se destacaria no meio de outros garotos paraibanos mesmo que tentasse se esconder. Lembrou-se que as crianças da escola zombavam do pobrezinho.

Josefa se aproximou e novamente pousou as duas mãos sobre os ombros de Noam. Vendo a cena de perto, Toninho agora percebia como era um ato carinhoso. Sentia-se culpado por ter acreditado antes que a mulher poderia fazer mal ao menino.

— Noam, isso passa.

— O quê? Não vou mais sentir falta de ter amigos?

A pergunta arrancou um novo sorriso da maga.

— Não, tu *terá* amigos — ela afirmou. — Crianças não sabem o quanto as brincadeiras que fazem podem ferir. Mas todo ser humano cresce e amadurece, feito manga. Alguns apodrecem, mas a maioria se torna doce.

O menino assentiu com a cabeça.

— Noam, um golem não tem vida de verdade, nem sentimentos — Toninho explicou. — É apenas matéria que consegue se mover, e isso pode ser muito perigoso.

— Eu não sabia — o garoto se justificou.

— E o triângulo? — o caçador perguntou. — Aquilo foi bastante curioso.

— Eu queria um amigo, um que gostasse das mesmas coisas que eu. Então toquei forró durante o ritual — Noam confessou, com as bochechas vermelhas.

— O que aconteceu com aquelas outras pedras? — Josefa questionou.

Noam torceu os dedos nas mãos e olhou para Shamir. O pai assentiu com a cabeça, permitindo que o filho respondesse.

— Acho que pronunciei as palavras do jeito errado. Eu estava com medo.

— Criar um golem exige muita força de vontade e fé — Shamir disse.

— A culpa disso tudo é minha, eu nunca deveria ter deixado o pergaminho em casa. Vou fazer o que deveria ter feito desde o início: destruí-lo.

Josefa deu um passo à frente.

— Eu gostaria de ficar com ele.

Shamir a encarou por alguns segundos antes de responder.

— Vocês parecem boas pessoas — ele falou. — Mas não posso entregar algo tão perigoso em suas mãos sem conhecer suas intenções.

Toninho não gostava daquela ideia. Se dependesse dele, colocariam fogo naquela fórmula sem perder tempo.

— Vou usá-lo para salvar alguém — a maga revelou.

— Quem? — Shamir quis saber.

Josefa suspirou.

— Se eu lhe contasse, essa pessoa estaria perdida para sempre.

Toninho fitou a companheira, sobrancelhas franzidas; nunca havia escutado nada sobre aquilo. Tinha o sentimento de que, pela primeira vez,

vislumbrava um relance do motivo pelo qual Josefa se juntara a ele.

— Você salvou seu amigo sem machucar meu menino. Acho que lhe devo ao menos um voto de confiança — Shamir disse, por fim. — Noam, entregue a ela.

O menino tirou pequeno rolinho de papel amarelado do bolso e o estendeu a Josefa.

— Obrigada — ela agradeceu, bagunçando os cabelos de Noam. — Faça amigos de carne e osso, nada de pedras e mágicas.

O garoto sorriu e concordou.

Depois de uma breve despedida, foram acertar as contas com o prefeito e pegar o gordo bolo de notas de cruzeiros. Então, finalmente se dirigiram ao segundo andar da grande casa para uma boa noite de sono.

Josefa já estava com a mão na maçaneta de seu quarto quando Toninho não se aguentou mais.

— Que história é essa de salvar alguém? — ele perguntou. — É por isso que tu tá caçando comigo, não é?

Ela se virou devagar.

— Não posso te dizer nada sobre isso.

— Por quê?

— Também não posso explicar o porquê.

O olhar dela era sincero. Toninho fritou os miolos buscando sentido naquilo tudo.

— Um segredo? — o caçador sussurrou.

Josefa arqueou as sobrancelhas e sorriu de lado.

— Boa noite, Toninho.

— Só mais uma perguntinha — ele disse. Josefa bufou, mas esperou. — Se tu *pudesse* contar, me contaria?

— Talvez — ela respondeu, entrou no quarto e bateu a porta.

Toninho encarou a porta por alguns segundos e tomou o rumo de seu próprio quarto.

— *Talvez* é bem melhor que *não* — ele disse para o corredor vazio, um sorrisinho no rosto.

8 – O olhar da escuridão

*Mesmo triste vão cantando
Em busca de um mundo incerto
De um a um forma-se um bando
Deixando o sertão deserto
De um a um forma-se um bando
Deixando o sertão deserto*

Jackson do Pandeiro, “Retirante”

Tem noite no agreste que é banhada de luar. Nessas noites, é possível enxergar os arbustos salpicando o chão, os contornos dos mandacarus, as seriguelas, os umbuzeiros de copas baixas. Tudo alumado por uma luz pálida, que deixa o cenário com jeito de filme; tons de cinza, contornos incertos. Mas tem também noite sem lua nem estrela, quando se vê tanto de olhos fechados quanto abertos.

Foi numa dessas noites de breu total que dona do Carmo, deitada na rede, viu pela janela um brilho no céu, na zona rural de Estrela de Alagoas. A estranha luzinha ia para lá e para cá, feito um vaga-lume. Mas a senhora sabia que vaga-lume não era; a luz era ligeira, branca demais, e veio crescendo para cima do solitário casebre de pau-a-pique. Era como se a lua estivesse caindo sobre o agreste alagoano.

Dona do Carmo se levantou depressa e observou a cena. A luz foi se aproximando do solo, lá no meio do milharal, e fez ventar forte, fazendo voar poeira para dentro da casinha. Já era possível ver a forma do objeto voador: redonda e achatada, com milhares de minúsculas luzes cravadas que mais pareciam estrelas.

A coisa finalmente parou, a ventania cessou, as luzes se apagaram, e quem não tivesse visto a cena toda nem saberia que, naquele momento,

algo se escondia na plantação. Dona do Carmo não teve dúvidas: escancarou a porta, pegou uma vassoura e saiu pisando forte.

— De novo, não, seus *fi' duma égua!*

O vira-lata latia, preso à coleira, ensandecido. Dona do Carmo o soltou.

— Pega eles, Carne-seca! Pega eles!

Mas Carne-seca ganiu e aproveitou-se da recém liberdade para dar no pé. A mulher nunca vira o cachorro magricela correr tão rápido.

Aquilo, contudo, não a fez diminuir o passo. Continuou caminhando firme, segurando a vassoura com as duas mãos e se enfiou no milharal, guiando-se por um brilho fraco. Já bem para dentro, avistou *aquilo*. A máquina voadora estava pousada tranquilamente, como se nada fosse, uma portinhola aberta para baixo e algumas *pessoas* paradas ali na rampa, admirando o milho que ela semeara com as próprias mãos.

Dona do Carmo mostrou os dentes e segurou a vassoura com tanta força que poderia tê-la quebrado ao meio.

— Meu *mio*, seus desgramados! Cês tão estragando meu *mio!*

As pessoas viraram-se na direção do grito. Por Deus do céu, que gente estranha: tinham a cabeça grande demais, os bracinhos e perninhas finos como varetas e, o pior de tudo, estavam nus como vieram ao mundo! Os sem-vergonha pareceram se assustar com a aparição da senhora enraivecida.

— Xô! — dona do Carmo gritou, sem se deixar abalar pela falta de vergonha, balançando a vassoura da mesma forma que fazia com as galinhas. — Xô, sai daí! Xô, xô, xô!

Alguns deles fugiram rampa acima, mas um deles permaneceu lá, olhando ao redor como se procurasse por algo. Então gritou: — Rjkrx! — dona do Carmo não entendeu o diacho daquela língua, mas o tom do homem parecia bem desesperado. — Rjkrx!

Alguém desceu a rampa e puxou o homem enquanto ele se debatia e continuava gritando aquela palavra estranha. A rampa se fechou bem no momento em que dona do Carmo chegava. Sem dó, ela deu umas boas vassouradas naquela coisa gigante, fazendo ressoar o som metálico pela madrugada.

A ventania recomeçou, as luzes se acenderam de novo, e dona do Carmo colocou a mão no rosto para se proteger. A máquina alçou voo,

primeiro devagar, para em seguida sumir feito chama de vela que se apaga num sopro.

No segundo seguinte, a senhora estava sozinha, breu total, no meio da plantação. Sorriu, satisfeita consigo, feliz pela paz e silêncio que agora reinavam em seu pedacinho de terra.

De repente, um uivo esganiçado rasgou a noite. Um som languído, sofrido, algo que a mulher nunca havia ouvido antes. Que animal era aquele?

Dona do Carmo se arrepiou toda e fez o sinal da cruz. Desde criança morria de medo de bicho selvagem. Correu pelo milharal, se tremendo toda, chamando pelo único que poderia lhe ajudar em dezenas de quilômetros: — Carne-seca, volta aqui!



Toninho e Josefa ouviram tudo com atenção, apesar de ambos já saberem muito bem do que se tratava o caso. Os extraterrestres que a mulher havia avistado não eram o problema, e sim o ser que eles haviam deixado para trás.

— Como assim “*de novo não*”? — Josefa perguntou. — Tu já tinha visto essas criaturas antes?

— Já — dona do Carmo respondeu. — Quando eu era criança, esse pessoal do futuro pousou no pasto e espantou nossas quatro vacas.

— *Pessoal do futuro*? — Toninho repetiu. — Dona do Carmo, o que tu viu não era gente, não, eram extraterrestres.

Ela o mirou de cima a baixo.

— E tu já foi pro futuro, por um acaso? Sabe como vai ser a aparência das pessoas lá pros anos três mil?

— Não, mas...

— Então tu não sabe de nada — ela afirmou, mãos na cintura, ainda mais braba que Josefa. Toninho entendeu porque os alienígenas tinham rapado fora assim que a avistaram. — Mas o que importa é que não foram esses abusados que mataram meus animais.

— Nisso nós concordamos — Toninho disse.

— Eu ia ver as luzes se eles viessem estragar meu mio de novo — dona do Carmo continuou, ignorando totalmente o comentário do caçador. — Então decerto uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Não é bem assim — Josefa disse, com cuidado. — Na verdade, se o *povo do futuro* tivesse voltado, seus animais ainda estariam vivos.

Aquilo pareceu intrigar a mulher.

— Oxe, por quê?

— Qual foi mesmo a palavra que o homem gritou quando lhe viu?

— Rjkrx.

— Rijkrex? — a maga arriscou.

— Quase isso — do Carmo respondeu. — Tu sabe o que significa?

— É um nome — Toninho revelou. — O nome do animal de estimação dos ETs.

A mulher ouviu o caçador, mas encarou a maga, como se esperasse uma confirmação. Josefa assentiu com a cabeça.

— E que animal é esse? — a mulher perguntou, sem muita segurança, apertando as mãos uma na outra de um jeito nervoso.

Os três humanos e Véia estavam no alto de um morro, e a paisagem fazia Toninho lembrar-se da antiga casa dos pais. No meio do tapete de um verde apagado, levantava-se a casinha de pau-a-pique de dona do Carmo. As estradas alaranjadas cortavam pasto e caatinga a sumir de vista. Era possível ver também o milharal verdinho e os círculos concêntricos que marcavam o local onde a nave havia pousado. Mais à frente, havia o cercadinho das cabras. Todas as seis jaziam mortas na terra, sem nem um pingo de sangue para contar a história.

— Tu já sabe, dona do Carmo, tu sabia que animal era esse antes mesmo de nos chamar aqui — Toninho respondeu. Então colocou a mão na testa, protegendo os olhos, e passou a observar os urubus que sobrevoavam o terreno, felizes com o banquete que lhes esperava logo abaixo. — Chupa-cabras.



Chupa-cabras eram criaturas ariscas, que apenas atacavam animais quando não havia homens por perto. Logo, avistá-las era incomum, matá-las era raro e capturá-las vivas, impossível. Por isso mesmo, a estratégia mais utilizada entre caçadores era afastar o monstro dos locais afetados, já que nunca havia sido registrado um caso de ataque a humanos.

Chupa-cabras morriam de medo de bichos peçonhentos, além de odiar o cheiro de cachaça. A técnica mais adotada era então espalhar água-

ardente pela propriedade durante uma semana e pronto, nunca mais se tinha notícias do dito cujo. Os mais medrosos iam além: curtiam a cachaça com cobras e escorpiões, e deixavam os vidros espalhados pela casa. Já os desmiolados mandavam a bebida curtida goela abaixo.

— Vamos matar o safado, Toninho — Josefa propôs.

— Oxe, por quê? — o caçador questionou.

— E por que não?

— Porque é difícil demais encurralar chupa-cabras. Pode ser que a gente fique esperando dias por ele e o bicho não apareça — ele respondeu.

— O melhor é sair distribuindo cachaça em um raio de alguns quilômetros e ele se vai. Talvez morra de fome na caatinga. Pronto, caso resolvido.

— E desde quando passar o problema para a frente é resolver alguma coisa? — a maga retrucou.

— Desde que existem criaturas mais importantes pra matar.

Josefa cruzou os braços e bufou.

— Toninho, eu quero resolver esse caso, não tenho muito tempo.

O caçador deu dois passos para trás com a afirmação. Encarou a maga com seriedade.

— Que que tu quer dizer com isso?

— Que não tenho tempo a perder com suas asneiras.

Véia relinchou em protesto ante ao comentário preconceituoso. Josefa levantou uma mão em pedido de desculpas à mula.

— Não, nada disso, a forma como tu falou... — Toninho insistiu. — Tu vai morrer? Tá doente? Teve uma premonição?

— Que morrer, o quê! Vá rogar suas pragas em outro!

Ela parecia sincera. Mas o caçador sabia que estava escondendo algo. Josefa sempre estava escondendo algo. Afinal, ela já havia confessado que tinha um segredo que não podia revelar.

— Tudo bem — Toninho concordou. — Mas até hoje só espantei chupa-cabras, nunca atraí um. Como vamos fazer isso?

— Com uma isca.

— Cabras! — o caçador sugeriu, brilhantemente.

— Sim e não — Josefa respondeu, com um sorriso estampado no rosto que em nada agrava o companheiro.

Explicou seu plano: comprariam mais algumas cabras para o pequeno sítio de dona do Carmo para que o chupa-cabras viesse comê-las. Pegariam emprestados alguns rifles com os agricultores da região e

passariam veneno de cobra nas balas — Josefa tinha um estoque sortido na bolsa que variava de jararaca a coral, passando por jararacuçu. Mas precisariam espreitar o alienígena, de uma forma que ele não pudesse perceber sua presença.

— A gente se veste em pele de cabra e se enfia entre os animais. Seremos lobos em pele de cordeiro.

— O chupa-cabras vai sentir nosso cheiro.

— Não se esfregarmos uma glândula do bode morto no corpo.

Toninho encarou a maga por alguns instantes, boquiaberto.

— Esse é o plano mais estúpido que já ouvi — ele disse. — Se der certo, vamos matar o chupa-cabras e ficar com cheiro de bode por semanas. Se não der certo, vamos virar comida de chupa-cabra e ficar com o cheiro de bode por semanas.

— Toninho, eu garanto que dou cabo do cheiro de bode depois — Josefa respondeu. — Tu só tem que garantir a mira.

Ele meneou a cabeça, sem conseguir acreditar que realmente aceitaria fazer parte daquela sandice. Preferia tomar um litro de cachaça com escorpião a esfregar cheiro de bode no corpo.

— Se a gente morrer — Toninho começou — vou atrás de tu no quinto dos infernos para esfregar na sua cara que eu avisei.



O dia começou bem: tiraram o couro de algumas cabras, raspam o máximo de carne que conseguiram e os deixaram algumas horas para secar. Mas quando os recolheram, ainda cheiravam a sangue e estavam úmidos.

Josefa ajeitou a cabeça da cabra sobre a de Toninho como um chapéu mórbido e amarrou o couro a seus braços, pernas e tronco com pedaços de barbante.

— Que nojo — Toninho disse ao sentir a umidade cárnea colar a pele de animal à sua.

Ajudou Josefa a fazer o mesmo e depois se preparam para a pior parte. A maga estendeu um pregador de roupas a Toninho e colocou outro em seu próprio nariz.

— Tá pronto? — ela perguntou, com a voz anasalada.

— Não — ele respondeu, mas mesmo assim pegou a glândula de bode que a maga lhe estendeu. Mal tinha começado, sentiu o almoço subir à garganta — Acho que vou vomitar.

— Deixa de ser fresco — Josefa ralhou, sem muita convicção na voz, trincando os dentes sempre que a ânsia a arrebatava.

Dona do Carmo observava os dois a pelo menos cinquenta metros de distância.

— Tá funcionando! Tá dando pra sentir a catinga de bode daqui! — ela disse, em um tom animado, fazendo um joinha com a mão.

A maga deu um sorriso amarelado e acenou de volta.

— Vamos acabar logo com isso — Josefa falou, passando o braço pela correia de couro do rifle.

Pela noite clara, os dois partiram em direção ao cercado dos animais. Quem visse aquela cena ao longe, provavelmente esfregaria os olhos três vezes e prometeria parar de beber. Duas cabras caminhavam sobre as patas traseiras com um rifle a tiracolo.

Chegaram ao cercado das cabras, onde os animais já se ajeitavam para dormir.

— Agora nas quatro patas, caçador — a maga ordenou.

Toninho teve vontade de chorar.

— Que é que eu te fiz pra merecer isso, pelo amor de Deus?

— E calado, que cabra não fala — ela disse, irritada.

— Béééééé.

Josefa o fuzilou com os olhos, prometendo silenciosamente que ele se arrependeria da chacota. Toninho achou que valera a pena mesmo assim.

Mas as brincadeiras acabaram por aí. O papel que representavam naquela noite era o de presa, e a última experiência que Toninho tivera com alguém bebendo seu sangue não lhe caíra nada bem.

Os dois logo se ajoelharam e se acomodaram sobre o antebraço, tentando imitar os animais que dormiam ao seu redor. Mantinham-se de costas um para o outro, as armas facilmente acessíveis, presas ao peito, para quando fossem necessárias. A tensão era constante, com a expectativa de um ataque iminente.

A lua foi caindo no céu e as nuvens passavam, lançando sombras suspeitas para todos os lados. A posição era desconfortável; a coluna doía tanto que Toninho duvidava que um dia voltaria a ser bípede. Os joelhos,

as canelas e as mãos já estavam ralados e perfurados por pedrinhas. Se o caçador morresse, pelo menos sabia que havia pagado os pecados da vida atual e ganhado créditos para a próxima. Mas o pior de tudo — empatado ao fedor de bode — era ter que ficar ali, calado, esperando, fingindo estar alheio ao perigo que existia na região.

Quando já acreditava que nada aconteceria naquela noite, Toninho ouviu um barulho. O farfalhar de folhas seria inaudível durante o dia, mas no silêncio oco da madrugada parecia um estardalhaço.

Toninho sentiu Josefa retesar-se a seu lado e mudar de posição para encarar o local de onde vinha o som, mas ambos continuaram abaixados. Uma das cabras levantou a cabeça e começou a perscrutar a escuridão, observando o arbusto onde um animal parecia se mover.

Então, dois olhos verdes se acenderam no escuro.

A cabra colocou-se em pé nas quatro patas. Seus olhos, muito arregalados, encaravam os dois pontos luminosos à frente. Suas orelhas pendiam para baixo, submissas, e sua boca jazia aberta. No início, Toninho achou que o animal estava assustado, mas depois o assistiu caminhar lentamente, num estranho passo mecânico, e pular a cera de arame em direção ao suposto predador.

Sentiu pena da pobrezinha, mas ao mesmo tempo precisava saber o que aconteceria. A cabra sumiu em meio aos arbustos e em seguida foi possível ouvir um som úmido de sucção, feito o de um cabrito mamando. Aquilo, juntamente ao insuportável cheiro de bode no próprio corpo, fez o estômago do caçador se revirar.

Quando o sangue daquele animal acabou — e Toninho podia jurar que ouvira algo similar ao som do canudinho sendo sugado quando o refresco acaba — outra cabra levantou a cabeça.

Era Josefa.

Toninho tentou puxá-la para baixo, mas ela lhe deu uma cotovelada e um olhar que dizia “se aquiete ou vou lhe matar”. A maga imitou o animal anterior, virando a cabeça de cabra de um lado para o outro, como se procurasse por algo.

Os olhos verdes novamente cintilaram na escuridão. Toninho observou a maga com atenção e viu os olhos dela se arregalarem também. *Eita, que ela é boa mesmo de imitação!*, pensou. Josefa começou a engatinhar em direção aos olhos cintilantes.

Toninho ouviu um rosnado, algo impaciente e excitado, e percebeu que o chupa-cabras deu alguns passos adiante, em direção ao cercado. Podia agora ver seus contornos e um arrepio lhe cortou a espinha.

A criatura era muito magra, tinha as costas curvadas e focinho alongado. Se Josefa não estivesse armada, o caçador estaria bastante preocupado.

Toninho olhou então para o lado, onde a companheira estava deitada até poucos segundos antes, e viu que o rifle dela estava largado na terra. Foi a vez do caçador de arregalar os olhos.

Josefa estava a poucos metros da morte e, mais que isso, ela estava entre o caçador e o predador. Toninho não tinha muito tempo, nem conseguiria mirar muito bem dali.

Entre a certeza da morte da companheira e a dúvida, optou pela segunda: apoiado nos cotovelos, fechou o olho direito e mirou em um dos olhos verdes. A criatura percebeu no último instante e virou os olhos diretamente para o caçador, mas nesse momento Toninho já apertava o gatilho.

Naquele milésimo de segundo, Toninho sentiu-se sugado para dentro da imensidão brilhante, que rodava feito um redemoinho, e perdeu o medo, as outras emoções e qualquer consciência da própria existência.

Voltou a si logo depois, com as cabras o pisoteando, assustadas. Ouviu um ganido animal e um grito humano.

O caçador se levantou em um pulo e correu, ao mesmo tempo que rasgava as amarras que prendiam a carcaça da cabra ao seu corpo. Encontrou Josefa no mesmo lugar, ainda de quatro, tremendo-se inteira. Ela não estava ferida, apenas em choque.

À sua frente, o chupa-cabra chorava baixinho, agonizando no chão. De perto era ainda mais horripilante: tinha presas e garras enormes, a pele áspera e sem pelos, e espinhos que corriam do topo da cabeça até o rabo, ao longo da coluna.

Toninho armou novamente o rifle e deu um tiro certo na cabeça. Não gostava de ver criatura nenhuma sofrendo, alienígena ou não.

— O que... eu... não me lembro... a luz...

Toninho se abaixou, ajudou a maga a se sentar e desamarrou a capa de cabra dela.

— Hipnose — ele falou, baixinho. — O chupa-cabra hipnotiza as presas.

Josefa respirou fundo e afundou o rosto nas mãos. Então assentiu com a cabeça, concordando com a conclusão do companheiro.

— Eu morri — ela disse, por fim.

— Não, Josefa, tu tá aqui, vivinha da silva.

— Eu parei de sentir dor, medo, parei de querer viver. Eu não ia lutar. Por alguns instantes eu deixei de existir, Toninho — a maga disse, encarando-o. — Se isso não é morrer, não sei o que é.

Ele não tinha uma boa resposta para aquilo.

— O importante é que tu voltou — Toninho disse, levantando-se e ajudando a maga a fazer o mesmo. — E se não tivesse voltado, eu teria ido até o inferno pra te perguntar como é que se tira essa inhaca de bode.

— E era lá mesmo que tu teria me encontrado — ela disse, em um tom reflexivo. Toninho sentiu-se culpado pela piada. Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos. — Água com vinagre.

— Hein?

— Água com vinagre vai tirar esse cheiro horroroso — ela explicou. — Mas primeiro vamos cuidar dessa lambança.

Josefa sacou um vidrinho do bolso e abaixou-se perto do falecido chupa-cabras. Recolheu um pouco do sangue, rosqueou bem a tampa e guardou o recipiente dentro da bolsa.

— Sangue de chupa-cabra?

— Ainda não conheço os poderes, mas não é um ingrediente que se ache por aí dando sopa — ela explicou, com um jeito casual. — E vamos enterrar esse bicho logo, antes que alguém o veja e avise a polícia. Se dona do Carmo expulsou os alienígenas a vassouradas, imagine o que ela faria se o exército viesse investigar.

Ela tirou uma enorme pá de dentro da bolsa de couro e a entregou a Toninho.

— Eu é que vou cavar a cova?

— Sim, tô traumatizada demais pra isso.

Toninho fez cara de mal-humorado, mas no fundo respirou aliviado. A verdade é que Josefa era daquele jeito mesmo: ranzinza, mandona. E se voltava a ser ela mesma, era sinal de que estava bem.

O caçador já havia cavado quase um palmo quando viu ao longe uma nova silhueta curvada, magra e de focinho longo. Por um momento temeu que fosse outro chupa-cabras. Mas depois riu da própria covardice.

— Carne-seca, vem cá, garoto!

9 – Luas passadas

*Brilha no firmamento, doce luar,
A brisa vem de leve e passa a cantar,
E um perfume suave, vem lá do bosque,
Noite assim bonita, nos faz sonhar.*

Humberto Teixeira, “A Estrada do Bosque”

A presença de um lobisomem sempre se faz notar: os uivos, as marcas de garras nas portas, as vítimas desaparecidas, o sangue como única evidência da violência do ataque. Há como sustentar a negação na primeira, talvez até na segunda transformação. Mas no terceiro mês em que a lua cheia anuncia a tragédia, a conclusão é inquestionável: alguém carrega a maldição do lobo.

O mistério sempre acaba se resumindo à identidade do cabra.

— O lobisomem não sou eu, juro que nunca vesti roupa do avesso! — gritou um dos homens dentro da igreja, ao ser acusado de estar com os braços mais peludos do que o normal.

— Homem, deixa de crendice besta — uma jovem ralhou. — Vestir roupa do avesso não transforma ninguém em lobisomem.

— Apois, minha avó dizia que transforma sim, senhora!

— Pra mim, o lobisomem é Clodoaldo! — acusou uma mulher idosa.

— Que eu, o quê, velha maluca! — Clodoaldo respondeu. Depois levantou o braço, olhando para Josefa. — Aqui dona, pode me cheirar!

A maga encarou o homem com o nariz franzido.

— E por que diabos eu faria isso? — ela perguntou.

— Porque quem vira lobisomem tem cheiro de cachorro molhado — Clodoaldo respondeu, como se aquilo fosse óbvio. — Então pode me

cheirar e tu vai ver que eu não tenho cheiro de cachorro, não, moça. Tenho cheiro é de homem macho!

Toninho quis rir, mas se segurou. Pelo olhar de Josefa, a vontade dela era transformar o cabra em cachorro molhado ali mesmo. Para evitar uma tragédia, o caçador arrastou a maga pelo braço para longe dali.

— Deve ter umas duzentas pessoas aqui — ele sussurrou enquanto caminhavam pelo corredor da igreja lotada. — Se alguma delas for o lobisomem, isso aqui vai virar um show de horrores quando a noite cair.

— Ele não faria isso — a maga afirmou. — Ele não viria pra um lugar apinhado de gente na noite de lua cheia.

— E como é que tu pode ter tanta certeza?

Josefa deu um longo suspiro, como se estivesse cansada.

— Toninho, depois da transformação, o homem perde a consciência e o controle de si mesmo. Aí, no dia seguinte, acorda assustado, com uma vaga lembrança de gente gritando, sangue espalhado por todos os lados, o gosto da carne... No começo ele acha que sonhou, até ouvir as notícias sobre os mortos e feridos — ela explicou. — Tu consegue imaginar o que o cabra sente nessa hora? Que é que tu faria se acordasse e descobrisse que matou um bocado de gente sem querer?

A pergunta pegou o caçador desprevenido.

— Eu nunca permitiria que isso acontecesse.

A maga meneou a cabeça e sorriu de um jeito triste.

— Se tu não tivesse controle sobre seu corpo, não ia poder permitir nem despermitir nada.

— Tá bom, concordo que sua teoria até funciona pra primeira transformação — Toninho retrucou. — Mas e nas outras? Se ele não queria matar ninguém, por que não impediu as mortes nos meses seguintes?

— Talvez ele não saiba como, não é tão simples assim — Josefa respondeu. — Mas chega de lenga-lenga. Vamos fazer uma última ronda em Inhambupe para ver se ainda tem algum valente, idiota ou bêbado na rua.

Deixaram a igreja de Nossa Senhora da Conceição e ouviram a porta ser trancada atrás deles. Toninho permitiu-se olhar uma última vez e verificar se todas as janelas da grande fachada branca estavam lacradas com tábuas. Atravessaram a praça Cônego Maximiano, onde Véia pastava no jardim, e Toninho a chamou pelo nome. Ele iria na mula e Josefa, no

galho de cajueiro, atrás dos desavisados ou desacreditados que ainda não haviam procurado abrigo depois do toque de recolher.

Acharam um grupo que discutia fervorosamente os motivos por trás da renúncia de Jânio Quadros — mal sabiam eles que a teoria mais aceita no meio sobrenatural era de que o então presidente havia sido possuído e obrigado a fazê-lo — e tiveram que convencê-los a continuar a briga dentro de casa. Acharam um outro cabra que proclamava a chegada do apocalipse e informaram-no de que a igreja estava lotada e ninguém podia sair: o público seria todo ouvidos a noite toda. Um grupo jogava carteadado e fumava cigarros de palha, outro tomava cachaça na frente de um boteco. A cada um desses encontros, Josefa parava em frente às pessoas e as encarava com os olhos semicerrados por vários segundos, sem dizer nada. E todas as vezes elas a encaravam de volta, com a expressão de que estavam achando aquilo bastante esquisito.

— Maga, sua louca, que que tu tá fazendo? — o caçador quis saber depois de mais um daqueles embaraçosos momentos.

— Telepatia.

— Pois, pela cara de todo mundo, parece que não tá funcionando, não.

Josefa o encarou com as mãos na cintura. Ela estava com os longos cabelos negros soltos, os olhos castanho-avermelhados cheios de si.

— Tu não sabe nada sobre lobisomens, Toninho?

É claro que ele sabia. Com um estalo mental, lembrou-se que os que carregavam a maldição adquiriam o poder de invadir a mente alheia quando estavam próximos a se transformar.

— Ah, tu tá tentando mandar uma mensagem pro lobisomem!

— *Voilà*.

Toninho olhou para cima. Não havia nada *voando lá*, mas em vez de perguntar o que ela queria dizer com aquilo decidiu voltar ao assunto principal.

— E que que tu tá tentando falar dentro da mente do safado?

Josefa olhou para cima também, imitando a atitude de Toninho, provavelmente procurando o que havia chamado a atenção do companheiro nos céus.

— Que ele não pode ir pra igreja. E que se tranque em casa sozinho pra não matar mais ninguém. E que eu posso ajudá-lo se ele precisar.

— Boa ideia — Toninho disse, virando-se para ela. Pôde observá-la por alguns instantes sem ser notado, enquanto ela fitava o céu do fim da

tarde. — E aí, quando ele se revelar, a gente pega a adaga de prata e...

Josefa virou-se para ele com a boca aberta. Estava chocada.

— Que foi? — ele perguntou, preocupado com o que poderia ter feito de errado.

— A gente não vai matá-lo.

— Por que não? Um mês atrás tu quis matar um chupa-cabras, que nunca atacaria uma pessoa, e agora tu quer poupar um lobisomem?

— Pelo amor de Deus, homem, tu tá falando de um ser humano.

— Que provavelmente já matou dezenas de outros seres humanos — ele rebateu, irritado com a lição de moral vindo logo de quem não pensava duas vezes antes de fazer magia negra ou conjurar um demônio.

Ela cruzou os braços. O caçador a imitou.

— Pois fique sabendo que já conheci um lobisomem que não matava ninguém.

— Ah, claro. Ele te deu a palavra que não matava ninguém e tu caiu nessa ladainha? — Toninho perguntou, cada vez mais irritado. — E por um acaso tu tava do lado dele dia e noite para ter certeza?

— Por um acaso estava, sim. Nós estávamos *juntos* na época — ela respondeu, uma sobrancelha erguida. Toninho sentiu o rosto ficar quente; não queria ter forçado a maga a revelar aquilo. Josefa pareceu irritada com o desconcerto dele e apontou um dedo em suas fuças. — Vocês, mortais, têm uma visão muito limitada sobre relacionamentos. Os homens deveriam aproveitar o pouco tempo que têm para amar as pessoas por sua essência mais do que por qualquer outra coisa. Eu sou pansexual e não me envergonho disso. — Vendo a confusão que certamente estava estampada na cara dele, complementou com mais suavidade: — Depois te entrego um panfleto do futuro sobre o assunto se quiser entender melhor.

Toninho demorou alguns segundos para recuperar a fala.

— Pan o quê?

— Panfleto.

Toninho balançou a cabeça, aquela conversa tinha tomado um rumo totalmente inesperado. Havia assuntos mais urgentes a serem tratados.

— Josefa, tu já me fez desistir de matar um dragão uma vez, mas era diferente porque havia alguém para se responsabilizar por ele. Mas quem é que vai conter o lobo?

— O homem. Lobo e homem. Lobisomem. É uma palavra só, um corpo, mas duas mentes separadas. — Ela o encarou e já não estava mais

irritada. Só triste. — Por favor, Toninho, vamos pelo menos tentar conversar com ele.

Mesmo contrariado, Toninho concordou. A verdade era que, se encontrassem o lobo já transformado e não o homem, não haveria como conversar.

Continuaram vasculhando a cidade e já estavam no limiar da zona urbana, onde as últimas casas ladeavam a estrada. Lá, quando noite estava prestes a cair, ouviu-se um grito sofrido.

Toninho e Josefa seguiram naquela direção e logo começaram a ouvir um lamurio constante. Entraram em um beco escuro e viram um estranho vulto atirado ao chão, feito um monte de lixo. Aproximaram-se devagar, enquanto a figura contorcia-se em improváveis ângulos e sussurrava: — Não, não, não... por favor, não, não, não...

— Venha, Toninho. A transformação ainda não começou.

— Como é que tu sabe?

— Lobisomens não falam — ela esclareceu. — E trate de controlar qualquer pensamento que possa assustá-lo.

Toninho assentiu com a cabeça e concentrou-se em pensar que queria ajudar. Que ele não sabia como controlar a besta, mas que sua companheira sabia. *Mas se ele matar mais alguém, a culpa será nossa, que não o matamos antes.* O homem pareceu reagir àquele pensamento com um choro que estava entre um ganido canino e um murmúrio humano. *Tá tudo bem, homem. Nós vamos lhe ajudar. Tu não mata ninguém hoje.*

Josefa abaixou-se ao lado do estranho e tocou-lhe o ombro.

— Dói... dói muito...

— Eu sei — ela respondeu. — E vai doer sempre.

Vendo-o assim, Toninho se compadeceu do pobre coitado. E pensar que pouco antes queria cravar-lhe uma faca de prata no bucho. *Mas será que não é melhor morrer do que viver nessa agonia?*

— Não! — o homem respondeu. — Não quero morrer. Não me mate, não me mate, por favor!

Josefa cerrou os dentes e lançou um olhar assassino a Toninho. Então o caçador se deu conta de que quem corria o maior risco naquela noite era ele mesmo.

— Ninguém vai lhe matar, homem — a maga se apressou em dizer. — Mas também não podemos permitir que tu mate mais ninguém. Me ajude aqui, Toninho.

Os dois carregaram o amaldiçoado, Toninho pelos braços e Josefa pelas pernas. Ele estava quase moribundo, tamanha a dor. Bateram na porta da casa mais próxima.

— Quem é? — uma mulher gritou do lado de dentro. — É o lobisomem?

De certa forma, era. Mas em vez de dizer isso, Toninho respondeu: — Lobisomens não falam, minha senhora, pode abrir!

Explicaram que aquele homem estava muito doente, que não haveria tempo de levá-lo à igreja, e que precisavam protegê-lo do lobisomem. Não era inteiramente mentira.

— E vocês ficariam mais seguros na igreja — Josefa se apressou em comentar, quando a mulher disse que os três forasteiros poderiam passar a noite ali com a família. — Ouvi dizer que o lobisomem está nessa região, e lhe garanto que ele consegue derrubar uma porta fraca assim num sopro.

A mãe logo entregou as chaves para Josefa e saiu arrastando os dois meninos pelos braços, cada um deles puxando atrás de si um trenzinho de latas de conserva e tampinhas de refrigerante.

Lá fora o céu ainda estava claro, mas com as janelas cheias de tábuas e a porta fechada, o único cômodo do casebre estava imerso numa semiescuridão profunda, quebrada apenas pela luz de um candeeiro sobre a mesa.

— Como é seu nome? — Josefa perguntou ao homem.

— José... — ele respondeu, num suspiro.

— José, é noite de lua cheia e tu já sabe o que vai acontecer. Vamos te amarrar pra que tu não machuque ninguém, tudo bem?

Encolhido no chão, ele começou a chorar.

— Eu nunca... — começou, entre um soluço e outro — ...nunca quis matar ninguém. Eu vou pro inferno, não vou?

— Talvez não — Toninho tentou consolá-lo.

O homem gemeu.

— Eu posso ler sua mente. Tu é um caçador de *demônios*, não de gente de bem.

Toninho estava exposto. Aquele homem tinha acesso ao único lugar onde ele sempre se sentira seguro. E, quanto mais tentava evitar pensar em algo, mais revelava sobre seus segredos. Ele tinha medo do pobre homem à sua frente e, inescrupulosamente, pensava que seria muito mais fácil matá-lo na sua forma humana do que na de lobisomem, se a situação assim

exigisse. Tinha raiva de Josefa, por tê-lo feito conversar com o cabra e agora sentir-se culpado ao cogitar matá-lo. Tinha raiva e ao mesmo tempo a admirava. Mas admirava-a apenas agora, depois de oito meses caçando juntos...

No primeiro encontro dos dois, também pensara em matar a maga. *Quando é que eu passei de caçador a assassino? Será que eu sou mesmo tão diferente assim dos monstros que caço?* Os olhos dos dois homens permaneciam fixos uns nos outros, enquanto tudo aquilo fluía da mente do caçador para a do lobisomem. E, por um breve momento, Toninho viu a pena que sentia de José refletida nos olhos do outro.

— Acorde pra vida e me dê uma mão aqui, Toninho.

A maga tirava metros e mais metros de corda da bolsa. O caçador foi desenrolando tudo e se ajoelhou ao lado de José.

— Dê várias voltas no tornozelos, depois nos pulsos, depois uma tudo com um nó na frente do corpo.

Como se prende um porco, Toninho pensou, apenas para em seguida sentir-se ele mesmo um suíno. Meneou a cabeça e balançou a mão perto do ouvido, tentando enxotar os pensamentos incômodos como se faz com um mosquito. A realidade é que o homem ingenuamente acredita que o pensamento não fere, quando a bem da verdade são suas crenças que esculpem seu caráter. Toninho prometeu a si mesmo que tentaria ser melhor dali em diante, que criticaria seus próprios preconceitos e controlaria pensamentos maldosos. Talvez um dia, então, ele os expurgasse de vez.

José se deixou amarrar, dócil e conformado, mas os gemidos sofridos continuavam. A pele dele estava quente, o caçador percebeu ao tocá-lo. E mais que isso, tinha uma textura estranha. Olhando-se fixamente, era possível ver algo se movendo, pressionando por baixo da pele fluida. Era o monstro que queria sair de sua prisão.

O próximo grito de José foi semelhante a um uivo. Emanava dor, pura e seca.

— Josefa, acho que não falta muito pra acontecer.

A maga veio ajudar a prender o homem. Ela explicou que era importante deixar as cordas um pouco frouxas para que não arreventassem na transformação. Baseando-se em sua experiência, Josefa calculou o quanto o corpo cresceria e então determinou o comprimento total necessário.

— Era mais seguro encantar as cordas com um feitiço pra ficarem inquebráveis — ela disse. — Mas não temos tempo agora, eu devia ter pensado nisso antes.

Fizeram o melhor possível. Para Toninho, as amarras pareciam bem sólidas, impossível escapar mesmo com a força de dez homens. A respiração de José estava bastante acelerada nesse ponto, e seus gemidos faziam até os corações mais gelados compadecerem-se. O caçador gostaria de ajudar, de amenizar seu sofrimento, mas não havia nada que pudesse fazer. E fazer nada era uma tortura.

— Era assim que tu ajudava seu amigo lobisomem, lhe amarrando antes da transformação? — Toninho perguntou, tentando se distrair.

Josefa deixou escapar um riso curto, debochado.

— Ah, não, Tito não precisava da minha ajuda. Não precisava da ajuda de ninguém — ela respondeu, de um jeito nostálgico. — Ele já era um lobo experiente, tava sempre preparado. Conhecia lugares pra se abrigar na lua cheia e carregava algemas e correntes grossas. — Josefa virou-se para José. — Amanhã, quando o pior tiver passado, podemos discutir alternativas para tu também. Não é fácil, mas dá pra levar uma vida quase normal, acredite em mim.

O homem assentiu e encarou a maga por alguns instantes. Era estranho pensar que aquele sujeito provavelmente sabia muito mais sobre os mistérios e segredos de Josefa do que Toninho saberia mesmo se passasse a vida ao lado dela.

— E o que aconteceu com vocês? — Toninho perguntou, e em seguida corrigiu-se: — Quer dizer, o que aconteceu com o tal do Tito?

Josefa hesitou por alguns instantes. Olhou de esguelha para José, sobranceiras franzidas.

— Cada um tomou seu rumo... Não tenho notícias dele há muitos anos.

O grito de José interrompeu a conversa de vez. O ruído que se seguiu trouxe um gosto amargo à boca de Toninho; estalidos sucessivos, como o ruído de se pisar em um chão coberto de galhos secos. Eram os ossos do cabra se quebrando.

O caçador fez um esforço sobre-humano para manter os olhos abertos, e o que viu fez com que desejasse tê-los fechado: os pelos crescendo rápido e envolvendo toda a superfície de sua pele, a mandíbula e

ombros deslocando-se, a carne estirando-se como se fosse de borracha. As enormes presas projetaram-se para fora, rasgando as gengivas.

A besta em transformação, estirada ao chão com as quatro patas amarradas, emitiu um rosnado gutural. Então franziu o focinho, exibindo os recém-crescidos dentes, e projetou-se para a frente, tentando abocanhar as duas pessoas com quem se encontrava naquele casebre mal iluminado. Instintivamente, Toninho deu dois passos para trás e sacou o punhal de prata.

— Calma — Josefa pediu, pousando uma mão sobre a arma e silenciosamente pedindo que Toninho a devolvesse à bainha. — Ele não pode nos fazer mal.

O processo brutal continuou. A cauda continuou a se alongar, assim como as patas. Os músculos inchavam sob o couro e a criatura tornava-se cada vez maior. Toninho tentava manter a calma respirando fundo, conforme Josefa havia solicitado.

Então sentiu a mão gelada dela na sua e a encarou. A maga estava pálida, e pela primeira vez não parecia tão confiante.

— Ele está ficando maior do que eu pensava, Toninho... Não sei se...

Entre uivos e rosnados, foi possível ouvir as fibras das cordas rangerem.

Josefa puxou o companheiro e correu em direção à porta. Enquanto ela virava a chave na fechadura, Toninho se virava na direção do monstro. Não podia arriscar a vida de ninguém, menos ainda a de Josefa. Segurou o punhal de prata pelo cabo, mirou na criatura que se contorcia e já começava a se soltar das cordas e, num movimento rápido, lançou a lâmina.

Josefa deu um safanão em seu braço bem na hora, e o punhal errou o alvo e bateu na parede.

— Ainda não precisamos matá-lo! — ela gritou, ao mesmo tempo em que puxava Toninho para o lado de fora.

Os dois se apoiaram na porta e trancaram-na por fora. Ouviram um uivo feroz e em seguida sentiram o baque forte na porta. E mais um. A madeira começou a estalar, cedendo à força do monstro.

Josefa sacou seu galho de cajueiro da bolsa e Toninho sacou sua peixeira, que entre as diversas propriedades mágicas, também era de prata.

— Não, Toninho! Ninguém vai morrer hoje — Josefa afirmou com convicção. — Eu vou dar um jeito de levar José pra longe daqui, vá-se

embora.

Toninho hesitou, mas acabou chamando Véia com um assobio. Nesse momento, o focinho e dentes do lobisomem apareceram por entre as lascas de madeira da porta.

— Sebo nas canelas, Toninho! — ela gritou, dessa vez perdendo a calma que mantivera até então.

Toninho montou no lombo da mula encantada e teve tempo de ver o lobo forçando o tronco para fora da porta. Os olhares do monstro e do caçador se cruzaram por alguns segundos.

— Aqui, cachorrinho, aqui! — Josefa o chamou, de cima do galho. — Vem por aqui, que carne de maga é mais doce!

A mula disparou em velocidade total em direção ao centro de Inhambupe e Toninho teve tempo de ouvir o rosnado irado e o estilhaçar final da porta. Depois ouviu o único som que poderia fazê-lo desistir da fuga: — Não! Não! — Josefa gritou.

Aquilo fez caçador e montaria estacarem; a maga poderia estar em perigo. Toninho virou-se para ver o que acontecia.

A besta corria em sua direção.

Josefa seguia o lobisomem de perto, de cima do galho, gritando, tacando-lhe coisas, tentando chamar sua atenção a qualquer custo. Mas os olhos amarelados do lobisomem estavam fixos no caçador. Talvez, por algum instinto primitivo, ele soubesse que Toninho tentara lhe matar poucos minutos antes.

O caçador engoliu em seco e sacudiu as rédeas. Véia baixou a cabeça e disparou, cavalcando mais rápido que nunca. Ele precisava ir em frente, não desacelerar, pois sabia que o monstro o pegaria na primeira curva que tentasse fazer.

Aquela rua levaria até a praça da igreja. A igreja estava apinhada de gente.

Se correr, o bicho pega, se ficar, o bicho come.

Toninho elaborou um plano: continuaria, passaria pela praça da igreja e seguiria reto em direção à estrada, levando o monstro para longe, em seus calcanhares. Contudo, numa olhada por cima do ombro, viu que o lobo se aproximava rápido. Rápido por demais. Percebendo que não conseguiria chegar à estrada a tempo, Toninho então puxou as rédeas e freou de forma súbita. O lobisomem passou por ele, derrapando na terra, e o caçador desmontou num pulo e sacou a peixeira.

Se Toninho conseguisse feri-lo com a lâmina, mataria o bicho. O problema era conseguir fazer isso sem morrer antes. A criatura virou-se e mostrou os dentes, salivando; parecia saber que a presa não tinha escapatória.

Toninho engoliu em seco e correu para o duelo — e possivelmente para a morte —, peixeira à frente, pronta para o ataque. O lobo uivou e também partiu ao seu encontro.

O estalido seco de um tiro rasgou o ar da noite e a carne do lobisomem, fazendo-o desabar ao chão. Toninho deu um salto para o lado e rolou sobre o próprio corpo para sair do caminho. De joelho no chão, virou-se e viu Josefa com uma pistola na mão e determinação no olhar duro. Observou o lobisomem e viu que, além do sangue que jorrava, uma fumaça preta emanava do ferimento. Isso significava que a bala era de prata e que não havia salvação para o lobo ou para o homem.

O sofrimento durou poucos segundos. Com um último lamento canino, o monstro suspirou e parou de se mover.

— Desculpe, José — Josefa sussurrou, aproximando-se do corpo inerte.

As pessoas que estavam na igreja saíram, primeiro devagar, depois em enxurrada. A notícia foi passada, boca a boca, de que o monstro estava morto. Um círculo se formou em volta dos caçadores e do falecido lobo. Todos falavam e gritavam ao mesmo tempo, horrorizados com a terrível aparência da criatura.

O padre foi o primeiro a se aproximar de Josefa.

— Tu nos salvou, minha filha. Que Deus te abençoe.

A maga o encarou de canto de olho. Parecia que lhe daria uma resposta atravessada, mas desistiu.

— Ele matou alguém hoje? — uma pessoa gritou a pergunta acima das outras vozes.

Toninho estava prestes a responder que não, mas a companheira foi mais rápida: — Matou — ela anunciou. — Um tal de José. Cabelos castanhos, lá pelos seus quarenta anos.

Um lamurio brotou e cresceu conforme a tragédia era divulgada. José aparentemente era alguém muito querido entre os moradores de Inhambupe.

— E onde está o corpo? — outra pessoa qualquer quis saber.

— Dentro do monstro — Toninho respondeu e novos gritos inconformados brotaram. Muitos reclamaram que não poderiam nem ao menos velar o querido amigo. — E se enterrarmos o lobo? Assim pelo menos garantimos um enterro digno ao homem.

Josefa olhou para o caçador e assentiu com a cabeça em gratidão. O resto da população pareceu concordar.

— Tu vai pegar alguma coisa antes que eles recolham o corpo? — Toninho sussurrou para a maga. — Pelo de lobisomem? Raspa de unha, sangue?

— Não, isso não — ela respondeu. Então se abaixou e tomou nas mãos o cartucho da bala disparada. — Vou guardar apenas guardar a bala pra me lembrar que eu poderia ter evitado isso. Se tivéssemos encontrado José antes...

— Tu fez o que tinha que ser feito — Toninho a consolou. — O destino às vezes é cruel e não oferece nenhuma boa escolha. Era matar ou deixar matar.

Os dois preferiram não permanecer para o inédito enterro de lobisomem. Aquilo parecia ter cutucado uma ferida ainda não curada do passado de Josefa e Toninho não queria mais vê-la sofrer.

Arrumaram abrigo em uma casa e alguém trouxe uma sopa de mocotó para os heróis. Jantaram em silêncio.

— Tá tudo bem? — ele perguntou, quando mais uma vez percebeu o olhar dela desfocado do presente.

Josefa suspirou.

— Tava aqui pensando onde foi que eu errei — ela respondeu, meneando a cabeça. — Tito era italiano, já conheci lobisomens brasileiros também. E eles eram muito menores quando transformados. Talvez José fosse descendente de holandeses, dizem que lobisomens holandeses são enormes. Eu devia ter deixado as cordas mais frouxas...

— Tu não tinha como saber — Toninho disse, pousando uma mão consoladora sobre a dela. — E não havia nada mais que tu pudesse fazer depois que ele escapou.

— Eu podia ter tentado fazer um feitiço pra prendê-lo, conjurar uma gaiola, qualquer coisa.

— Se tu não tentou, era porque não dava pra fazer. Nunca vi tu dar menos que o seu melhor — o caçador insistiu, apertando a mão dela com a

sua. — Aliás... Antes da transformação eu tava pensando sobre isso. Sobre como... Como eu acabei por te admirar tanto.

Os olhos dos dois ficaram presos uns aos outros por alguns segundos. Foi Josefa quem desviou primeiro, ao mesmo tempo em que puxou sua mão, libertando-a da dele.

— Toninho, te algo a te dizer — ela revelou.

— Pois diga.

— Acho que chegou o momento em que nossos caminhos se separam.

Aquilo o pegou tão desprevenido que sua boca pendeu aberta por vários segundos antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Por quê? Foi algo que eu disse?

— Deixe de asneira — Josefa respondeu. — É que eu preciso resolver algumas coisas, só isso.

— Ah, mas se for só por isso, talvez eu possa te ajudar — ele ofereceu. — Alguma caçada em específico?

Ela fitou as próprias mãos.

— É algo que tenho que fazer sozinha, sinto muito.

Josefa arrastou a pesada cadeira de madeira e se levantou.

— Saio cedo, então não sei se a gente se vê amanhã — ela anunciou, como se aquilo nada fosse. Então estendeu uma mão. — Obrigada por ter caçado comigo, Toninho.

Ele apertou a mão dela de forma incerta, encarando-a, procurando por respostas, mas incapaz de pronunciar uma palavra sequer. A história deles não poderia acabar daquele jeito.

Josefa sorriu e caminhou em direção à porta. Toninho assistiu-a sair, sentindo-se impotente. Não podia permitir que ela partisse.

Mas *permitir* era um verbo inexistente quando se tratava de Josefa.

10 – O repente do inferno

*O cara mais underground
Que eu conheço é o diabo
Que no inferno toca cover
Das canções celestiais
Com sua banda formada
Só por anjos decaídos
A plateia pega fogo
Quando rolam os festivais.*

Zeca Baleiro, “Heavy Metal do Senhor”

Josefa havia partido. E ela não esperava por aquilo: doía ter deixado o caçador para trás. Mas, afinal, se juntara a Toninho para conseguir o que precisava e agora a parceria não mais fazia sentido. E, mesmo que fizesse, o caçador provavelmente não continuaria com ela se soubesse que havia sido usado aquele tempo todo.

Tirou da bolsa os objetos que recolhera das missões anteriores, torcendo para que fosse suficiente: o boneco de vodu carbonizado, a corda encantada com a qual enlaçara uma vampira, a cartola de uma múmia de coronel, uma escama de dragão, a lamparina que abrigara um gênio, o manuscrito com o ritual para criar um golem, um vidrinho com sangue de chupa-cabra e o cartucho de uma bala de prata com a qual matara um lobisomem. Os objetos emanavam poder e ela estava prestes a utilizá-los para selar o pacto mais ambicioso que já fizera.

Viajara dois dias para chegar até Samambaia, um pequeno povoado no agreste Sergipano. Aquele lugar, miserável no plano material, tinha grande energia espiritual. Josefa escolheu o topo da Serra da Saúde para a conjuração; um lugar tranquilo, isolado e ao mesmo tempo poderoso.

Começou a desenhar no chão a chave com as nuances específicas para invocar aquela entidade. Era algo complicado, que exigia uma perfeição delicada, nomes bem conhecidos, desenhos que pareciam obra de arte e inscrições em uma língua etérea nunca falada por seres humanos. Foram décadas de pesquisa e muitos experimentos até que conseguisse conjurá-lo pela primeira vez. Lembrou-se do pavor que percorrera suas veias naquele dia, das mãos suadas e das pernas bambas. Pensou que *ele* a transformaria em pó apenas pela ousadia. Mas não; ele apenas riu e aceitou firmar o pacto.

Mesmo agora a maga estava nervosa. Havia cumprido sua parte durante aquele ano, mas como ter certeza que ele manteria a palavra? As linhas da chave saíam tortas, tamanho o tremor das mãos, mas no fundo sabia que ele não se importaria.

Josefa temia poucas coisas. O inferno era a pior delas.

Começou a recitar as palavras em latim, iniciando a invocação. A chave de giz brilhou e um vapor branco começou a se desprender do chão. Estava funcionando: ventos fortes anunciavam a sua chegada. A presença dele tinha cheiro de terra molhada.

— Que diabos tu tá fazendo?!

Josefa virou-se e encarou os olhos acusadores de Toninho. Pensou em perguntar como ele a encontrara, mas sabia que Véia tinha um faro mágico bastante aguçado. Não havia tempo a perder com conversas tolas ou explicações.

— Tu não devia estar aqui — ela respondeu, tentando parecer calma.

— Rapa fora, Toninho, antes que seja tarde demais.

Ele a encarava com uma decepção dilaceradora. Olhava para a chave e em seguida para a maga, chave para a maga, chave-maga, chave-maga, chave-maga...

— Tu tá me deixando zozza...

— Tu fez um pacto com o capeta! — ele gritou. — Usando os objetos das nossas caçadas. Me usando! Como eu pude ser tão estúpido?

— Toninho, eu não fiz um pacto com...

— Eu tô vendo a Chave de Salomão, mentirosa!

Ele estava fora de si.

— Toninho, o pacto que eu fiz...

— Ah-rá! Então tu confessa?!

Josefa sentiu a presença antes mesmo de ouvir a voz. *Ele* havia chegado.

— O maior pecado que Josefa cometeu foi ter nascido filha do diabo.

Aquela voz de brisa fresca fez os dois se calarem. Toninho arregalou os olhos e virou-se devagar. Josefa percebia que o caçador também se sentia quase oprimido estando tão próximo daquele ser.

Dessa vez, a aparência dele estava diferente. Ele estava com uma camisa branca de linho, um gibão de couro, calças e botas. Seus cabelos eram escuros e fortes, seu corpo meio mirrado, nem alto, nem baixo, pele parda e queimada de sol. Uma figura comum, um homem qualquer do Nordeste. Bem diferente da primeira vez que Josefa o conjurara, desprevenido, em que havia surgido como uma mulher negra de dois metros, vestida em pijamas confortáveis.

— O que... quem é... ele... — o caçador começou, incapaz de formular qualquer pergunta.

— Tu sabes quem eu sou — o homem afirmou. — Teu coração sabe, meu filho.

Josefa suspirou, levantou o queixo de Toninho com uma das mãos e com a outra apontou para o misterioso sujeito.

— Toninho, Deus. Deus, Toninho.

O caçador olhou para a maga e para Deus, para maga e Deus, maga e Deus, maga-Deus, maga-Deus, maga-Deus...

— Tu tá me deixando zonha de novo, cabra!

— Tu invocou... tu conjurou... Deus?!

Josefa assentiu com a cabeça. Aquela era uma longa história, então resolveu dar um breve resumo.

— Invoquei. Fiz um pacto com ele e vendi minha alma.

— Vendeu sua alma? Pra Deus?! Tu só pode estar zombando da minha cara, pelo amor de Deus... — Toninho virou-se para Deus, aparentemente embaraçado por falar dele como se não estivesse ali. — O senhor que me perdoe a falta de respeito, se tu for Deus mesmo... quer dizer, não que eu duvide... nem que eu acredite...

— Toninho, essa é uma conversa particular, se tu puder nos dar licença — a maga começou.

— Deixa que ele fique — Deus interrompeu. — Afinal, ele é uma das provas de bondade mais importantes que tu trouxeste.

— Eu?

— Sim, Toninho. Tu rezaste um dia pela salvação da alma da tua amiga. Pois bem, estou prestes a dar meu veredito.

O caçador ficou vermelho feito um pimentão. Josefa não sabia se ria ou se lhe dava um abraço.

— Também não foi assim, uma *reza*, dessas de promessa e tudo — o caçador tentou se explicar. — Foi uma oraçõzinha, no meio de outros pedidos que eu tinha. Não é mesmo, Senhor?

— Claro — ele respondeu, com uma piscadela. — Mas vamos ao que interessa.

Josefa engoliu em seco, enquanto Deus desenrolava um manuscrito sagrado e começou a passar seu dedo divino por cada linha enquanto lia em voz alta.

— Demônio, vampira, múmia... Hum. Interessante?

— O quê? — Josefa perguntou, incapaz de se conter.

— Está escrito aqui que tu usastes magia negra nesse caso da múmia.

— Eu bem que avisei, Senhor, mas ela não quis me ouvir...

Josefa deu um cutucão no caçador.

— Deixaste escapar o dragão — Deus disse, mais para si mesmo do que para os outros dois. — Uma jogada ousada. Pouco ortodoxa, mas advinda de bons sentimentos.

Foi a vez de Toninho dar um cutucão na maga. Ela virou-se para ele, e o caçador fez um joinha com a mão. Josefa mordeu o lábio, mas acabou deixando um sorriso escapar pela beirada.

— Foi realmente uma pena que tiveste que matar o lobisomem — Deus lamentou. — Aliás, José mandou lembranças.

Deus começou a rabiscar algumas coisas no manuscrito e depois a fazer contas com os dedos. Josefa novamente olhou de relance para Toninho e viu que ele estava de dedos cruzados atrás das costas. Era uma superstição boba. Josefa cruzou os seus também.

— Josefa, apesar dos pequenos deslizes, tu cumpriste nosso acordo. Sua alma está oficialmente salva.

A maga levou a mão ao coração. Poderia chorar de felicidade se fosse dada àquele tipo de demonstração emotiva. Mas antes que pudesse comemorar, ouviu-se um estalido e um cheiro de enxofre envolveu a Serra da Saúde.

— Epa, epa, epa! Tá tendo festa e ninguém me chamou?

— Mãe amada — Toninho disse ao ver o capeta, fazendo o sinal da cruz.

O tihoso era o próprio estereótipo: corpo vermelho, queixo pontudo, chifres de bode. Josefa já sonhara com ele muitas vezes e não se deixou impressionar. Não sentia medo de seu ausente pai biológico, apenas raiva. Como muitos outros filhos daquele grande país chamado Brasil.

— Vai-te embora, não és bem-vindo aqui — Deus ordenou.

O capeta riu, divertindo-se muito.

— Ah, eu vou. Eu vou assim que tu me der de volta o que roubou, ladrão de almas alheias.

— Ei, isso lá é jeito de falar com Deus? — Toninho retrucou.

O sete-pele o encarou e o caçador murchou o peito.

— Tem muita gente que ficaria feliz em te ver lá embaixo, Antônio Francisco da Silva Teixeira. Todo mundo que tu mandou pro inferno — o monstro disse, sorrindo e exibindo dentes podres para o caçador. — E tu também, filhinha. Tem muita gente aguardando a sua chegada.

Josefa sorriu de volta.

— Pois avise que, infelizmente, não vou poder comparecer. Comprei meu lugar no céu por um punhado de bondade.

— Mas aí é que tá — ele respondeu, o indicador com uma unha enorme apontado para cima. — Esse negócio de pacto com Deus não existe, não, queridinha. Quem criou o conceito de pacto fui eu e a patente só cai daqui duzentos e trinta mil anos. Isso é pirataria.

Josefa meneou a cabeça, zombando do Diabo, mas seu sorriso morreu assim que viu a cara de Deus. Ele parecia preocupado.

— Não sejas um mau perdedor, coisa-ruim — Deus falou.

— Tá dizendo isso porque sabe que eu tenho razão — o diabo respondeu. — Eu nunca tive essa vida boa que tu tem, não. Nenhuma alma vem pra mim de mão beijada, a partir do nascimento. Eu tenho que batalhar por cada uma, oferecer algo em troca, negociar. Sabe o quão difícil tem sido desvirtuar as pessoas ultimamente? Mas tudo bem, é de alma em alma que o inferno enche o papo.

— Seja misericordioso por uma vez na eternidade — Deus disse, em tom de bronca.

O diabo se curvou sobre a barriga para rir. Não demorou para lhe surgirem lágrimas nos olhos.

— Essa foi ótima, ó, todo poderoso — ele respondeu, recuperando o fôlego. — Vou contar essa piada lá embaixo, o pessoal vai se mijar de tanto rir. Te espero após a morte, Josefa.

A maga estava em choque. Depois de tudo que havia feito... Seus olhos se cruzaram com os de Deus. Por fora ela estava impassível, mas por dentro suplicava por ajuda.

— Tenho uma proposta — Deus anunciou.

O capeta sorriu e seus olhos faiscaram.

— Tu sabe que tô sempre aberto a uma boa negociação.

— Vamos competir pela alma. Um desafio — Deus explicou. — Quem vencer fica com Josefa.

O sorriso do diabo se alargou ainda mais.

— Gosto da ideia. Mas tu tem que por algo na mesa, essa alma já é minha por direito.

— Sabes que não posso oferecer a alma de ninguém, Lúcifer.

— Pois eu posso — Toninho disse e Josefa virou-se para ele, assustada. O caçador a encarou de volta, confiante. — Eu ponho a minha alma nessa tal competição.

Deus o avaliou por alguns segundos. Talvez ele não controlasse realmente o destino, pois parecia genuinamente surpreso.

— Tens certeza, meu filho?

— Toninho, não...

— Sim, Senhor — o caçador interrompeu a maga. — É hora de provar que tenho fé em Deus.

Josefa estava confusa e culpada. Nunca arriscaria a alma do amigo de propósito, mas não podia obrigá-lo a desistir. Poderia Deus perder qualquer coisa contra o diabo?

— Mas que tipo de desafio é esse? — ela quis saber.

E nesse momento, foi a vez de Deus sorrir.

— Um desafio de repente.



Os juízes seriam as pessoas do povoado de Samambaia, que já começavam a formar um grande círculo na praça do centro. O diabo quis manter segredo sobre a real identidade dos competidores — argumentou que diabofobia sempre existiu e que Deus tinha que abrir mão de sua

posição privilegiada para que aquilo fosse justo — e se disfarçou de ser humano. Ainda com seu queixo pontiagudo, portando um bigode bem cuidado, ninguém duvidaria que aquele fosse um cabra qualquer.

Arrumaram dois pandeiros. Deus e o Diabo se posicionaram um em frente ao outro, no centro da roda, e encararam-se como antigos concorrentes.

— Tu é ainda mais abestado do que eu pensava — Josefa sussurrou, enquanto aguardavam que o desafio começasse.

— Deus vai ganhar — Toninho afirmou. — Repente é poesia, e não há maior poeta que o criador.

O diabo foi o primeiro a sacudir o pandeiro, feito uma cascavel, com sorriso confiante de gente sabida. Com olhos atentos e grande expectativa, a população se aquietou. Josefa prendeu a respiração e desejou que ele se engasgasse nos próprios versos.

— *Se tem um povo trabalhador É o povo do nordeste Corta cana sob o calor Chega em casa 'inda agradece Quando chove verde é cor E mandacaru floresce Mas na seca a vida é dor Deus se esqueceu do agreste?*

Aplausos. Josefa olhou em volta e viu muitos acenando a cabeça, confirmando que o homem não estava errado. Era gente simples, magra, lapidada na fome, curtida na seca. Gente que trabalhava sob o sol, sábado e domingo, mãos calejadas de roçar a terra. Gente que gastava a sola do único sapato nas estradas áridas quando precisava viajar, que matava os bois quando não havia como alimentá-los.

E o demônio conhecia em profundidade o sofrimento que levava muitos deles a recorrer a seus favores.

Em seguida, foi a vez de Deus silenciar a todos com dois toques no pandeiro.

— *Pois o agreste pra mim é milagre, Prova de um Deus insistente!*

Mesmo com tanto problema A vida segue em frente.

E olhe pra cara do povo: Lutador, porém contente.

A cada ano novo Fé renovada, esperança presente De onde Deus estiver ouvindo Sente orgulho dessa gente.

Toninho aplaudiu com força e foi seguido pela multidão. Josefa usou o polegar e o indicador para assobiar. Se o diabo ouvia as reclamações sofridas de quem se decidia por um pacto, Deus ouvia os agradecimentos da reza de toda noite.

O diabo meneou a cabeça e sorriu.

— *Tenha dó, homem!*

*Fé não enche a pança Religião não se come Quando chora a criança
Dói saber que é de fome De que adianta nessa hora De Deus chamar o
nome?*

Deus emendou a resposta, antes mesmo de esperar a reação do público: — *É, a vida aqui é sofrida, No bolso, só o fundo, Na mesa, comida exígua Mesmo assim o nordestino Faz questão de reparti-la.*

Os recursos são escassos Mas a bondade não vacila.

O Diabo mostrou os dentes, irritado.

— *E falando de bondade, Por que tudo que é bom é pecado?*

*O que parece certo pro cabra O padre diz que é errado Ter mais de
uma namorada Sair do boteco mamado Dificuldade vem de graça Mas
alegria não vende fiado.*

Ao que Deus rebateu: — *Mas o que é isso, meu caro?*

*Só acha bom o que é errado O cabra que é safado Pode ser feliz o
casado, O solteiro e o namorado O que Deus não gosta É de ver povo
enganado E para o que cai em tentação Porque ninguém é imaculado O
arrependimento traz perdão Para o filho bem-amado — Amor de verdade
é perene E não rio intermitente Se Deus ama mesmo o agreste Por que é
que é tão conivente?*

*Tem seca, tem fome, tem crime Não tem povo que aguente O deus
dessa terra é o homem É disso que fala meu repente.*

O povo aplaudiu com força. Josefa se preocupou porque o diabo parecia finalmente ter tocado o coração daquela gente. Tocara mesmo o seu, para ser sincera. Aquelas pessoas tinham algo de divino e era bom ouvir alguém reconhecer isso. Deus trincou os dentes e meneou a cabeça; ele também parecia preocupado.

— *Quem ama deixa voar O homem toma a decisão E a Deus cabe
ensinar E estender a mão A regra é simples, vou lhe contar: Pro cabra que
vive direito O destino é o paraíso eterno Se pelo próximo não tem respeito
Se perde e vai pro inferno Pra gente como tu, compadre Que destila ódio
no falatório O melhor que se pode esperar É uma chance no purgatório.*

Palmas desmotivadas foi o máximo que Deus conseguiu com aquele verso desengonçado que mais parecia uma evangelização rasa. Josefa olhou para trás e depois para Toninho; como havia aceitado que ele se arriscasse daquele jeito? Estavam ambos fadados ao inferno e o pior

castigo dela seria a culpa de ver o companheiro sofrendo por toda a eternidade.

— *E quem é que decide O destino dos desgraçados?*

Que deus é esse que só assiste E acha fracasso engraçado?

Pois digo que se o diabo é a besta É Deus o abestado Se já escreve por linhas tortas Desenhar destino tá lascado!

As pessoas riram de um jeito estranho, daquele que se ri de algo que no fundo não é engraçado. Deus lançou um olhar de quase pena ao diabo.

— *Pois eu já me cansei Desse papo de Deus e Diabo De ficar contando desgraça E deixar o que é bom de lado Vamos falar da comida, Macaxeira, buchada, queijo coalho Ou da música típica Forró, samba e xaxado Vamos agradecer o presente, Olhar pro futuro e exaltar o passado Vamos aplaudir essa gente, Pois o agreste é lindo e muito amado.*

Deus deu um tapa no pandeiro, finalizando o desafio.

O diabo foi o primeiro a chamar os votos: fez chiar o pandeiro e fez uma reverência, esperando sua salva de palmas. Mas, graças a Deus, elas foram quase inexistentes. Josefa entendia o ponto de vista dele: achava que jogando nas fuças do povo a própria desgraça, as pessoas se sentiriam agradecidas pela aclaração de sua situação. Mas a verdade é que o ser humano tem uma chama dentro de si que arde cada vez mais forte conforme a vida aperta, e não aceita que ninguém tente apagá-la.

Foi a vez de Deus sacudir o pandeiro, abrir os braços e se abaixar em agradecimento. O povo louvou o Senhor.

O diabo cerrou os dentes, furioso.

— É por isso que vocês não saem da desgraça! — ele gritou para a multidão, e foi logo enxotado a vaia.

Josefa finalmente soltou a respiração. Olhou para o capeta, que se afastava a passos largos, esperando que ele voltasse para clamar sua alma novamente. Afinal, satanás é cheio de artimanhas, e a maga não ficaria surpresa se ele dissesse que aquilo tudo foi uma brincadeira.

Deus se aproximou.

— Sua alma está a salvo, minha filha. E a sua também, Toninho.

Josefa se permitiu um sorriso precavido.

— Quer dizer que já conquistei uma cadeira cativa no céu? — o caçador quis saber.

— Não existe tal tipo de garantia — Deus explicou, meneando a cabeça em advertência. — Vocês têm que continuar vivendo de forma

correta.

— Mas como é que eu vou saber se tô no caminho certo? — Toninho perguntou. Pareceu hesitar antes de continuar. — Não é sempre que dá tempo de ir à missa no domingo.

— Não é o caminho que tomas, é a direção que segues — Deus disse, com ar de divindade. — As religiões são mapas diferentes para se chegar ao mesmo lugar, mas cada um pode tomar o caminho que quiser para alcançar o céu. A verdade é que não é nem mesmo necessário seguir uma religião ou acreditar em qualquer coisa divina; todo aquele que pratica a bondade há de chegar lá.

Josefa sabia, era óbvio. Era difícil entender como um ou outro fanático de determinada religião não conseguia enxergar que valia mais dividir a comida com alguém necessitado do que rezar vinte ave-marias. Assim como pior cego é aquele que não quer ver, o pior hipócrita é o que mente para si mesmo. O caçador assentiu com a cabeça e depois pareceu se lembrar de mais um detalhe.

— Mas e se eu cometer um pecadinho, assim, sem querer?

— Nenhum homem é santo. Bem, tirando aqueles que são, tu sabes — Deus explicou. — Todos serão julgados e pagarão pelos erros que cometeram ao longo da jornada. Mas lembre-se de que algumas curvas não têm volta. Pactos com demônios e magia negra são duas delas, senhorita Josefa.

— Sim, Senhor — ela respondeu.

— Vejo vocês no céu.

Dito isso, Deus entregou o pandeiro na mão de Toninho e caminhou na mesma direção em que tinha partido o diabo. No caminho, pousou a mão divina no ombro de um homem que logo começou a gritar que podia enxergar. Aos berros de “milagre, milagre”, a população se dispersou rumo ao recém abençoado.

— Tu podia ter me contado sobre esse seu pacto às avessas — Toninho disse à maga, como quem não quer nada.

— Não podia, não — ela respondeu. — Deus disse que se eu falasse a verdade, de duas uma: ou as pessoas me achariam maluca ou me ajudariam em nome Dele. Tava escrito na cláusula cinco do contrato pactual: *não contarás*.

Toninho a espiou meio de lado, com as sobrancelhas franzidas e braços cruzados. Era a mesma expressão sempre que ele avaliava se a

maga o estava fazendo de bobo ou não.

— Mas e agora, que que tu vai fazer?

— Não sei — Josefa respondeu. — Fiz tudo pensando nesse momento. Agora que minha alma tá salva, me sinto meio perdida.

— Tu ouviu o que o todo poderoso disse: tem que ficar na linha. Pensar na direção, no tal do caminho que leva pro mesmo lugar.

Josefa conteve um sorriso e fez cara de irritada.

— Que que tu tá propondo, estrupício? Diga logo.

— Se tu não tem nada melhor pra fazer, continuar caçando é um bom meio de se proteger do inferno.

— Eu e tu?

— Tu e eu, agora tudo igualzinho, cinquenta, cinquenta. — A maga abriu a boca para protestar, mas o caçador ergueu um indicador irritante. — A-a-ah! Bondade, caridade, lembra do que Deus falou? De agora em diante tu tem que ser mais justa e menos maldosa, senão, já sabe... — Toninho disse, apontando para baixo.

— Afe, tô vendo que eu vou acabar é morrendo de tédio — ela respondeu. — Tá bom, caçador, cinquenta, cinquenta, mas só porque ter a alma salva me deixou de bom humor.

Toninho cuspiu na mão e a estendeu à maga.

— Pacto de cuspe, caçador?

— Pois é, seus tempos de pacto de sangue acabaram, sinto lhe informar.

Josefa apertou a mão dele a contragosto.

— Por onde a gente começa? — ela perguntou, forçando um ar entediado.

— Na estrada ouvi uns caixeiros viajantes falando que os gigantes acordaram lá na Chapada Diamantina.

— Então vamos colocá-los pra dormir de novo.

A maga sacou o galho de cajueiro da bolsa. Toninho montou sobre Véia e deu um longo suspiro.

— Tu pode até estar com a alma salva, mas pra mim tu sempre será a filha do capeta.

— Ah, Toninho, quando tu fala assim meus dedos até coçam pra te transformar num xique-xique.

Da janela de uma casinha amarela, dois homens observavam a cena. O diabo deu uma cotovelada em Deus.

— Aposto dez almas que essa aí não demora pra voltar pro meu lado.

— Sabes muito bem que eu não aposto a alma dos meus filhos. A não ser, obviamente, que eles se voluntariem — Deus respondeu. — Mesmo quando a vitória é certa.

Toninho e Josefa logo alcançaram a estrada de terra. O sol estava quente, a poeira pairava no ar. A monotonia da caatinga ladeava o caminho. Os dois caçadores partiam, lado a lado, rumo à próxima missão.

FIM

Toda lenda tem raízes na realidade e Toninho sabe disso melhor do que ninguém — a seca é apenas uma das muitas maldições que assolam o agreste. Fantasma, vampiros e gigantes não assustam o caçador de demônios, mas ele se surpreende ao conhecer Josefa, filha do sete-pele, que também percorre estradas áridas atrás de criaturas do mal. As intenções da maga em lutar contra os seus talvez sejam obscuras, mas a jornada ao seu lado é certamente mais iluminada.

Sobre a autora

Paola Siviero é apaixonada por fantasia e ficção científica. Já publicou na revista Dragão Brasil e na revista Trasgo. “O auto da maga Josefa” é sua primeira novela.

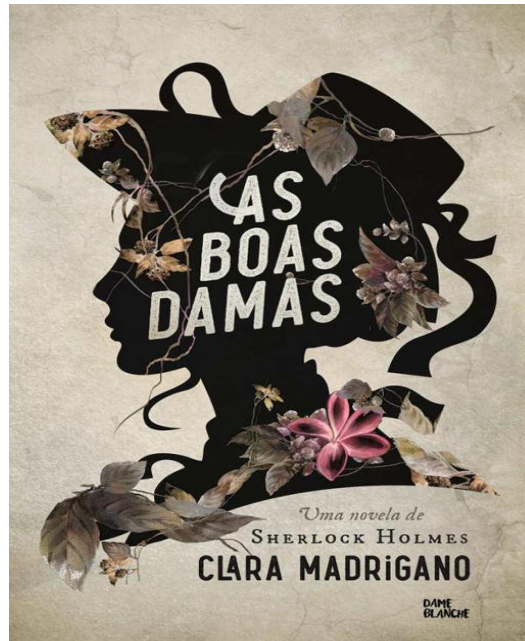
**Confira as outras publicações
da Dame Blanche**

Um berço de heras (As estações #2)



Belfast, 1924. Um homem acusado de assassinato põe um presídio inteiro em pânico: como é possível que nasçam flores e plantas de dentro de uma fria cela de concreto? Na tentativa de investigar o caso, um capitão do Exército vai se deparar com um mundo desconhecido - e com fantasmas que ele desejava ter esquecido.

As Boas Damas



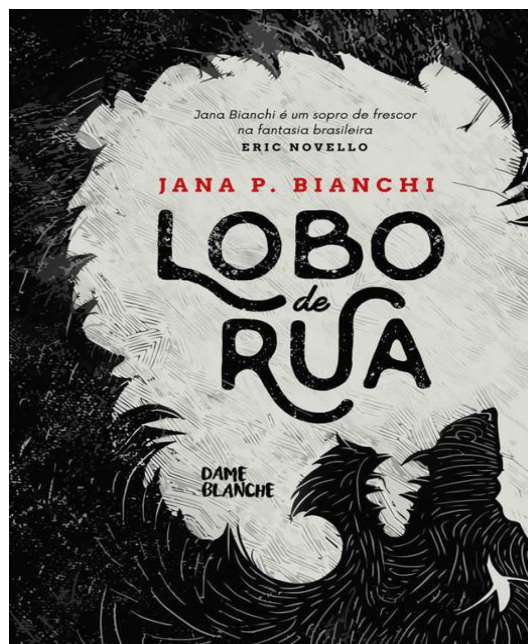
"As boas damas" é a aventura de Annabel Watson, filha do famoso doutor e parceiro de investigações de Sherlock Holmes. Anos depois da morte dos pais, Anna vive com Holmes, seu tutor legal, que está prestes a se aposentar, até uma última cliente aparecer: uma dama da sociedade, que confessa ter assassinado o próprio filho, desafiando o detetive a descobrir suas motivações. Holmes, com Annabel a tiracolo, vê-se diante de um mistério que parece encobrir um mundo sobrenatural.

A casa de vidro (As estações #1)



Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

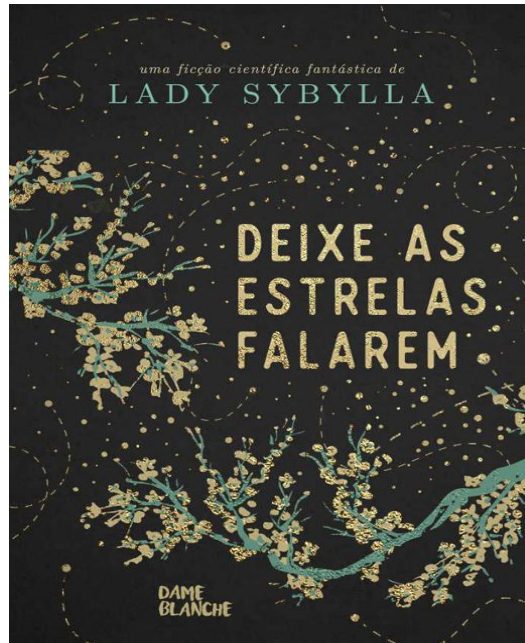
Lobo de rua



Raul é um morador de rua, um homem invisível e desgraçado como tantos os outros. Como se sua desgraça não fosse suficiente, Raul contrai a maldição da licantropia, tornando-se um lamentável lobo de rua. Tito Agnelli não compartilha do abandono de Raul, mas conhece muito bem a sensação de ser rasgado por dentro, todos os meses, pela coisa vil que se abriga nele. Assim, compadecido com o sofrimento do recém-transformado, Tito acolhe Raul na Alcateia de São Paulo, extinta até então por falta de lobisomens residentes na Pauliceia. Depois de décadas de contaminação, Tito conhece cada detalhe da maldição que o transforma em lobisomem. Além disso, conhece também a Galeria Creta, um lugar em São Paulo onde ele e outros dos seus são bem vindos nas noites de lua.

Basta pagar o preço.

Deixe as estrelas falarem



Rosa não vê a hora de voltar para sua nave, o cargueiro independente Amaterasu. Reúne sua tripulação, mas se vê em uma situação desesperadora quando se percebe sem dinheiro, com a nave ancorada em um espaço-porto. Eis que um contrabando misterioso surge e uma oportunidade rara de fazer muito dinheiro em pouco tempo. Mas o trabalho não virá sem consequências para Rosa e sua tripulação.

DAME 
BLANCHE

uma ficção científica fantástica de
LADY SYBYLLA

**DEIXE AS
ESTRELAS
FALAREM.**

DAME
BLANCHE

Deixe as estrelas falarem

Sybylla, Lady
9788592997052
70 páginas

[Compre agora e leia](#)

Rosa não vê a hora de voltar para sua nave, o cargueiro independente Amaterasu. Reúne sua tripulação, mas se vê em uma situação desesperadora quando se percebe sem dinheiro, com a nave ancorada em um espaço-porto. Eis que um contrabando misterioso surge e uma oportunidade rara de fazer muito dinheiro em pouco tempo. Mas o trabalho não virá sem consequências para Rosa e sua tripulação.

[Compre agora e leia](#)



As boas damas

Madrigano, Clara

9788592997045

76 páginas

[Compre agora e leia](#)

"As boas damas" é a aventura de Annabel Watson, filha do famoso doutor e parceiro de investigações de Sherlock Holmes. Anos depois da morte dos pais, Anna vive com Holmes, seu tutor legal, que está prestes a se aposentar, até uma última cliente aparecer: uma dama da sociedade, que confessa ter assassinado o próprio filho, desafiando o detetive a descobrir suas motivações. Holmes, com Annabel a tiracolo, vê-se diante de um mistério que parece encobrir um mundo sobrenatural.

[Compre agora e leia](#)



Um berço de heras

Martino, Anna Fagundes

9788592997021

60 páginas

[Compre agora e leia](#)

Belfast, 1924. Um homem acusado de assassinato põe um presídio inteiro em pânico: como é possível que nasçam flores e plantas de dentro de uma fria cela de concreto? Na tentativa de investigar o caso, um capitão do Exército vai se deparar com um mundo desconhecido - e com fantasmas que ele desejava ter esquecido.

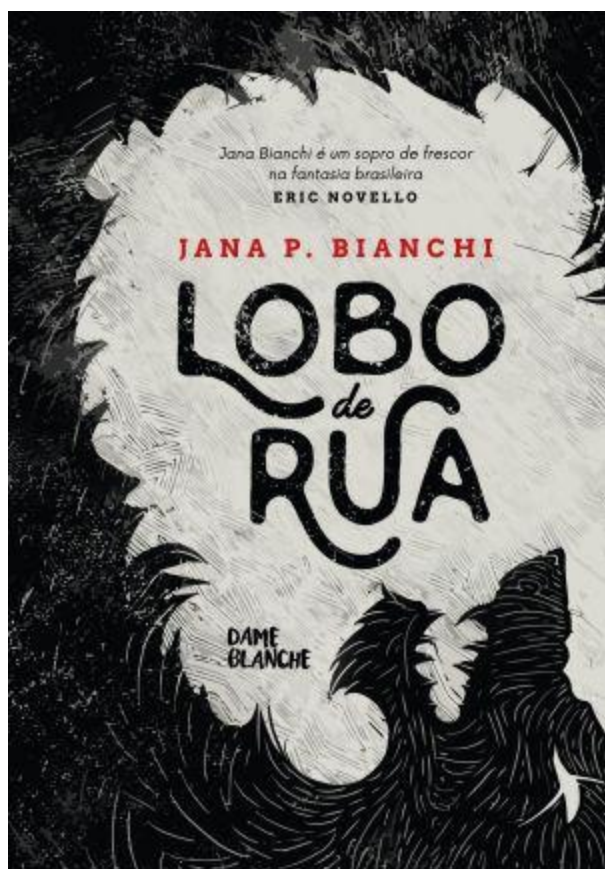
[Compre agora e leia](#)

Jana Bianchi é um sopro de frescor
na fantasia brasileira
ERIC NOVELLO

JANA P. BIANCHI

LOBO *de* RUA

DAME
BLANCHE



Lobo de rua

Bianchi, Jana P.
9788592997014
105 páginas

[Compre agora e leia](#)

Raul é um morador de rua, um homem invisível e desgraçado como tantos os outros. Como se sua desgraça não fosse suficiente, Raul contrai a maldição da licantropia, tornando-se um lamentável lobo de rua. Tito Agnelli não compartilha do abandono de Raul, mas conhece muito bem a sensação de ser rasgado por dentro, todos os meses, pela coisa vil que se abriga nele. Assim, compadecido com o sofrimento do recém-transformado, Tito acolhe Raul na Alcateia de São Paulo, extinta até então por falta de lobisomens residentes na Pauliceia. Depois de décadas de contaminação, Tito conhece cada detalhe da maldição que o transforma em lobisomem. Além disso, conhece também a Galeria Creta, um lugar em São Paulo onde ele e outros dos seus são bem vindos nas noites de lua. Basta pagar o preço.

[Compre agora e leia](#)



A casa de vidro

Martino, Anna Fagundes

9788592997007

78 páginas

[Compre agora e leia](#)

Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[CRÉDITOS](#)

[ÍNDICE](#)

[PRÓLOGO](#)

[1 — O DIA DA CAÇA](#)

[2 — FORRÓ, SANGUE E CACHAÇA](#)

[3 — A MALDIÇÃO DA CASA GRANDE](#)

[4 - O MISTÉRIO DO AÇUDE ORÓS](#)

[5 — CÉU EM CHAMAS](#)

[6 — A LUZ QUE ME ALUMIA](#)

[7 — CORAÇÃO DE PEDRA](#)

[8 — O OLHAR DA ESCURIDÃO](#)

[9 — LUAS PASSADAS](#)

[10 — O REPENTE DO INFERNO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)